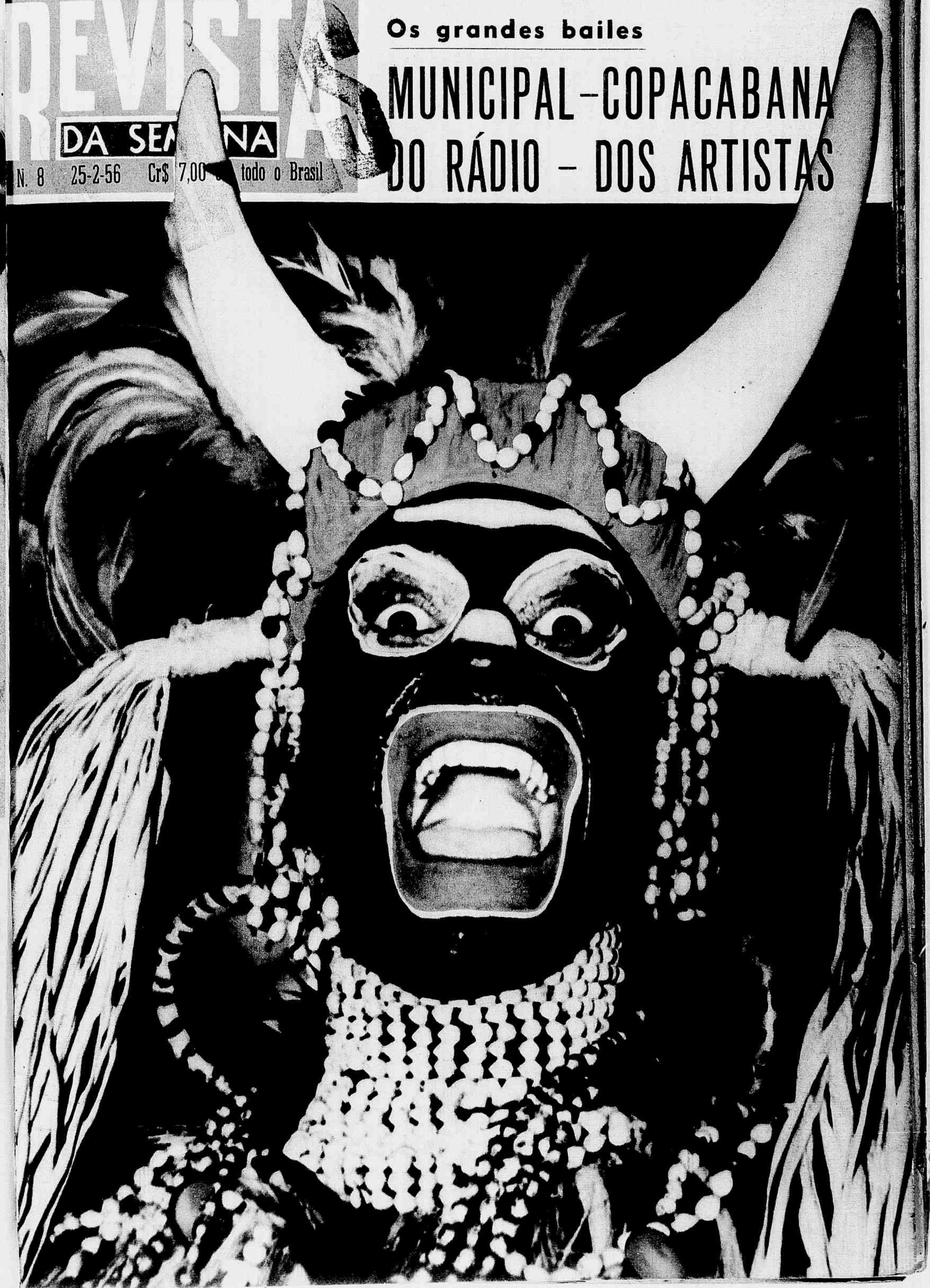


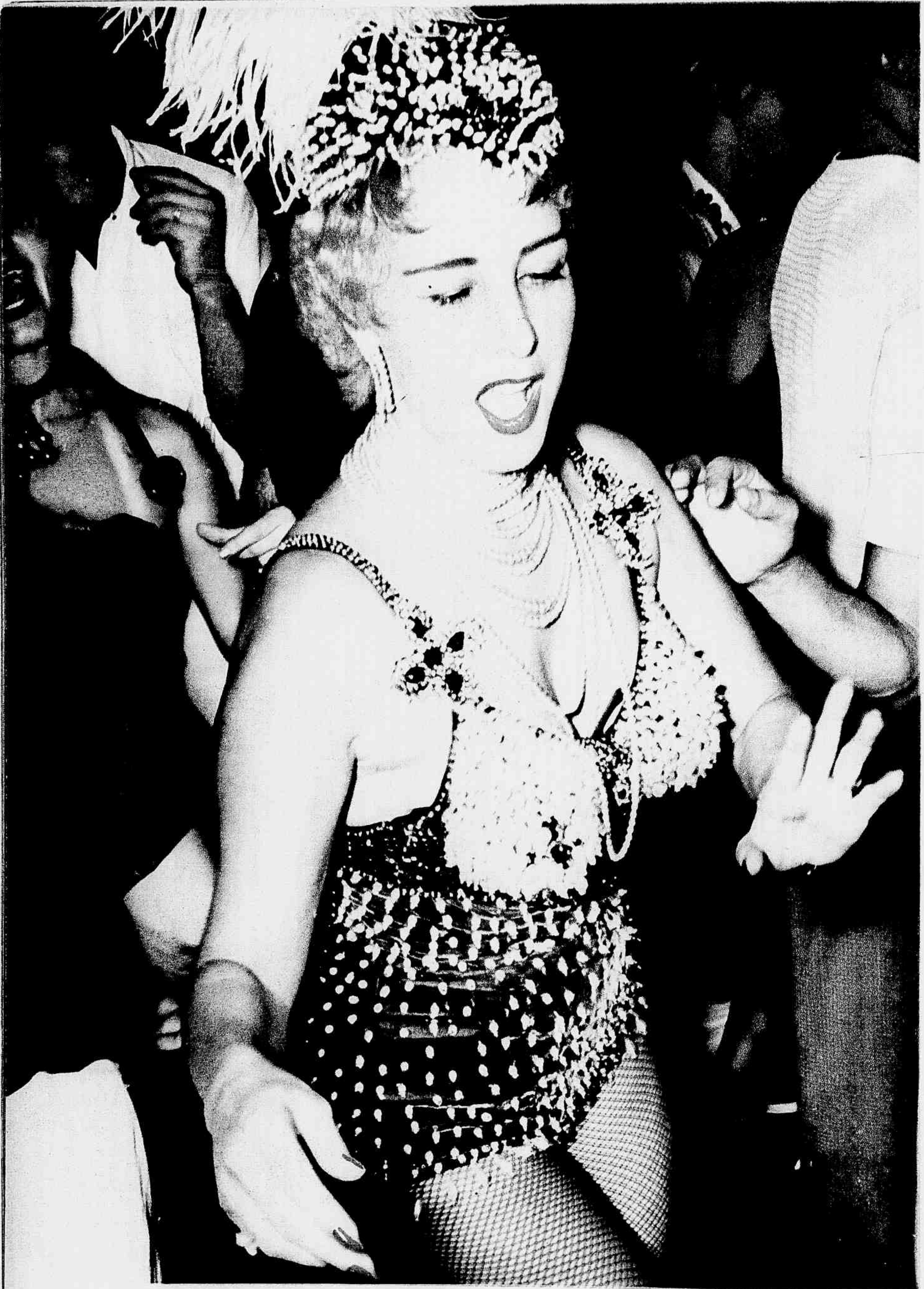
REVISTA
DA SEMANA

N. 8 25-2-56 Cr\$ 7,00 todo o Brasil

Os grandes bailes

MUNICIPAL-COPACABANA DO RÁDIO - DOS ARTISTAS





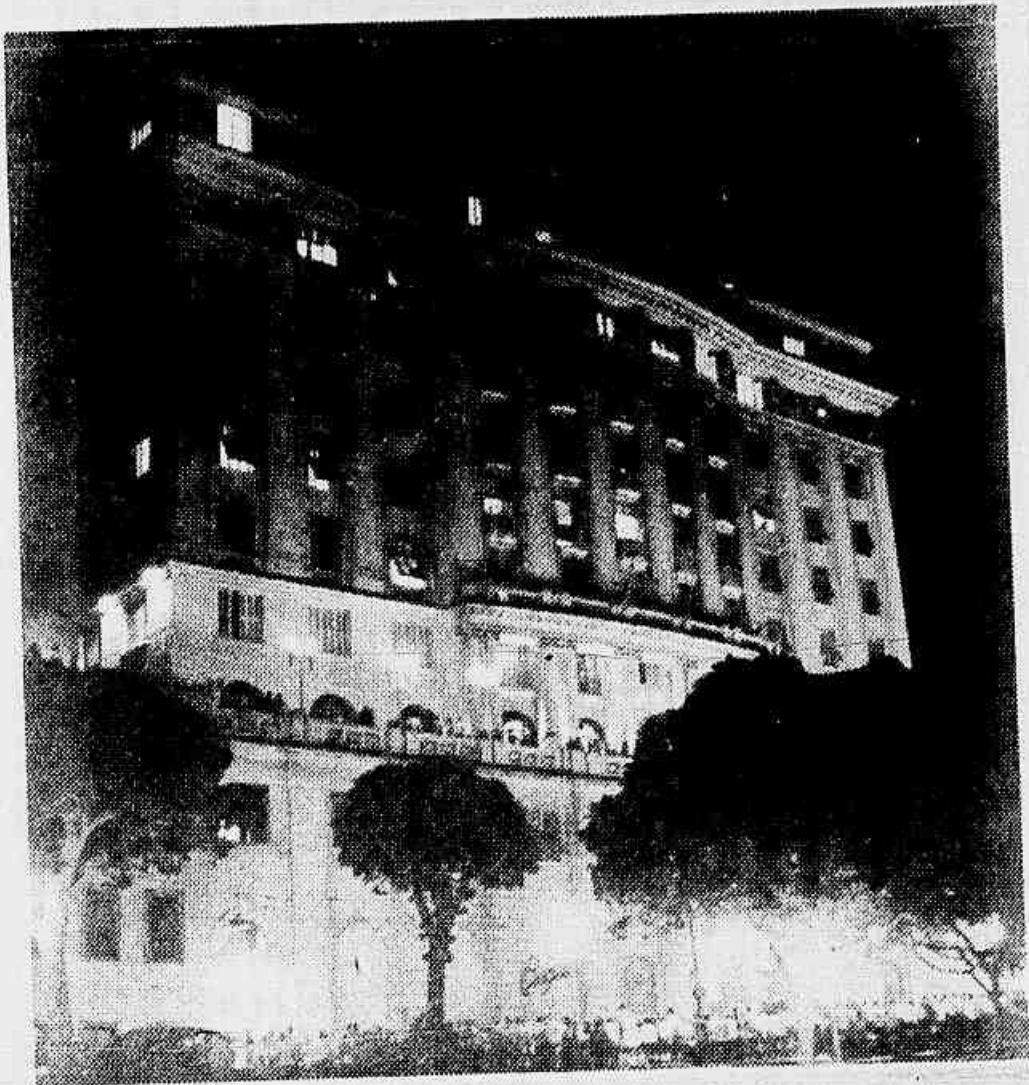
Fotos
A. FERREIRA

PEGOU FOGO O GLÓRIA COM O

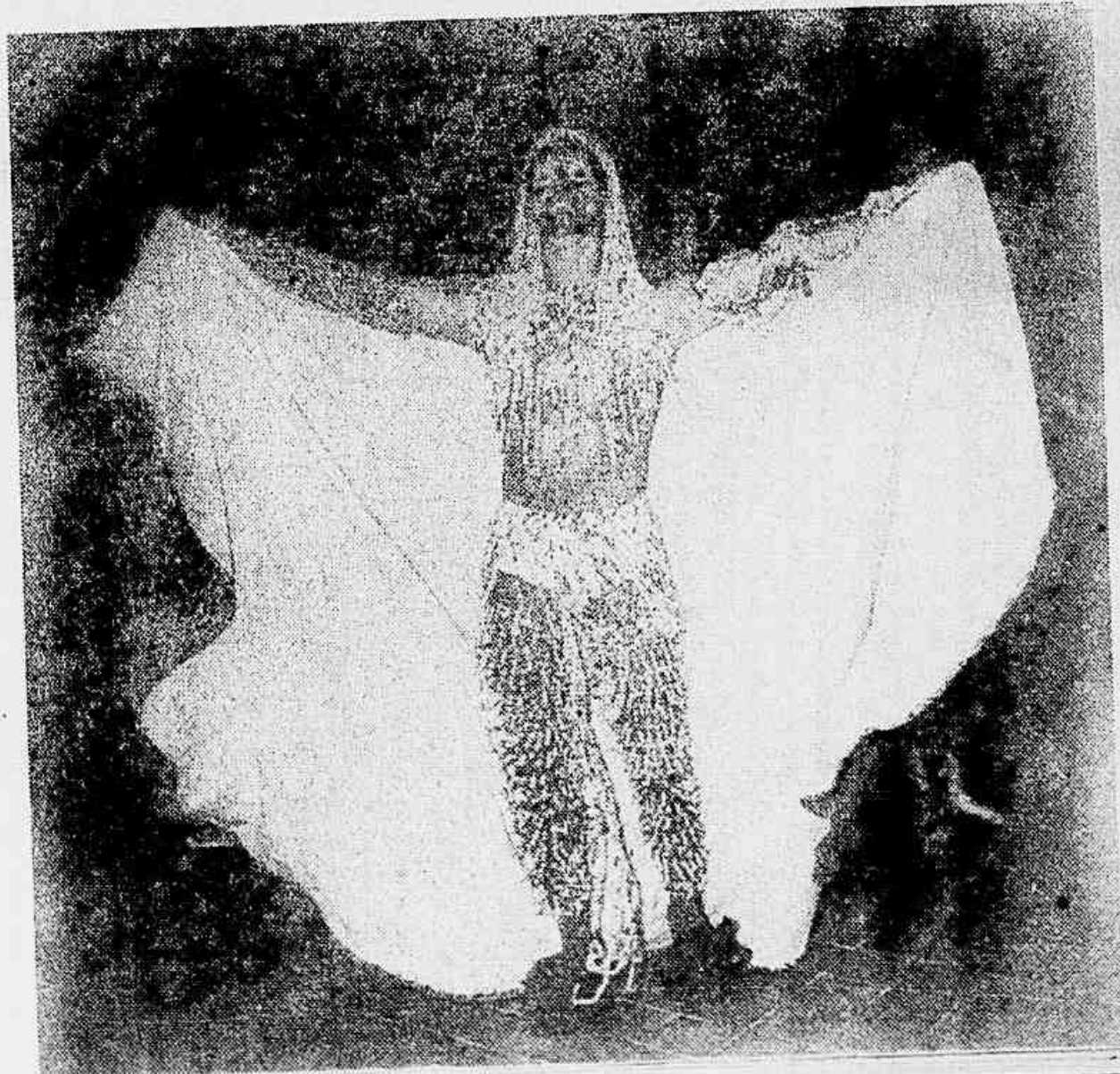
BAILE DOS ARTISTAS

3 **MAIS UMA VEZ**, o Baile dos Artistas atrai, para o Glória, as atenções do folião carioca. Durante seis horas, no sábado que precedeu o carnaval, a turminha de Momo pulou e brincou a valer, ao som de duas orquestras, nos salões do tradicional hotel. E' bem verdade que, êsse ano, o número de fantasias diminuiu muito. Porém, como o que vale, em matéria de carnaval, é animação, e como a animação continuou a mesma, podem os leitores avaliar, por essas páginas (mas sômente avaliar) o que foi o baile do ano de 1956.

A FACHADA DO GLÓRIA. O hotel é cenário, todos os anos, de alguns dos mais interessantes e suntuosos bailes do carnaval carioca. Para não fugir à tradição, o Baile dos Artistas, aí realizado, foi um sucesso, que entrará para sua história.



NA PÁGINA à esquerda, Rosângela Maldonado se esbalda em boas condições; acima, algumas das mais belas fantasias presentes ao Baile dos Artistas. A foto de cima, à direita, o Rei Momo quando dava entrada no Salão, sendo cumprimentado por Ruth Amaral, com sua vestimenta premiada.





A VAMP 1920, MORDIDINHA NA ORELHA, CONFRATERNIZAÇÃO A TRÊS, ACROBACIAS NA MESA, ABRACO DE



OLHA AÍ a confusão! Uma hora da manhã, e o Hotel Glória pegou fogo. Explica-se: era o Baile dos Artistas, e os ditos e não ditos davam largas à sua alegria, sem ligar para o azar.



URSO, BEIJO NA BOCHECHA, PASSO DE URUBU MALANDRO E RESSACA, TUDO ESTÊVE NO BAILE DOS ARTISTAS



O BAILE DOS ARTISTAS era de início organizado pelos artistas plásticos do Rio de Janeiro. Posteriormente, os cantores, as atrizes, as coristas, as vedetes, os bailarinos e dançarinas, todos aqueles, enfim, que têm algum contacto com a Arte, elegeram o Baile dos Artistas o SEU baile. O dêsse ano prosseguiu de maneira brilhante a tradição: alegria, animação, divertimento, e pouca confusão, caracterizaram a grande festa de sábado, 4 de fevereiro, no Hotel Glória.





NO BAILE DO RÁDIO A 40°

3 NA FESTA de coroação da Rainha do Rádio, havia de tudo, até artistas de rádio. Tão grande foi o apêto do salão, que um cordão teve de ser estabelecido, embargando a passagem dos foliões, que lá pelas tantas, não suportando mais o estado de coisas, terminaram por arreventá-lo. Houve desequilíbrios, tropeções, gente desabando por cima uns dos outros, mas felizmente tudo terminou bem. Cada qual se divertiu como pôde. Ninguém fez ondas, nem curtas, nem longas. E a Rádio Patrulha não foi chamada, nem uma vez, a funcionar. — (Fotos de A. FERREIRA).

Ano 56 — N° 8 — Rio de Janeiro — 25-2-1956

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira
ASSISTENTE..... José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Fernando Lôbo, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Baile dos Artistas	2/5
Baile do Municipal	8/15
Martinha casou-se	25/27
Confiança no futuro do Brasil	40/41
Baile da Rainha do Rádio	44/49
Baile da Rainha do Carnaval	50/51
No Copa	52/57

SEÇÕES

Semana Astrológica	20
Champanhota	21
Por esse mundo de Deus	22/23
TV na Revista	24
Pelas esquinas da noite	30
Femininas	36/37
Palavras Cruzadas	38
Flashes do Brasil	39
Revista há 50 anos	43
Artes	49
Último flash	58
Figura em foco	59

HUMORISMO

Fortuna	62/63
---------------	-------

LITERATURA

O teste perigoso (A. Nery)	7
Meu Anjo (L. Castro)	34/35
A Ronda da Morte (S. Streuvels)	60/61

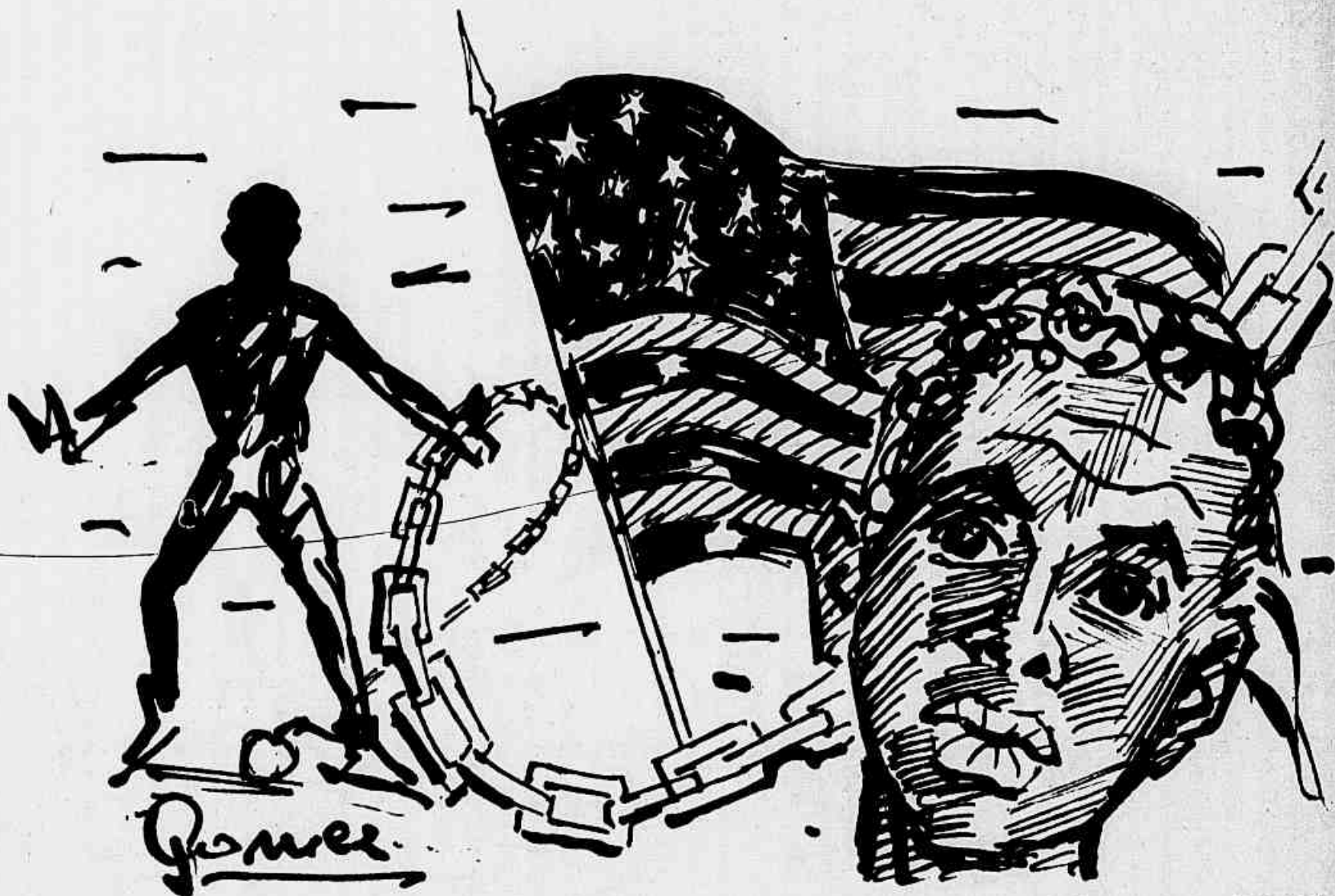
VARIEDADES

Aconteceu no Baile do Rádio	6
A Fúria dos Justos	18/19
Elizabeth da Áustria	28/29
Noite inesquecível	31/33

CAPA

Carnaval (Foto de ALBERTO FERREIRA)

Este número consta de 64 páginas.



Desenho de GOMEZ

O TESTE PERIGOSO

O povo norte americano tem o hábito elogiável de cumprir as leis e cumprindo-as aprendeu a respeitar o direito dos seus semelhantes. Agora entretanto uma determinação constitucional assinada e aprovada pelos poderes competentes, me parece que não será obedecida. Vivi nos Estados Unidos algum tempo e tive oportunidade de observar com espanto crescente, o tremendo conflito existente entre o americano de raça branca e o igualmente americano mas, de raça negra. Aqui, vez por outra, nos chegam notícias de lutas e mortes provocadas pelo olhar de um cidadão negro à uma loira. Olhar que desencadeia ódios e recrudescer vinganças de forma selvagem. Para quem lá viveu, essas coisas foram constatadas quase semanalmente. Num país acentuadamente democrático, reconhecido como campeão dos direitos humanos e marcadamente respeitador da liberdade de cada um, nunca, por maiores e mais fortes argumentos que apresentem para essa luta de extermínio e combate sem tréguas de branco ao negro, povo algum principalmente o brasileiro, pode aceitar ou compreender.

Vemos agora, depois de uma lei feita para ser obedecida como todas as outras sem alternativas, a eclosão de uma revolta na Universidade de Alabama pelo fato de uma estudante de cor negra, Autherine Luxy, matricular-se na mesma usando de uma prerrogativa concedida pela soberania da Justiça. Esta negra é perseguida, sobre as restrições e é até ameaçada de morte caso permaneça defendendo os seus direitos de cidadã norte americana. Esta jovem talvez pague com a vida, a confiança nas determinações constitucionais oferecida com igualdade pelo seu país a todos os seus filhos. Não creio que o conflito termi-

ne honrosamente para qualquer uma das partes. Autherine Luxy está com todos os direitos mas é negra e isso é estigma imperdoável para o americano branco. Há tempos, Marian Anderson, a cantora mundialmente aplaudida e ovacionada em todas as maiores platéias do mundo, não conseguiu numa cidade dos Estados Unidos se hospedar no melhor hotel pelo fato de ser negra. Teve de cancelar o concerto e voltar ao seu apartamento em Nova York. Assim como a cantora, outras figuras excepcionais nas artes e nas ciências, têm na sua própria pátria, a barreira da discriminação racial.

Como fui testemunha ocular destes conflitos e dessas separações odiosas e absurdas, como senti de perto a exaltação dos ânimos brancos contra os seus irmãos negros, não me parece que o caso da Universidade de Alabama, venha a ser resolvido dentro de todos os princípios humanos e justos. Autherine Luxy dará margem talvez a resultados penosos com consequências graves uma vez que, o americano branco deixará de cumprir pela primeira vez, uma lei que dá no mesmo pé de igualdade, oportunidades paralelas aos cidadãos filhos daquele fabuloso e admirável país. Aposto como essa lei será ignorada pelos homens de olhos azuis e cabelos loiros como as espigas. Autherine será o teste que orientará os julgamentos do mundo que acompanha avidamente este estranho caso de Alabama!

ADALGISA NERY



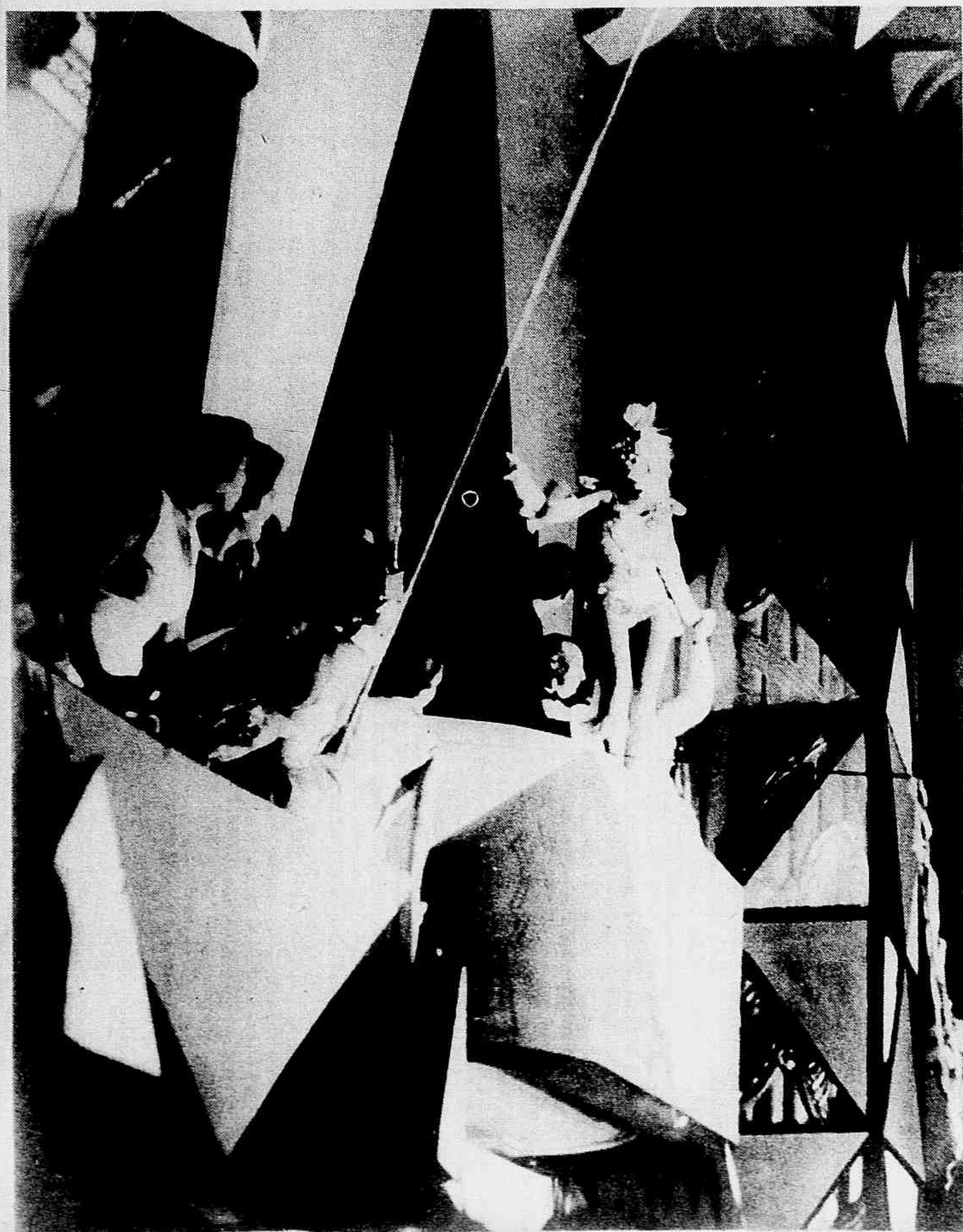
MILHARES DE FOLIÕES

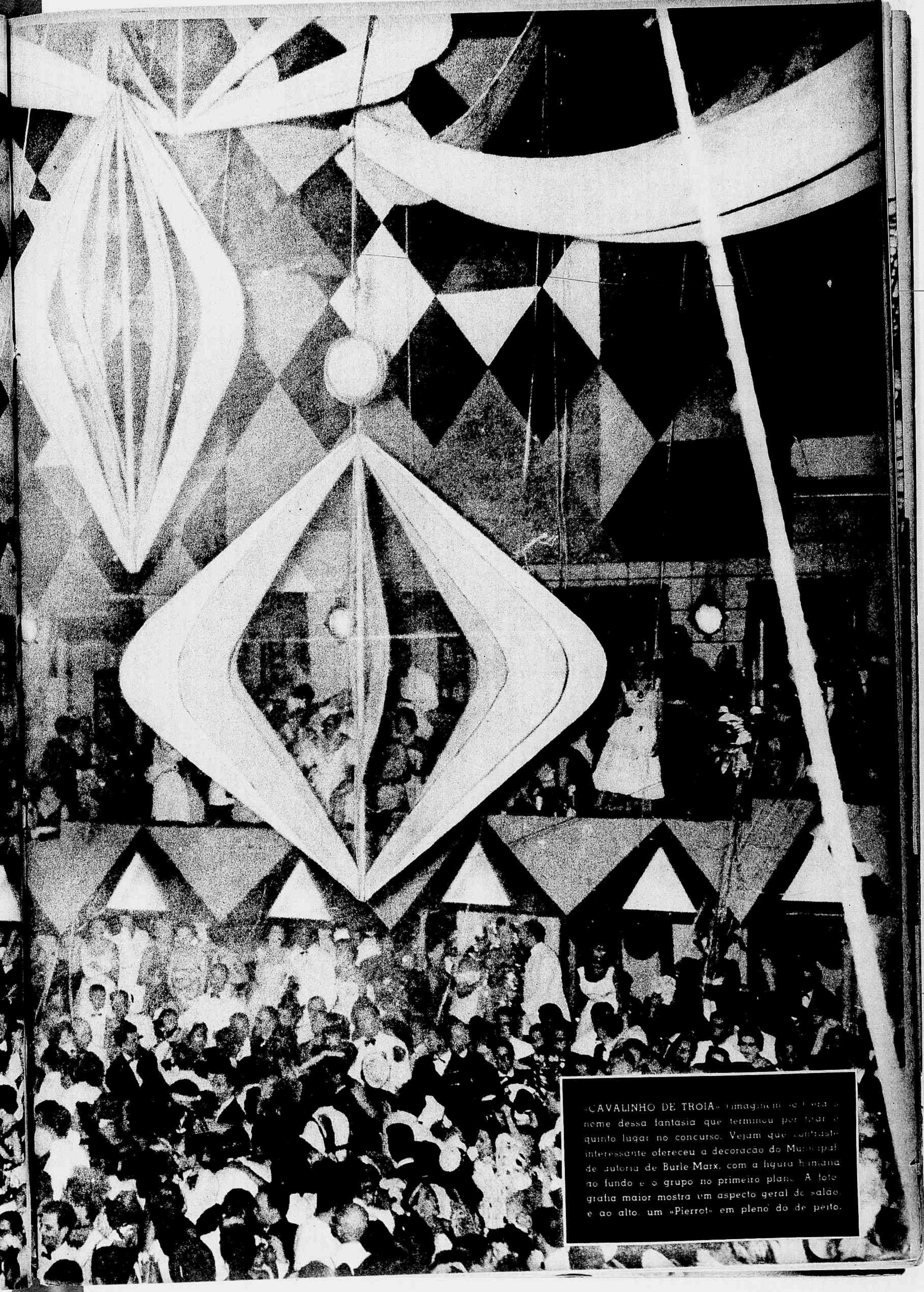
MILHARES DE LUZES

MUITA ANIMAÇÃO E

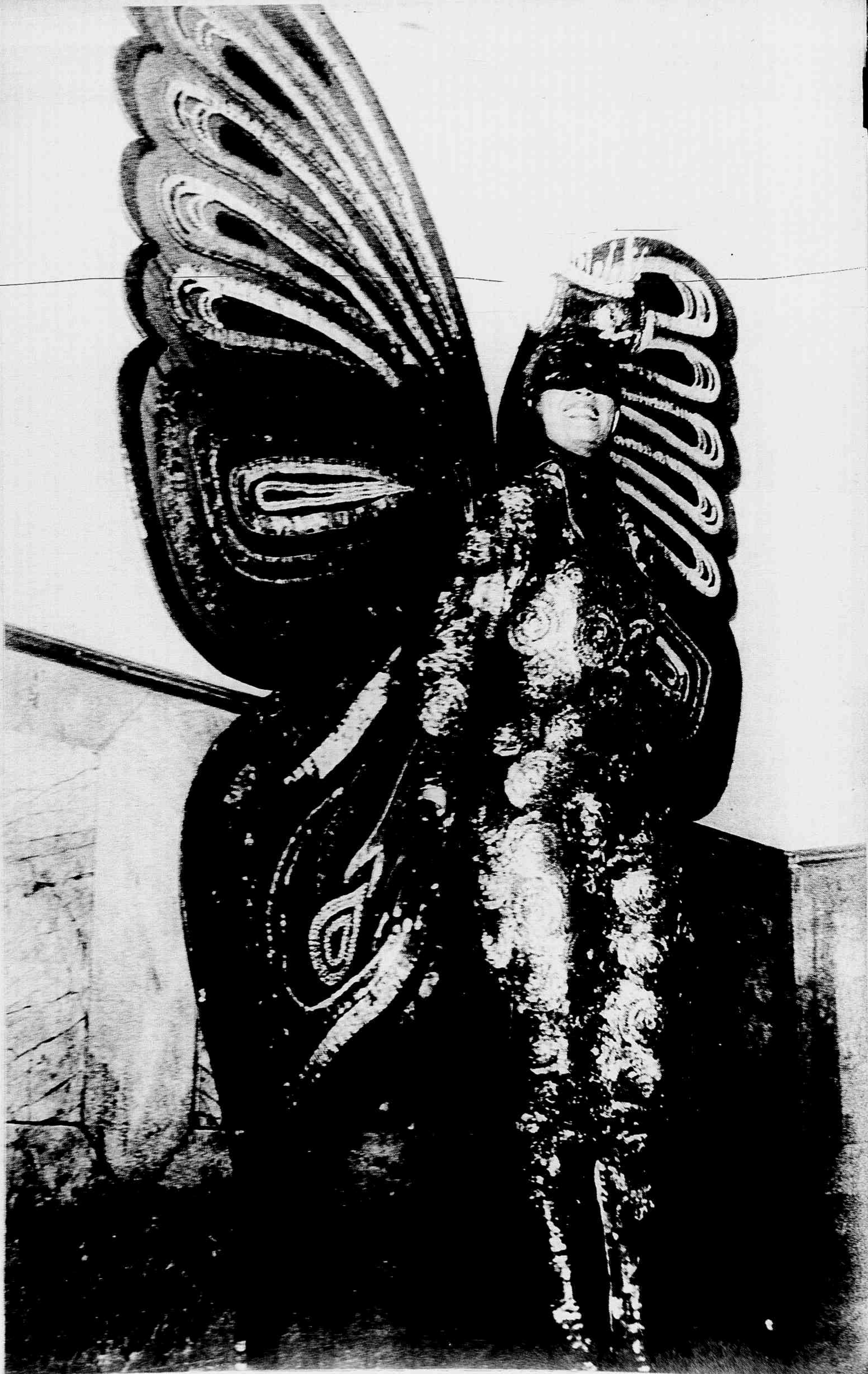
MUITA FARTURA NO

BAILE DO MUNICIPAL





«CAVALINHO DE TROIA» (imaginem se fora o nome dessa fantasia que terminou por ficar o quinto lugar no concurso. Vejam que contraste interessante ofereceu a decoração do Municipal de autoria de Burle Marx, com a figura humana ao fundo e o grupo no primeiro plano. A fotografia maior mostra um aspecto geral do salão, e ao alto, um «Pierrot» em pleno dô de peito.



ZÉLIA HOFFMANN, COM UMA FANTASIA DE LENDA, CONQUISTOU O PRIMEIRO PRÊMIO NO MUNICIPAL



Srta. ZÉLIA HOFFMANN, Primeiro Prêmio do Concurso de Fantasias do Baile de Gala do Municipal, com «Borboleta Real», criação do figurinista Aelson. Custou nada menos de 125 mil cruzeiros. A decisão do júri, ao premiar essa fantasia realmente bela, foi acolhida com palmas.



Srta. MADALENA DOS SANTOS, Segundo Prêmio, com «Melisande». Cem mil cruzeiros de plumas e de pedrarias. Fantasia em branco e amarelo. A plástica de sua dona despertou admiração. Também não houve dúvidas quanto ao mérito do segundo lugar que lhe foi atribuído.

Srta. MARY SAAD, 3º Prêmio, com «Rainha do Nilo», uma fabulosa fantasia em verde, que, contrastando com a pele morena de sua proprietária, ofereceu aos espectadores um efeito alucinante. Fios de pérolas se entrecruzavam em todas as direções, e faiscavam à luz das lâmpadas

O PONTO MAXIMO do fabuloso Baile de Gala do Teatro Municipal, que todos os anos se realiza, na segunda-feira de Carnaval, nos salões de nosso primeiro teatro, é sem dúvida alguma o Concurso de Fantasias, que esse ano teve como Comissão Julgadora os senhores Herbert Moses, Jacinto de Thormes, Caribé da Rocha, Mateus Fernandes, Sílvio Piergile, Nelson Azevedo Branco, Guilherme de Figueiredo, Mário Conde e Aciolly Neto. Por esse Júri, foram premiadas seis fantasias femininas («Borboleta Real», de Zélia Hoffmann; «Melisande», de Madalena dos Santos; «Rainha do Nilo», de Mary Saad; «Maria da Rússia», de Raquel Hasson; «Cavalinho de

Tróia», de Fernanda Schelman; «Arara Imperial», de Lúcia Lamour), e uma masculina («Pierrot», de Zacarias do Rêgo Monteiro), aliás pela primeira vez em tais certames. À primeira, segunda e terceira colocadas foram oferecidas, respectivamente, uma pulseira de ouro, platina e brilhantes, um par de clips de ouro e brilhantes e um par de broches do mesmo material. O Pierrot do sr. Rêgo Monteiro mereceu-lhe um isqueiro de ouro. Fato singular, em se tratando de certames semelhantes: não houve reclamações, após ter sido dado o veredicto final. (Fotos de **NEWTON VIANA** e **VICTOR TAPAJÓS**)

O BAILE DO TEATRO MUNICIPAL FOI A CONTINUAÇÃO



O VICE-PRESIDENTE João Goulart, com sua esposa, e Teresa Goulart, permaneceram até alta madrugada observando os fatos.

• BANCOS NUNCA deixam muito de assistir os espetáculos desportivos, que também são o Município, muito para substituir o Teatro Lírico, e onde se exibiram artistas como Carlos Tinoco, João Carlos, Miro, Siqueira, Figueiredo, Werneck e outros. Deu quem mais, não foi possível para compor os bailes municipais, e assim é que lá é uma tradição da cidade o baile de Segundo-Prêmio, realizado sempre como de espetáculo, que vai para o público, uma transformação social. Éste ano, o baile não teve a tradição. É com que sucesso. A decoração de Baile Marx, segundo completamente ao que nos é toda uma de mais muitas apresentações, muitas observações, que foram ao mesmo tempo uma nova iniciativa. Deu grandes espetáculos, com a noite toda, se quiser em quando executando várias músicas de canções populares, com muita a presença do velho guarda, que, de «amador» ou em vestido de baile, sempre nos concursos, o baile lá em baixo. A iluminação não houve nenhuma para a público. O prefeito Sá Leão observou de tranqüilo a transformação de tirar o teatro, acompanhado, até de casa da madrugada, pelo vice-presidente João Goulart e outros, e por inúmeras outras personalidades.



Sra. RAQUEL HAAKON, Quarto Prêmio, com «Marta de Rússia». Paulista, é a 1ª vez que compõe o Município. Imaginem as quando foram pela sua fantasia, desenhada por Alberto, de S. Paulo, com um mil cruzados.

REVISTA DA SEMANA — 11



Sra. FERNANDA SUPELMAN, 5º Prêmio, com «Cavaleiro de Frola». Despertou grandes aplausos quando apresentou-se. Sua fantasia foi desenhada por Nelson, mais igualmente, da fantasia que conquistou o 1º prêmio.

BRILHANTE DE UMA TRADIÇÃO



O BAILE DO MUNICIPAL foi pródigo em fantasias. Felizmente, porque, nos outros bailes, com exceção do do Copa, podiam ser contadas a dedo. Essa página mostra algumas dessas fantasias. Certas delas, se acaso tivessem concorrido aos prêmios, teriam dado muita dor de cabeça aos nove membros da Comissão Julgadora. A folia foi boa no enorme teatro carioca. E olhem Dercy Gonçalves (em baixo, à esquerda), como se diverte de fato.





NO MUNICIPAL

VÁRIAS PESSOAS de prestígio, no mundo do rádio, do teatro, da televisão, da imprensa, compareceram ao baile do Municipal. Entre elas, é justo realçar a presença de Elvira Pagã, com uma linda fantasia. Aliás, dessa vez não foi preciso a presença da Polícia, para patrulhar os arroubos paradisíacos da conhecida «vedette». Comentou-se a ausência da irrequieta Luz del Fuego. Mas muita gente boa lá estava a postos para se divertir.



MULHERES são, comumente, a matéria prima com que se fazem



os grandes bailes do carnaval carioca. No Municipal foi o que aconteceu. Vejam só essas fotografias, em que aparecem mulheres de tôdas as idades em plena cantoria carnavalesca, entre elas a louríssima e simpática Ester Tarcitano, com um traje algo sumário, que despertou o interesse geral.





Senhor Carlos Barreto Rosas quando pronunciava sua oração ante numerosa assistência que compareceu à solenidade.

INAUGURADA EM SALVADOR

NOVA AGÊNCIA DO LÓIDE AÉREO



Aspecto da confortável Agência inaugurada em Salvador.

O Lóide, em prosseguimento ao plano de distensão de suas linhas aéreas pelas longínquas cidades do território brasileiro, vem de efetuar, em Salvador, no Estado da Bahia, a inauguração de mais uma importante Agência.

O fato que é de grande significação para a capital baiana foi condecoradamente comemorado, fazendo-se representar na solenidade de inauguração figuras de relêvo da sociedade, do comércio e da indústria locais.

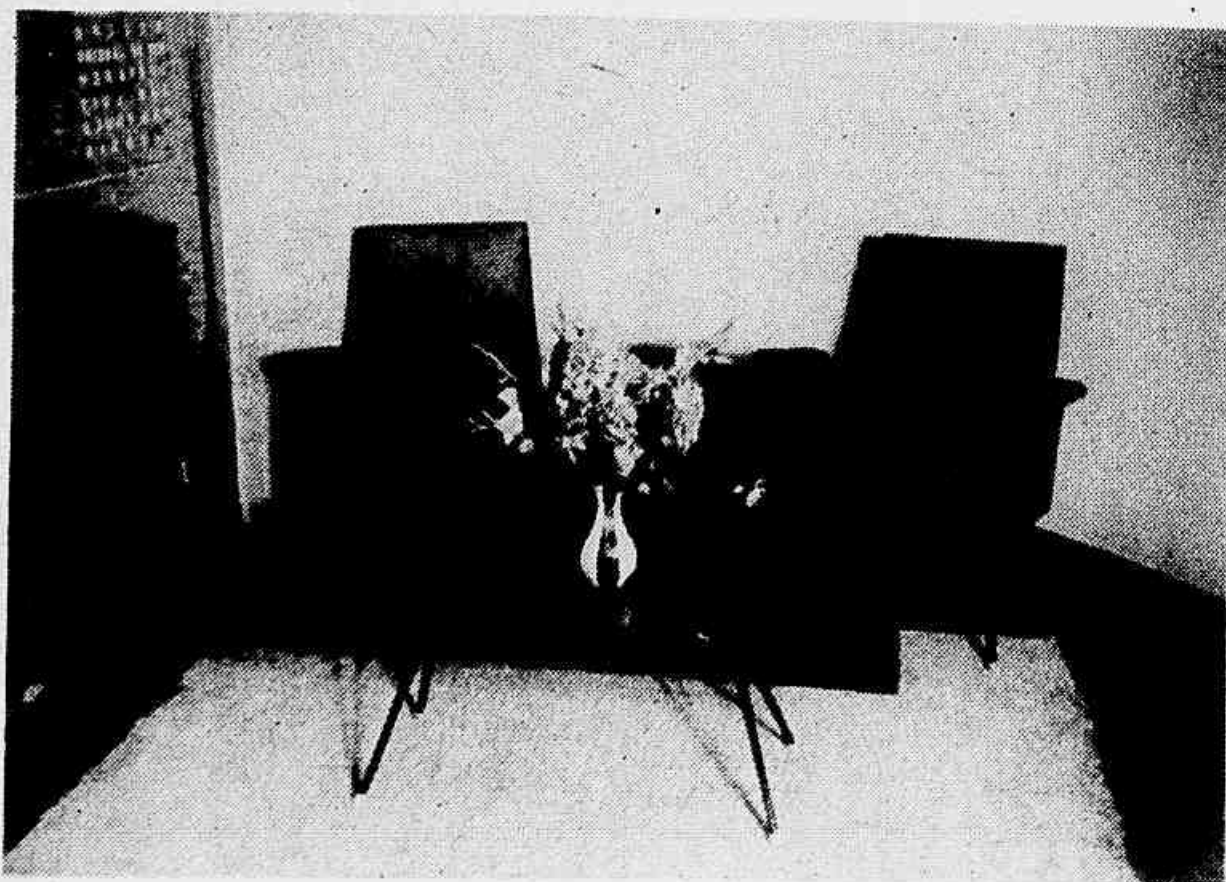
A novel Agência do Lóide Aéreo, artisticamente decorada e muito confortável, é a afirmação do invejável progresso da mencionada empresa.

que tantos e tão grandes esforços tem envidado em prol da aviação comercial no nosso país.

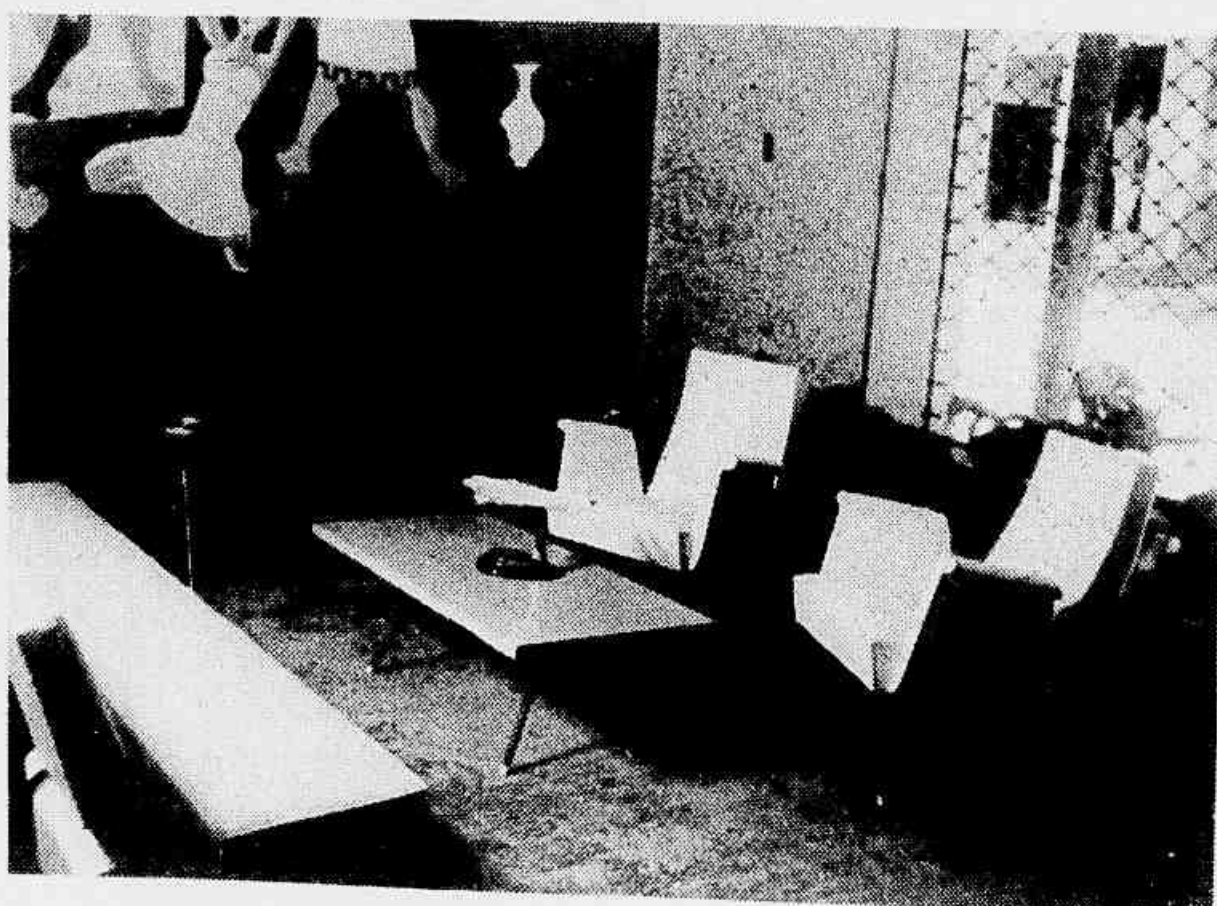
Na pessoa do sr. Carlos Barreto Rosas foi a Diretoria do Lóide representada ante numerosas pessoas que compareceram à solenidade inaugural, sendo a bênção oficiada pelo Frei Elias.

Os discursos proferidos durante a cerimônia foram de regozijo à feliz e inteligente iniciativa.

Preenchida essa lacuna que se fazia sentir na histórica cidade brasileira, estão pois de parabéns os baianos que, destarte, poderão, utilizando-se de aparelhos modernos e confortáveis, viajar em segurança pelos céus do Brasil.



Vista interior da novel Agência da Rua Rui Barbosa.



Aprimoramento e gosto artístico reunidos numa sala.

Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira—"lhe" o uso diário da Tricomicina e diga—"lhe" que você acredita na ação da Tricomicina

* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.



Loção Tricomicina

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL

CINE-ROMANCE

A FÚRIA DOS JUSTOS

(TRIAL)

PERSONAGENS:

David	GLENN FORD
Abbe	DOROTHY MCGUIRE
Barney	ARTHUR KENNEDY
Juiz Armstrong	JOHN HODIAK
Sra. Chavez	KATY JURADO
Angel Chavez	RAFAEL CAMPOS
Magistrado Motley	JUANO HERNANDEZ
A. A. Sanders	ROBERT MIDDLETON

Novela baseada na película do mesmo
título da M.G.M.



CAPÍTULO I

Uma noite de pesca em San Juno é qualquer coisa séria. Em toda a margem do rio amplo que leva o mesmo nome de San Juno, os habitantes da povoação acendem fogueiras e escutam música que provém de receptores portáteis de rádio ou vitrola, fazendo contraponto com o barulho dos grilos e outros ruídos de insetos noturnos. A noite de pesca é uma dessas noites que servem de pretexto para muitos seres humanos aproveitarem a oportunidade de sair dos seus cubículos. Uns vão beijar e abraçar as noivas em torno às fogueiras, outros destinam grande parte da noite para saborear os comentários dos mais recentes escândalos. Entre gritos, trases de amor e exclamações de regozijo, os habitantes da povoação passam uma noite que fica gravada para sempre na memória.

Contudo, não parecia existir nada de regozijo naquele grilo que se escutou por volta da meia-noite, interrompendo orgias e amorosas algazarras, seguido por uma voz que parecia a de uma criança que pede auxílio.

Quando o tenente da polícia, McAndrews, do departamento de pesca e caça, se dirigiu para o ponto de onde viera o grito, descobriu à luz de uma lanterna elétrica, uma atraente jovem de quinze anos, grotescamente retorcida sobre a areia, com a saia levantada até revelar aos seus olhos profanos, uma perna nua e os lábios contraídos em um gesto de dor. Junto ao corpo da infeliz jovem estava um moço mexicano que, com o semblante marcado por vários arranhões recentemente feitos, encarava de olhos atônitos o corpo inerte da moça.

x x x

Angel Chavez, um jovem de 17 anos, foi acusado pela morte de Maria Wiltse. Os arranhões que lhe feriam a pele do rosto, bem como sua presença em um «reservado» da praia, constituíam fatos que o mostravam como o culpado. Acresce a circunstância de ter sido um mexicano quem, a julgar pelas aparências, havia tentado seduzir a inocente jovem, que pagara com a vida os esforços por manter intacta sua honestidade. Quando Angel foi encarcerado e sua acusação levada aos juizes do distrito, só um advogado extraordinariamente hábil ou um homem muito idiota poderia incumbir-se de o defender.

O licenciado Barney Castle era muito vivo, e David Black, um doido. Este último, bem parecido jovem instrutor de criminologia, fora suspenso de seu cargo na Universidade até que adquirisse experiência suficiente. Seu esforço para achar um advogado de talento que o aceitasse como sócio e lhe permitisse participar de todos os casos, encontraram um fio de proveito quando entrou no escritório de Barney em San Juno. O licenciado Barney não necessitou mais de dois minutos para apreciar a clara inteligência do solicitante e sem demora o aceitou como ajudante.

— Que é que eu tenho a fazer? interrogou David. Tem algum caso especial para mim?

— Não. Não é preciso começar com um caso, respondeu Barney. Começará com um cliente. Nosso cliente está agora na cárcere. E ele nem sequer sabe que é nosso cliente. Assim, o primeiro que se tem a fazer é levá-lo a assinar um convênio aceitando-nos como seus advogados. Dessa forma conseguimos um caso para defender... Parece que nas faculdades não se ensinam essas coisas, hein?

David sorriu:

— Não, sr. Castle. Ali não se ensina isso...

— Pode chamar-me Barney. Esta é minha secretária, Abbe Nyle — disse Barney, apontando uma bonita garota com uma saia tão justa que só lhe chegava aos joelhos. A moça parou o teclado da máquina e dirigiu um sorriso e um olhar para David, que, por um motivo ou por outro, interpretou aquele olhar como uma promessa para o futuro.

x x x

Sanders, o carcereiro, não queria deixar que Barney, David e a secretária, Abbe, entrassem para entrevistar a Angel Chavez. — Esse pobre rapaz não tem um centimo e a mãe o mais que terá são uns doze dólares, disse o homem.

— Pois se ele não tem dinheiro para custear um bom advogado, um bom advogado arranjará tudo de modo a cobrar seus honorários de outra forma, respondeu Barney.

O carcereiro consentiu que passassem e os advogados encontraram Angel sentado no seu catre, em uma estreita cela, com a cara oculta entre as mãos. Sua mãe, Consuelo, com uns olhos avermelhados pelo pranto, estava em uma cadeira sentada diante do filho e não teve inconveniente em escutar a conversa do filho com os advogados.

— Estás certo de ter conhecido Maria Wiltse por acaso?

— Sim senhor, respondeu Angel.

— Nunca se haviam visto antes?

— Não, senhor.

— Não se trata de surpreender meu filho! Ele é um bom rapaz...

— O rapaz pode ser um santo. Mas será um santo morto se não lograr descobrir como morreu Maria Wiltse, arguiu o advogado. Voltando-se para Angel, continuou:

— Então? Que respondes?

— Eu... eu não sei como morreu ela... — replicou o apalermado rapaz.

— Tu estavas com ela. Assim, deves saber como se deu a morte, insistiu o advogado.

— Não sei! gritou o rapaz com voz rouca. Como já disse, estávamos... dando um beijo... e um abraço... quando...

Barney gritou:

— Não tornes a dizer isso, rapaz! Pode custar-te a vida! É verdade então que não estavas...

— Não! balbuciou o pobre, pálido e atordoado.

— Então que estavas fazendo? Beijaste-a? Tocaste-a?

— Eu a tinha entre meus braços... quando... seu vestido se desabotou em parte... Ela, como que arrependida, levantou-se e quis correr... mas caiu morta!

David, que à distância escutava o interrogatório, aproximou-se e pondo uma das mãos no ombro do acusado, disse:

— Que estavas fazendo nesse ponto da praia?

— Não lhe poderia dizer com precisão... explicou o rapaz. Eu andava por ali naquela tarde... quando vi um letreiro que dizia: «Praia Particular». Isso despertou a minha curiosidade e queria ver em que era ela diferente de uma praia pública... por isso dei-me na areia... mas logo comecei a escurecer... então vi um guarda... tive medo e resolvi ir para casa... levantei-me e me dirigi para a saída... Maria estava ali, sentada em umas grades... e chamando-me, disse que gostava de mim, que me havia conhecido na escola...

— Tudo o que diz parece verdade, observou a secretária Abbe. São coisas naturais que se passam entre rapazes da sua idade.

Barney interrompeu com um gesto de exasperação:

— Ele a abraçou, a beijou... tocou-lhe no vestido... e ela correu assustada! Isso parece natural! Mas logo depois ela caiu morta... Isso nada tem de natural! Algo sucedeu para que a moça morresse!

Abbe recordava-se agora de Gail Wiltse, a mãe da assassinada, que havia sido membro do comité para combater as lutas raciais. A senhora Wiltse havia dito que sua filha sofria do coração, desde menina!

— Isso quer dizer que quando Maria se assustou e correu, sobreveio um ataque de coração, observou Barney triunfalmente.

— O que importa mais em dizer que, se o coração falhou, ninguém pode ser o responsável... disse Abbe.

— Não, Abbe, interveio David. U'a morte accidental como essa, quando provocada por um ato delituoso, considera-se um assassinato.

— E como Maria Wiltse era menor de idade... e havendo provas de violação e estupro... e como o que para nós seriam inocentes abraços e beijos a lei considera atos de sedução...

— Eu não quis seduzi-la! gritou o acusado. Ela foi quem me convidou.

— Se continuas a repetir tal coisa, te

condenarás à morte tu mesmo! disse Barney indignado. O fato de que ela tivera a melhor vontade de entregar-se a ti, não quer dizer nada diante da lei. Ela era de menor idade e a lei não a considera responsável de seus atos...

— Então não há salvação possível para meu filho! gritou Consuelo.

— Como não! Claro que há maneira de salvá-lo! exclamou Barney. Agora estamos vendo o caso do ponto de vista da lei... depois o examinaremos do nosso próprio ponto de vista.

Em seguida preveniu Angel a não dizer nada aos repórteres nem à polícia, nem a ninguém que lhe perguntasse. E depois, saiu da cela. Abbe e Davis o acompanharam. Este último ia perplexo, com o cenho franzido sem entender por que motivo um inteligente advogado como Barney Castle tomava um caso com tão poucas probabilidades de êxito.

x x x

Barney sugeriu que David defendesse o caso nos tribunais. O que o deixaria em liberdade para ir a uma grande cidade como Nova York, e tratar de reunir fundos para a defesa. A princípio, David recusou o caso e dessa forma, porém Barney o convenceu dizendo-lhe que o pobre rapaz não tinha esperanças de salvação a menos que houvesse suficiente dinheiro para sufragar os gastos de uma defesa eficaz. Contudo, o mesmo Barney dirigia todas as atividades legais. E quando o juiz Juan Armstrong sugeriu que David dissesse que o rapaz se confessava culpado da morte accidental da jovem, aceitando assim uma sentença de alguns anos de prisão, Barney insistiu que David não fizesse tal coisa.

— Isso quer dizer que Armstrong não está certo da vitória, disse David.

(Continua no próximo número)

— No próximo capítulo veremos o resultado dessa perigosa atitude assumida pelo meliante Castillo.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 835 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO LIDA

AZASO - EB-3

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 18 E 24 DE FEVEREIRO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Todos os dias da semana serão recomendáveis, no seu caso. Não cruze os braços, porém. A chance passará a alguma distância das suas mãos, sendo necessário, portanto, algum esforço para apanhá-la.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — A atenuação que se vai operar no influxo planetário será um bem para o leitor, pois lhe dará o necessário equilíbrio nas idéias e nas ações e ambiente propício ao reajustamento indispensável à vida.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Os astros se mostrarão hostis durante os três primeiros dias da semana. Do quarto em diante, as condições se modificarão inteiramente, havendo, então, a possibilidade de acontecimentos favoráveis. Não tome qualquer iniciativa no período mau.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Serão duvidosos apenas os dois últimos dias da semana em pauta. Não faça pedidos quaisquer, no curso dos mesmos. A vida íntima registrará acontecimentos satisfatórios e não haverá inconvenientes na profissão.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — O leitor poderá ter um fim de semana indesejável. Haverá entre os dias 22 e 24, uma série de maus aspectos planetários, atingindo o setor do destino e o da personalidade. Não se exponha nos dois mencionados dias.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — As questões financeiras serão facilmente solucionadas, principalmente nos quatro primeiros dias da semana. Os dias restantes beneficiarão a vida sentimental e as atividades domésticas. O ambiente será de ordem e paz.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Intuições enganosas e sonhos ilusórios, eis o que lhe prometem os astros, nos próximos sete dias. Em tais condições aconselhe-se sempre que houver de decidir alguma coisa. O clima planetário predispõe mal.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — O leitor desfrutará um período harmonioso nas suas relações e terá certas vantagens nos negócios em que tomar parte. Sua opinião será acatada e respeitados seus pontos de vista. Opine e atue com veemência.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Não confie nas soluções programadas para a semana que se vai iniciar. As condições do leitor serão desfavoráveis no que se refere à boa vontade e ao concurso franco e desinteressado de terceiros. Não confie demasiado.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — A semana lhe exigirá muito esforço para um mínimo de resultado. Tudo será difícil. Para não ter desilusões e prejuízos, mesmo, não alimente a esperança de grandes coisas.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Os influxos astrais da semana serão propícios ao seu trabalho e à realização dos seus desejos. Haverá um apreciável concurso de terceiros na solução dos casos do seu maior interesse.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Não se comprometa nem marque encontro para os dois primeiros dias da semana. Os dias restantes lhe favorecerão os propósitos e darão margem ao encaminhamento proveitoso das propostas que tiver de fazer.

● OS NOMES DA SEMANA

Fevereiro, 18	—	Anselmo	—	Geralda.
" 19	—	Felix	—	Flora
" 20	—	Bernardo	—	Silvia.
" 21	—	Jaime	—	Severina.
" 22	—	Orestes	—	Lucinda.
" 23	—	Evandro	—	Eduarda.
" 24	—	Rômulo	—	Sônia.

● EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Fevereiro, 18	28° 49'	11"	(Signo da Aquário)
" 19	29° 49'	42"	(" " ")
" 20	00° 50'	11"	(Signo dos Peixes)
" 21	1° 50'	39"	(" " ")
" 22	2° 51'	4"	(" " ")
" 23	3° 51'	28"	(" " ")
" 24	4° 51'	50"	(" " ")

O banquete oferecido por JK foi o acontecimento da semana que passou — A Bahia deu a nota no Carnaval

Casacas, uniformes, fardões, decotes & decotes, condecorações, grande cozinha, perfumes e jóias concorreram para que o banquete, seguido de recepção, oferecido pelo sr. Juscelino Kubitschek às Missões Especiais à posse, fôsse o grande acontecimento daquela semana. Como em toda grande festa, houve uma certa «afobação» o que é compreensível, principalmente, quando se tem em casa quase quatro mil convidados. Um pequeno reparo pode ser feito, no sentido de que, dentro de alguns anos, não se repita: algumas salas da Secretaria mantiveram suas janelas abertas, aparecendo a iluminação a gás e a pouca elegância natural de sala de trabalho. O jardim também poderia ter recebido melhor cuidado. O lago, que é uma beleza, apresentava apenas três fôlhas de vitórias régias. No mais, a grande máquina do Itamarati, modelo de organização, funcionou dentro do que foi possível fazer. Logo após o jantar, o Presidente e sua comitiva dirigiram-se para o palanque especialmente erguido e assistiram ao «ballet» do Corpo de Baile do Municipal. O fato, espí-

ritual por sua natureza, parece que abriu o apetite e, quando se abriu o tão noticiado «buffet» houve um corre-corre que já vai se tornando tradicional e infelizmente sendo assimilado pelos nossos melhores costumes. Mas, os faisões, ostras e lagostas foram bastante. Os perus sobramam. Seria pequena esta coluna para registrar os muitos presentes. Notamos, como sempre, e creio que todos fizeram o mesmo, a elegância da sra. Nelson Mendes Caldeira, de branco, com um belo colar de brilhantes. A sra. Ivo Monteiro também elegantíssima. Os príncipes Dom Pedro e Dom João de Orleães e Bragança com suas numerosas condecorações. O sr. e a sra. Fúlvio Morganti, que haviam dado uma recepção antes da festa, apareceram com seus amigos, o sr. e a sra. Morgan Snell e o sr. e sra. Bob Wipnans. Num grupo, os srs. Antônio Liberal, Murilo Moreira, Tico Liberal e José Bonifácio de Andrada conversavam animadamente. Foi um acontecimento de muita gente, muito decote, muita casaca e muita condecoração.

De 264 talheres foi o jantar oferecido pelas Delegações e Missões Especiais ao sr. Juscelino Kubitschek, no Copacabana Palace. Foi uma beleza de acontecimento, organizado pelo sr. Dannenberg que é um mestre no assunto e que fez os banquetes dos srs. Eurico Dutra e Getúlio Vargas. Muita casaca. Estamos no mês da sirene e da casaca.

Com destino a «Punta Del Este» partiu o «show» do sr. Carlos Machado, «Um saludo carioca» com as mais recentes composições do Carnaval de 1956. Além das pequenas formidáveis de seu «show», presentes Jupira e suas cabrochas, portanto um sucesso garantido.

ao ministro das Relações Exteriores do Brasil, sr. José Carlos de Macedo Soares.

O sr. e sra. Aloísio Salles têm recebido com frequência na sua casa de Petrópolis. Os torneios de «bridge» andam meio parados.

Um grande grupo (260) de pessoas das Sociedades do Rio, São Paulo e Porto Alegre foram juntar-se com as da Bahia para promover o maior e mais elegante baile de Carnaval que já se pensou fazer no Brasil. Trata-se, evidentemente do «Baile do Galo Vermelho», decoração de Mário Cravo e Caribé, organizado pelo Departamento de Turismo da Prefeitura e que deverá ter sido filmado em cores, cinemascopo, pelo famoso Figueroa, sob a direção do não menos famoso Sacha Gordini. Temos certeza de que a coisa foi um sucesso, pois, além das pessoas de Sociedade, diversos artistas (Anselmo Duarte, Tônia Carrero, Julie Bardot e os cantores Linda Batista e Black Out), presentes. Uma coisa dos diabos.

A cidade sofreu uma invasão de camisas coloridas e chapéus mais ou menos bizonhos. Tratava-se da chegada (já foi embora) do Caronia, navio que transportou milionários norte-americanos em viagem à volta do Mundo. Quase todos são pessoas que já se desligaram de suas atividades.

Como acontece todos os anos, o Embaixador da Nicarágua e Senhora Sanson Balladares convidaram para festejar o aniversário do presidente Somosa.

Talvez a mais elegante e bem organizada de todas as festas de casaca tenha sido a oferecida pelo Ministro das Relações Exteriores do Chile e Senhora de Barbosa. Tudo correu com perfeição, tendo o sr. Juscelino Kubitschek sido agraciado com o «Colar de O'Higgins», a maior condecoração daquele país. O Embaixador Raul Bazan D'Avilla esmerou-se em bem receber, talvez pensando nas gentilezas e cuidados que o governo do Brasil teve para com o Presidente Videla, quando nos visitou.

Os associados do clube mais fechado do Brasil, o «Country Club», receberam com satisfação a idéia da diretoria de promover, todas as segundas-feiras, jantar-dançante à beira da piscina. No dia da inauguração, compareceram as srtas. Irene Delinghausen, Eloísa Dolabela, Marina Mesquita, Rosinha Sezerdelo Machado, sr. e sra. João Pacheco Chaves, sr. e sra. João Miranda Jordão, sr. Paulo Sampaio, sra. Ermelindo Matarazo, sr. e sra. Oscar Machado Vieira, sr. e sra. Aloísio Clark Ribeiro, srs. João Augusto Penido, Hercúlan Tomaz Lopes e Bento Ribeiro Dantas.

O ministro das Relações Exteriores da Argentina, sr. Podestá Costa (um dos maiores internacionalistas, com obras traduzidas em várias línguas) ofereceu almoço na residência

O simpático Embaixador Antônio Faria, de Portugal, promoveu um «cocktail» para homenagear o chefe da delegação de seu país à posse do sr. Juscelino Kubitschek.

O dia sete foi marcado com um banho de piscina à fantasia, organizado pelo sr. Eduardo Tapajós. O convite pedia para que não se usasse papel «crepon». Não pretendiam transformar a piscina em arco-íris.

A «Record» de São Paulo está levando ao ar o programa de Flávio Cavalcanti, «Discos Impossíveis». O público ouvinte bandeirante está de parabéns.



Em São Paulo, continuam animadas as reuniões no Jequitim-mar.



No Rio, estão cada vez mais concorridos os banhos noturnos na piscina do Glória.



EIS PIERRE POUJADE, a nova sensação política da França, durante um de seus últimos comícios, cuja retumbância lhe garantiu a eleição de 54 deputados. Poujade quando começou a falar estava de casaco. Terminou em mangas de camisa.



POR ESSE MUNDO DE DEUS

O «LIDO», de Paris, está apresentando uma nova revista: «Voulez-Vous». A casa está cheia de um público realmente excepcional. Eis, numa só noite, os duques de Windsor e os atores Mel Ferrer e Audrey Hepburn dançando na pista.



ESSA SENHORA algo pesadona, que se diverte a cozinhar «maccaroni» ao lado de um paciente mestre cuca, é a célebre atriz Vivian Leigh, que com Laurence Olivier, seu marido, passa atualmente as férias na Itália.



«NIBELUNGEN», filme monumental, baseado na obra folclórica alemã, marcará o reinício das atividades da UFA. O diretor será Fritz Lang. Eis uma das cenas do filme, quando Siegfried se banha no sangue do dragão.



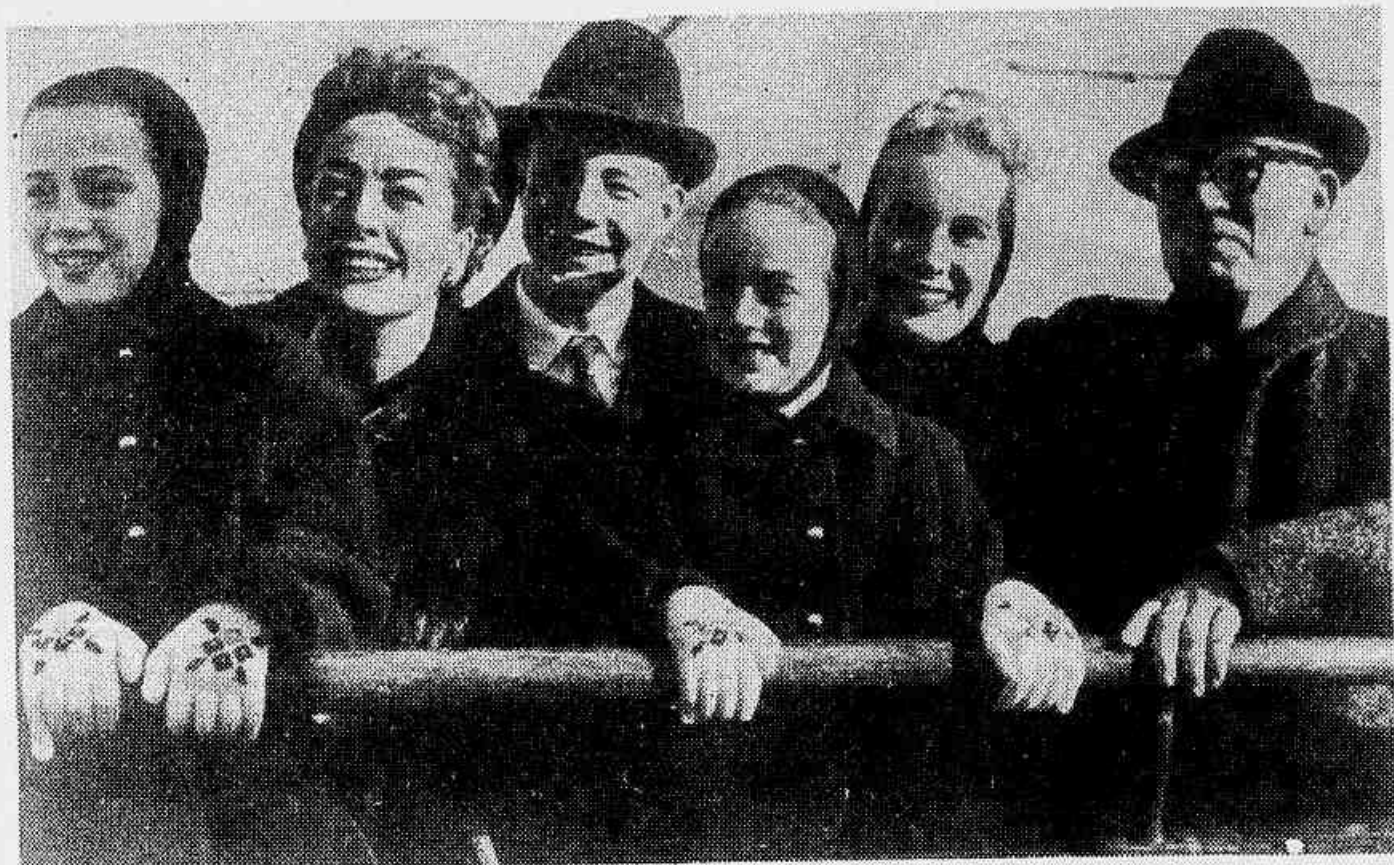
ANNA MAGNANI com o filho Luca, durante um festivo serão, pouco depois do natal, na cidade suíça de Lausanne. O último filme de Magnani, nos estúdios dos Estados Unidos, a indica como muito provável ganhadora do célebre «Oscar».



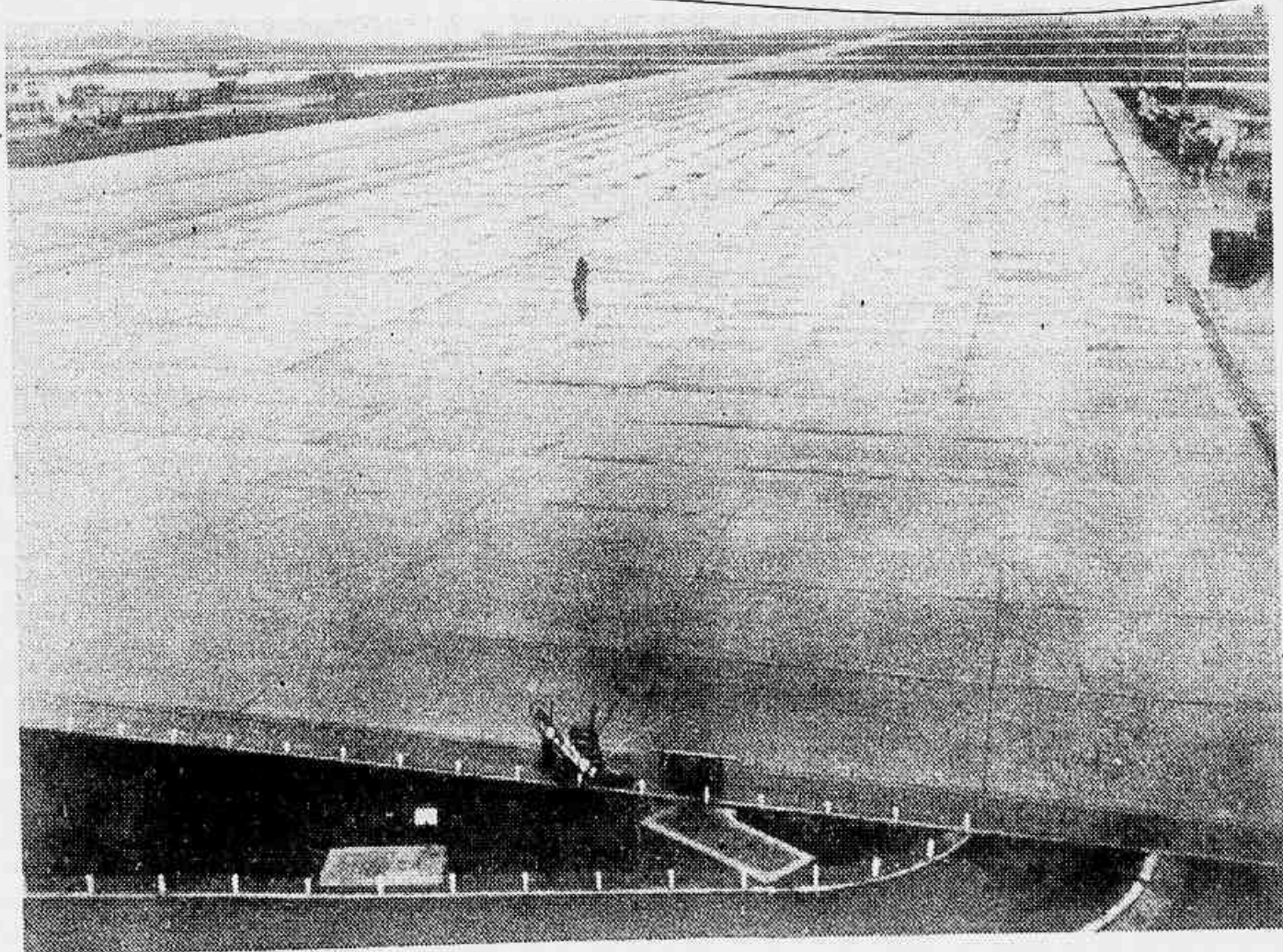
JOSEPHINE BAKER, que está prestes a comemorar seu 30º aniversário artístico, aqui aparece dançando em um «night-club» italiano. Nesse país, a artista não se exibia havia dois anos. Fê-lo agora com estrondoso sucesso.



O **MARINHEIRO AMERICANO** Blaise Bennett, de 22 anos de idade, logo após haver tomado os hábitos de sacerdote budista, é visto a rezar diante do sumo sacerdote do Templo de Lan-karamaya, em Singapura. Um caso inédito.



HÁ POUCO TEMPO, Joan Crawford, seu marido, Alfred Steele, conhecido industrial, e os quatro filhos adotivos de Joan, Cynthia (9 anos), Cathy (idem), Chrys (13 anos) e Christinna (16 anos) seguiram em gôso de férias para a Europa.



UM DOS MAIORES e mais bem aparelhados aeroportos do mundo é o de Orly, em Paris. Recentemente, uma greve veio paralisar totalmente os trabalhos naquele importantíssimo campo. Eis uma visão melancólica da enorme pista.



ESSE SIMPÁTICO e nada ágil goleiro é o prefeito de Berlim, dr. Ottomar Batzel, que assim se apresentou num jogo de beneficência, em que tomaram parte muitas personalidades da vida alemã. Com vistas ao Botafogo para um possível contrato.

REPORTAGENS EXTERNAS

Uma vez mais os telespectadores tiveram oportunidade de, sem sair de casa, assistir a acontecimentos de relevo da vida pública da cidade. Isso se deu durante as cerimônias de posse do sr. Juscelino Kubitschek, quando as nossas emissoras de TV realizaram boas transmissões.

As equipes de reportagens estiveram em ação, televisionando desde as solenidades realizadas na Câmara, até ao magnífico banquete que teve lugar no Itamarati. Essas informações foram completadas com os jornais noturnos que exibiam filmagens com maiores detalhes desses acontecimentos. O público foi perfeitamente informado sobre todos os fatos ocorridos durante a posse do Presidente.

Mais uma vez, portanto, foi provada a eficiência e os bons serviços que a TV pode prestar em tais ocasiões. Há necessidade, pois, de aparelhagem técnica e pessoal adequado para trabalhar quando necessário.

As cerimônias realizadas na Câmara foram transmitidas com perfeita imagem e boa descrição do que lá se passava. Durante o banquete do Itamarati não foi tão boa a transmissão, desde a imagem, que nem sempre foi regular, até à narração dos fatos que se passaram nos jardins do palácio.

Oduvaldo Cozzi foi o escolhido para a tarefa de transmitir aos espectadores, com detalhes, o que eles viam através das câmaras da TV-Tupi. Cozzi não é o locutor indicado para tal tarefa; sua especialidade são as transmissões esportivas, para as quais não há necessidade de um vocabulário variado. O resultado foi que o locutor repetiu durante várias horas as mesmas frases, acabando por cansar aos telespectadores e, quando lhe faltavam os termos apropriados durante as descrições, lançava mão de alguns que inventava no momento. Assim, referindo-se ao término do banquete, quando o sr. Juscelino atravessava os jardins do Itamarati em companhia dos representantes das nações amigas, para assistir à recepção que ali se realizaria, teve Cozzi as seguintes palavras: «retira-se o sr. Presidente, acompanhado dos DIPLOMÁTICOS estrangeiros», isso após haver, minutos antes dito que o MINISTRO Kubitschek acabara de pronunciar o discurso dirigido aos seus convidados, durante o banquete.

Sem dúvida a TV-Tupi possui muitos outros locutores que poderiam ter sido escolhidos para o desempenho de tarefa dessa responsabilidade em lugar de Oduvaldo Cozzi, que deve limitar-se às transmissões esportivas.

Já na TV-Rio, deve-se louvar a sobriedade e discrição com que o locutor durante toda a transmissão referiu-se ao que ali se passava. Infelizmente, porém, a imagem estava péssima; durante o bailado mal se distinguia as figuras dos rapazes e moças. É preciso dispor sempre de material técnico e pessoal adequado para tais ocasiões, repetimos, principalmente quando se trata de solenidades de responsabilidade como as que tiveram lugar dias atrás, a fim de que o esforço das emissoras em transportar o seu material, que não é pequeno, seja plenamente compensado pelo agrado do público.

Vamos melhorar?

O programa «História de Tia Lúcia» quase nunca cumpre a sua finalidade, isto é, a narração de histórias de fadas ou contos instrutivos que distraiam a criança que comparece aos estúdios da TV-Tupi e aos que assistem ao programa de casa.

Um grupo de meninos e meninas, bastante afetados, representam pequenas peças que geralmente tratam de assuntos completamente em desacordo com as suas idades. Seria interessante que Lúcia Magna apresentasse o seu programa, como fazia anteriormente, apenas narrando histórias ou então que controlasse essas representações para que tratassem de temas adequados à infância e também para que fossem mais naturais.

★

A novela «Moreninha» tem tido bastante agrado pela correta representação que lhe dá o

elenco da TV-Tupi. Em meio a esses rapazes e moças que se esforçam por decorar os seus papéis e dar ao público representações as melhores possíveis, Paulo Porto, no entanto, não se preocupa com isso e, durante as transmissões, os espectadores ouvem o ponto gritar-lhe as frases. Com um pouco mais de esforço essa falha será superada. Vamos melhorar?

★

Já por várias vezes temos comentado sobre a necessidade de os organizadores de entrevistas elaborarem um roteiro sobre as perguntas a serem feitas aos seus convidados, a fim de que a conversa não se afaste do tema principal e seja cortada precipitadamente, quando termina o tempo de duração do programa, geralmente curto. Isso mais uma vez aconteceu durante uma das apresentações de «Ídolos do público», quan-

NOTICIÁRIO

Manoel Jorge vai voltar a apresentar o seu antigo programa — «Clubes em Desfile» — e que tanto sucesso alcançou quando apresentado em uma das emissoras desta cidade. Cabe agora à televisão a vez de levar aos lares um programa de grande interesse para o mundo feminino. Desfiles de modas, acontecimentos sociais e outros assuntos mundanos serão tratados por Manoel Jorge, que terá oportunidade de fixar flagrantes e impressões através do vídeo da TV-Rio Canal 13.

Finalmente Urbano Loes, no dia 18 de fevereiro, estreou no vídeo da TV-Rio, apresentando o seu novo programa intitulado «Telegramática». Como já foi amplamente anunciado, essa nova atração do canal 13, consta nada mais do que em armar palavras com uma palavra previamente dada. Não será preciso dizer que se trata de um programa que irá distribuir muitos e muitos prêmios.

do José Scassa entrevistava Russinho, um ex-ídolo do futebol.

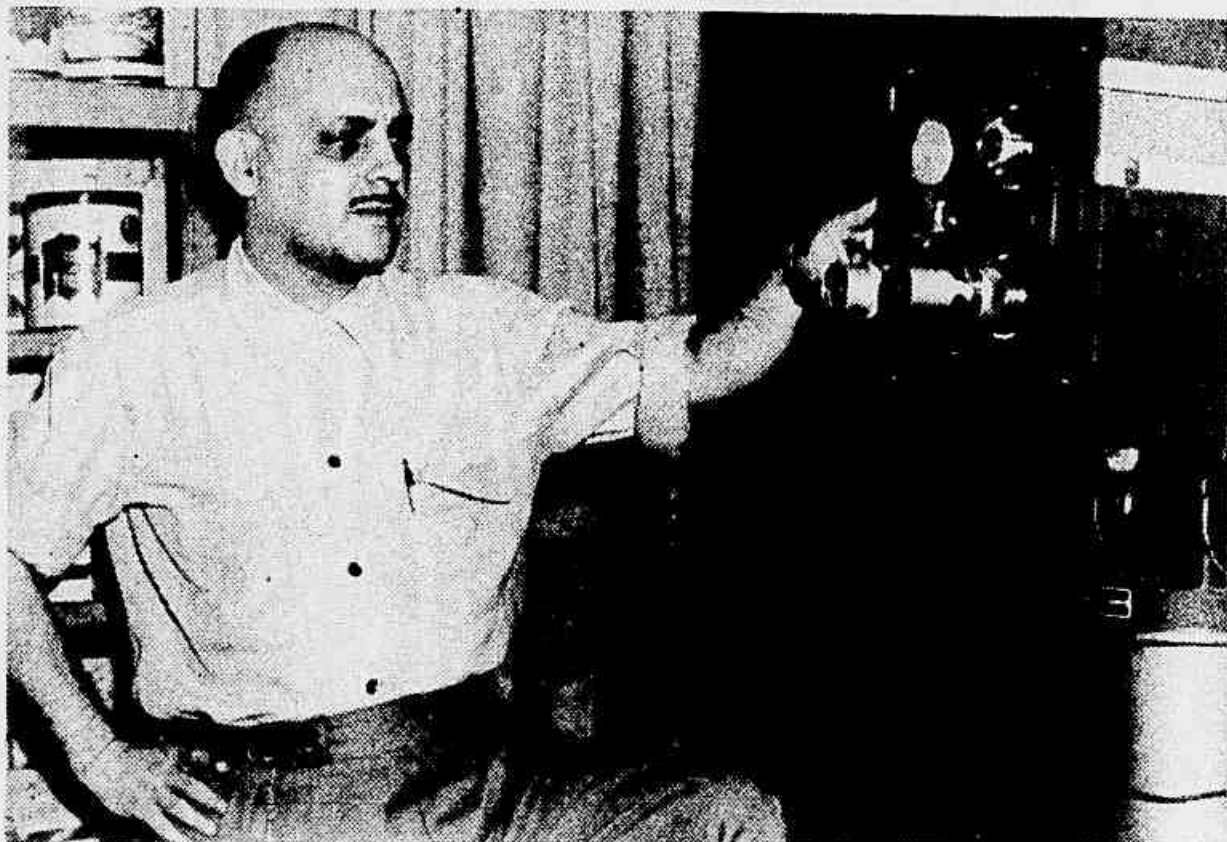
Quando Russinho recordava passagens interessantes do seu tempo, o programa foi cortado repentinamente. Scassa deve elaborar com antecedência um plano e combinar com o entrevistado os pontos que serão tratados a fim de evitar esses cortes que deixam embaraçados a ele e a seus convidados.

Grau Dez:

Para as apresentações do «Tele-Jornal Bendix». Através dessas exhibições a TV-Tupi informa os telespectadores sobre os acontecimentos do dia, por meio de filmagens comentadas por um locutor simpático e bastante sóbrio.

Para «Lojinha de Música», programa criado e apresentado por Paulo Soledade. Os discos de maior sucesso no momento são comentados, bem como gravações inéditas são apresentadas ao público, procurando difundir o mais possível a música brasileira. Sempre que pode, Paulo leva ao seu programa o autor e intérprete da gravação que comenta; na estréia coube a vez a Dick Farney.

Os discófilos têm nesse programa uma apresentação do seu inteiro agrado.



Mário Provenzano, produtor da TV-Tupi, aparece ante às câmaras da emissora.



Aos sábados Lúcia Bastiani canta e acompanha-se ao violão, para os espectadores do Canal 6.

O beijo nupcial, no altar da igreja de São Pedro, em Mar del Plata, e a noiva conduzida pelo padrinho e sogro, pai de Álvaro Piana.



O CASAMENTO DE MARTINHA FOI ASSIM...



Antes da cerimônia, Martinha e Alvaro comu-
garam. Outro flagrante no altar, vendo-se os
noivos e os padrinhos. Não compareceu ne-
nhum dos parentes da noiva.



Longe do Rio, a mais famosa "Miss"

• O casamento de Marta Rocha não constituiu surpresa, embora a noiva por várias vezes o desmentisse. Todos sabiam do andamento do romance, embora sem admitir que o consórcio tivesse lugar fora do país. O embarque, súbito, da mais famosa Miss Brasil (1954) e de seu noivo Alvaro Piano, veio apenas confirmar os insistentes boatos que circulavam. E o enlace, na igreja de São Pedro, em Mar del Plata, atraiu atenções gerais: eram as moças que desejavam conhecer a beleza brasileira tão celebrada e os rapazes que invejavam o noivo. Mar del Plata, em pleno verão, repleto de turistas, teve um inesperado espetáculo, um "show" extra. Aqui no



Miss Brasil", tornou-se, agora, a esposa de um milionário de Buenos Aires

Rio, foi publicado que a cerimônia estaria circunscrita ao ato religioso, sem cumprimento do civil, o que não deixou de ser estranho. A família do noivo, que é português, ofereceu uma imponente recepção em sua residência no bairro aristocrático de Playa Grande e os fotógrafos, repórteres e cinegrafistas colheram material à vontade. As agências de publicidade incumbiram-se de distribuí-lo pelo mundo inteiro, até onde a popularidade de Marta Rocha algum dia foi atingida, mas também não deixou de causar estranheza, a ausência de parentes da noiva. Foi noticiado que o jovem par empreenderia, sem demora, uma viagem de lua de mel à Europa, mas

espera-se que, antes, venha em visita à família da noiva, na terra do Salvador. Por coincidência, simultaneamente com esse matrimônio, acontecia no Rio o de Bene Nunes, por algum tempo apontado também como noivo de Martinha. A verdade é que Miss Brasil 1954 continua a desfrutar de invejável popularidade, pois, transcorrido tanto tempo depois do seu reinado, seu casamento ainda movimenta a reportagem e desperta curiosidade em vários países, inclusive nos EE. UU. Casou-se, assim, a linda baiana, com o cidadão português cuja família, estabelecida de longa data em Buenos Aires, ali pertence à melhor sociedade.

ELIZABETH DA ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

De ROBERT VEANON

Ilustração de RAMÓN

Copyright Keystone — Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA

(CAPÍTULO IV)

NOTÁVEIS, dons para a poesia, uma grande generosidade, uma inteligência viva e compreensiva, uma instabilidade que se conservou durante toda a vida, e ao mesmo tempo uma obstinação férrea para determinadas questões, uma prodigalidade ilimitada, que ia de encontro a todos os hábitos por séculos seguidos no castelo de Holburg, um desprezo absoluto pelo valor do dinheiro, que ela liberalmente jogava

Graças ao isolamento moral em que vivia, certos traços singulares começam a desenvolver-se em Elizabeth. Assim, ela manifesta um gosto intenso para colecionar daguerreotypes e fotografias que vai colando em inúmeros álbuns. Escreve sem parar, e inunda de cartas todos os membros de sua família, a ponto de o Corpo Diplomático ter de viver ocupado permanentemente, com sua correspondência. Um dia, até mesmo a embaixatriz da Áustria junto à Subli-

prova, organizando hospitais, cuidando ela mesma dos feridos, não se poupando nenhum esforço, por penoso que fôsse. Essa sua atividade, porém, é julgada com severidade por Sofia, que ordena que a jovem imperatriz se retire para a Corte de Luxemburgo, mais uma vez voltando à solidão.

● A HUMILHADA

O que se terá passado na alma de Elizabeth? A última humilhação a que haviam submetido teria sido a gota de água que fez transbordar o vaso? O certo é que, após a afronta, não mais é vista a Imperatriz em parte alguma. Ela se afastara deliberadamente do mundo, não assiste mais às recepções, nem sequer as cerimônias da Corte. E, um belo dia, o mundo diplomático se escandaliza, ao ter a notícia de que a jovem esposa do Imperador austríaco partira sozinha, e sem nenhum séquito, para o Tirol, onde fizera longos passeios solitários, e penosas ascensões a elevados cumes. Depois, desapareceu sem deixar vestígios — tal como o pai, outrora — e passou a perambular pela Europa, sem dizer a ninguém qual era o seu destino. Terminou por ir aportar à ilha de Corfu.

Ali, naquela ilha esplêndida, coberta de laranjais em flor, de ciprestes e de álamos, onde paira eternamente um odor que é sentido de longe, e que cativa àqueles que o sentem para o resto da vida, Elizabeth recupera a alegria, e resolve permanecer o máximo de tempo possível naquele lugar encantado. Toma banhos de mar ao luar, como uma jovem e bela ninfá perdida de suas companheiras, e bêbeda com a revelação da beleza da natureza. Esse período de descanso é-lhe favorável, sua fraqueza desaparece, o seu rosto perde a palidez malsã que o cumulava, e anima-se de novo, a tosse convulsa dos últimos tempos torna-se cada vez mais rara, e ela reencontra a paz interior, o equilíbrio que ameaçara perder-se para sempre. E eis que um gesto realmente galante de Francisco José, que vem reunir-se à esposa, inesperadamente, e que a reconduz a Viena como se fôsem um par de namorados, novamente faz com que acredite na felicidade...

Mas aí! sua felicidade não podia durar por muito tempo. Com sua energia recuperada, ela busca reconquistar o lugar que de direito lhe pertence, na Corte. E, considera Elizabeth, o primeiro de seus deveres, é justamente o de reivindicar seus direitos de mãe. Principalmente a sorte do príncipezinho Rodolfo a inquieta. Elizabeth compreende que, educado sob a vigilância e a influência da avó, o filho fatalmente há de escapar ao seu amor, e até (quem sabe?) erguer-se um dia contra ela... Porém, nessa luta, que declarou mais uma vez à sogra, Elizabeth foi novamente vencida, graças à fraqueza do marido, que não tinha coragem para se opor aos planos da mãe. Desesperada, retira-se a Imperatriz para o Luxemburgo, onde seus dias se escoam em um aborrecimento sinistro. Novamente as forças a abandonam, e, graças ao conselho dos médicos, retira-se para Kissingen, pequena cidade balneária principalmente freqüentada por alemães e ingleses. Durante algumas semanas, Elizabeth consegue manter-se incógnita, e disso se aproveita para passear e viver sozinha, sem que ninguém a incomode. No decorrer de um desses passeios matinais, trava conhecimento com o cego Duque



pelas janelas, tais eram as linhas dominantes do caráter de Elizabeth. Por outro lado, sempre foi possuidora de uma confiança sincera, mas esclarecida, que as intrigas da Corte de Viena acabaram por destruir. Tinha, por isso, certa desconfiança pelas pessoas da alta nobreza, abrindo-se porém com facilidade para pessoas de mais humilde estirpe. Malgrado os entraves que Sofia lhe tentava opor, sua independência de espírito a cada dia se fortalecia. Assim, tinha Elizabeth um verdadeiro culto pelo poeta Heine, e certamente era preciso muito ânimo para proclamar seu amor por um escritor então amaldiçoado em todos os países germânicos.

me Porta tem de excusar-se, ante a imperatriz, pelo fato de não poder conseguir, tal como ela lhe ordenara, fotografias do serralho do Sultão da Turquia! Essa fantasia, pondera-lhe o velho e sisudo diplomata, é de todo impossível e irrealizável.

Por volta de 1858, a situação do império declina. Uma revolta estoura na Itália, e as tropas austríacas que para ali são mandadas são destroçadas. O imperador em pessoa resolve por-se à frente de seus exércitos mas, general medíocre, não pode evitar a derrota final de suas hostes. No meio de tantas calamidades, Elizabeth se mostra de uma dedicação a toda

de Mecklemburg, e com John Collett, um pobre paraltico. Elizabeth torna-se por assim dizer a boa fada dos dois infelizes. Guia o cego, e consola o paraltico, cuja impassibilidade britânica bem cedo cede lugar, ao contacto de amizade tão calorosa, a um sentimento que é quase amor. Um certo dia, Collett passa a Elizabeth um bilhete escrito com letra trêmula e hesitante. Ela o lê com mal contida emoção:

— Poderieis tornar-me totalmente feliz, se me dêsseis uma mecha de vossos cabelos. Se essa demanda é indiscreta, perdoai-me, porque é resultante não de eu saber que sois uma Imperatriz, mas de um poder miraculoso que sobre mim exerceis. Estimo-vos infinitamente, e por vossa amizade, unicamente, almejo.

Muito embora esse ousado pedido ficasse sem resposta, o jovem inglês não se deu por achado, e cada dia enviava a Elizabeth novas cartas, que escrevia, penosamente, sobre uma folha de papel, em que falava de toda a admiração que por ela sentia, e fazia apelos, aos céus, no sentido de que aquela que venerava fôsse cumulada de todas as bênçãos e de felicidade.

Elizabeth ficou, por fim, profundamente tocada com as atenções de que Collet a cercava, todos os dias, e respondeu-lhe com doçura às missivas inflamadas. Diz-lhe que mandou musicar dois de seus poemas, pelos quais denuncia maior predileção, e que gosta de ouvir as duas músicas, em seus momentos de lazer. Essa lembrança melancólica conservar-se-á sempre viva na memória de Elizabeth, que, muitos anos mais tarde, ainda escrevia, de quando em quando, cartas a Collett, o qual, por sua vez, lhe devotou, a vida inteira, uma adoração que raiava pelas bordas do fanatismo.

● ELIZABETH ESTADISTA

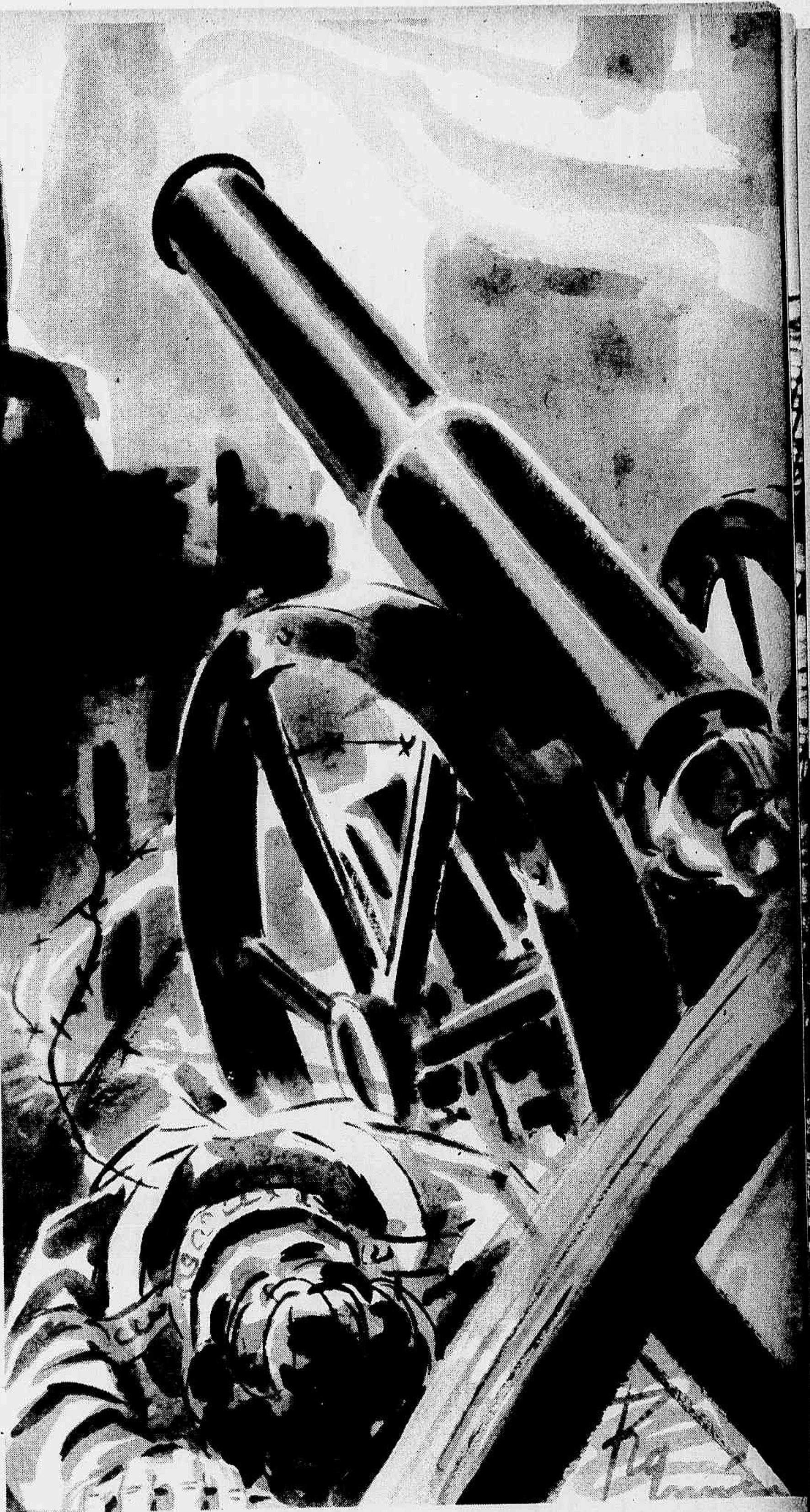
A educação do príncipe herdeiro Rodolfo era uma questão delicada, que constantemente envenenava as relações entre Elizabeth e sua sogra. Os professores encarregados da educação do jovem, Winderhofer, o coronel Turnberg, o coronel Condrecourt, eram gente da confiança de Sofia, e nem sua personalidade, nem seus métodos de ensino podiam agradar à Imperatriz, que constataava com inquietação sua influência nefasta cada vez mais intensa. Seu filho, de quem esperava fazer um liberal, eivado de idéias progressistas, tornava-se, pouco a pouco, um conservador para afastar essa tendência que julgava indesejável, e, assim que conseguiu seus intentos, tomando nas mãos a educação do príncipezinho, principiou a remodelar as idéias do filho. Dois sistemas inteiramente opostos de educação se cruzaram, destarte, na educação do menino, que desde a idade de sete anos, demonstrava uma precocidade imensa, mas a quem a carência de sólidas bases espirituais haviam de fazer, muito mais tarde, uma falta insubstituível.

Elizabeth porém não atinava com tais consequências. Ela enfim triunfara sobre a sogra, e gozava agora sua vitória. Apressou-se, pois, de se rodear de personalidades com afins com a sua, mais de acôrdo com os seus gostos. Por recomendação especial da condessa Hunyadi, inteiramente devotada à Imperatriz, uma jovem húngara, filha de um simples nobre das classes rurais, fez sua aparição na Córte. Era Ida Ferenczi, que mais tarde iria desempenhar um importante papel junto dela, tornando-se uma verdadeira eminência parda, na velha Córte austríaca.

Entrementes, os Húngaros, que desde sua revolução gorada de 1848 vinham sendo oprimidos com o maior rigor pela Áustria — segundo a determinação expressa de Sofia — ameaçavam revoltar-se novamente, se não lhes fôsse concedida a Constituição que havia tanto perseguiam inutilmente.

Elizabeth, por intermédio de Ida Ferenczi, foi posta a par de todos os acontecimentos. Seu coração generoso pende para os Magiares, e ela se alinha entre os simpatizantes da causa húngara, aberta e resolutamente. De novo coloca-se contra a opinião de Sofia, que, essa, é partidária de uma feroz repressão aos rebeldes húngaros. Como sempre o indeciso Francisco José, atordoado entre as duas mulheres, termina por tomar o partido de sua mãe.

(Cont. no próx. número)



● RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — A jovem e sensível Imperatriz Elizabeth, esposa do Imperador Francisco José, da Austria, encontrou, no marido, não o homem delicado e compreensivo que esperava, porém um senhor brutal e sem a mínima sensibilidade. Do choque desses dois temperamentos, tão diversos, cedo nascerão as primeiras sementes. Também o ódio que a sogra da Imperatriz, mãe de Francisco José, lhe devota, muito contribui para que Elizabeth se sinta, aos vinte anos, uma mulher destituída de amor.

FERNANDO LOBO

MÊDO — De repente comecei a ter medo da noite. Medo de tudo que a noite tem, eu que nela sempre encontrei o melhor abraço e a ternura mais quente. É que antes, talvez minha idade fosse mais nova, meus nervos mais intactos ou, quem sabe, antigamente talvez as noites fossem mais amigas e menos cheias de garras enormes dos homens de agora. Os homens? Esses da noite perderam a compostura e viraram coisa que precisa de equilíbrio. Por ela fazem o que podem atirando a fichinha do caráter em qualquer côr da roleta. Ainda ontem, num regime de governo diverso, vi homens de outros governos caídos e sós. A gargalhada melhor do grupo não era para quem está sem baralho nas mãos. Agora sobe um novo governo, semelhante àquele que havia caído e para ele e juntos com todos a gargalhada se repete como divertimento. É a noite que anda cariada e perigosa. Meus olhos não servem mais nem para as suas luzes, nem para as suas sombras, pois em ambos eles se sentem medrosos. Ora, vamos beber, esquecer, deixar pra lá porque afinal essa vida é de quem se «arruma» melhor. Ouvi isso da boca do amigo de ontem, do mesmo das horas outras em fase dura na luta aventureira de querer a cidade grande. Será que a cidade cresceu e os homens minguaram na vergonha? Sei que tenho medo e de mais nada sei. Vocês viram a fotografia daquele jovem correndo da morte no Paraná? Atrás vai um homem da lei, com a farda da lei e com uma lei sua na mão, para punir o jovem. Mas há no meio um cidadão de chapéu que para agradar a lei da loucura — essa lei atual — resolve passar uma rasteira no fugitivo e entregá-lo de graça ao punhal do facinora. Fêz por querer, para agradar a autoridade, para passar atestado de bom moço. E estará solto? Quem sabe? Aquêlê homem do meio é um representante paranaense da multidão de tôdas as ruas, de todos os cantos, que habitam esta minha terra onde nem mais cantam os sabiás. Um que também queria se «arrumar» sem sentir, sem medir, sem tomar conhecimento do que poderia acontecer ao que pouco depois tombaria morto. Ele estaria vivo e vivo com a lei. Não dá medo a noite, mesmo que tenha lua, mesmo que haja luz dentro das aboites e na porta delas uma infinidade de «leões de chácara», com seus punhais particulares escondidos na virada da barriga à espera de uma palavra a mais e outra a menos que o uísque sempre nos dá, palavras fatais, palavras que poderão ser sangue? E há sempre um no meio para nos dar a rasteira e sempre um tribunal para absolvê-lo. Medo está em mim e em muitos que a noite habitam...

O "SHOW" DE ONTEM



Foi no quando aberto «Casablanca» em tempos outros. Chamava-se «Pangaré» e o «script» era de Haroldo Barbosa. Nesta cena estão presentes algumas moças figurantes que hoje são cartazes em maioria. Ao fundo vêm-se Mara Abrantes e Osvaldo Elias.

● O BARÃO E OS EE. UU.

Naqueles tempos em que o Copacabana tinha importado o Barão Von Stucker para fazer suas artes no seu «grill», era um tempo mais sereno neste Rio. Tempo de jogo aberto, e muita vadiagem. Depois veio a guerra e a Alemanha sempre foi coisa que morava no coração do Barão. Mas o tempo foi feito para apagar coisas e agora, não só o Barão Stucker está se invertendo um americanista cem por cento como também pretende abrir em Nova Iorque um restaurante chamado «Pedro. I» — em homenagem àquele nosso grande Pedro que o nosso Stucker resolveu adotar como a tantos e tantos outros homens. Há de ser um sucesso

a iniciativa do ex-dono do Vogue, que divulgará mais ainda e sempre o nome do nosso querido Brasil.

● CASA DE CABOCO

Tôda gente lembra ainda a velha canção brasileira da «Casa de Caboco» que findava bonitinha afirmando que «um é pouco, dois é bom três é demais». Se fosse feita nos dias presentes, a letra não teria sentido pois os sinais do tempo são agora diversos. A razão das «três cruz entrelaçada na estrada» nem de leve pode ter razão de ser e o que aconteceu com o Zé Gazela, acontece todo dia e acontece bem, sem que seja motivo nem para tiros nem punhaladas. E quan-



NÓS TRÊS... O TRIO MARAVILHOSO... Nestor, Marize o Copia... do Copacabana Palace nos seus jantares ao relento.

tos e quantos como o Zé Gazela têm chegado bem dentro daquela frase:

«e se casaro mais um um dia, que agonia
quando em casa ele vortou
Zé Gazela viu Siá Rita, tôda allita
Tava lá Mané Sinhô...

A rua está cheia de Mané Sinhô, mas de Cadillac e muito dinheirinho no banco.

● VERAO

O Rio fêz 40 graus. Fêz no filme e fêz pra valer. Um homem suado carregava uma geladeira nas costas resmungando: que vida cheia de contrastes...

Confira seu trôco

● Frequento com meu grupo um bar simples da cidade. Bar que é metade mesa para nós, resto, balcão para vender secos e molhados. É o «Vilarino» que nos dá bebida honesta e que permite a todos uma conversa longa sem olhos de censuras nem medos maiores. Não chega a ser um «bar» de primeiríssima que ostente os seus vinhos, licores e uísques importados diretamente etc. É dela portanto a modesta lista de preços que passo a apresentar, para que o leitor some as coisas, compare os variados níveis de «bares» e compreenda porque esta cidade outrora boêmia é hoje uma velha capenga dentro das noites vazias e perigosas:

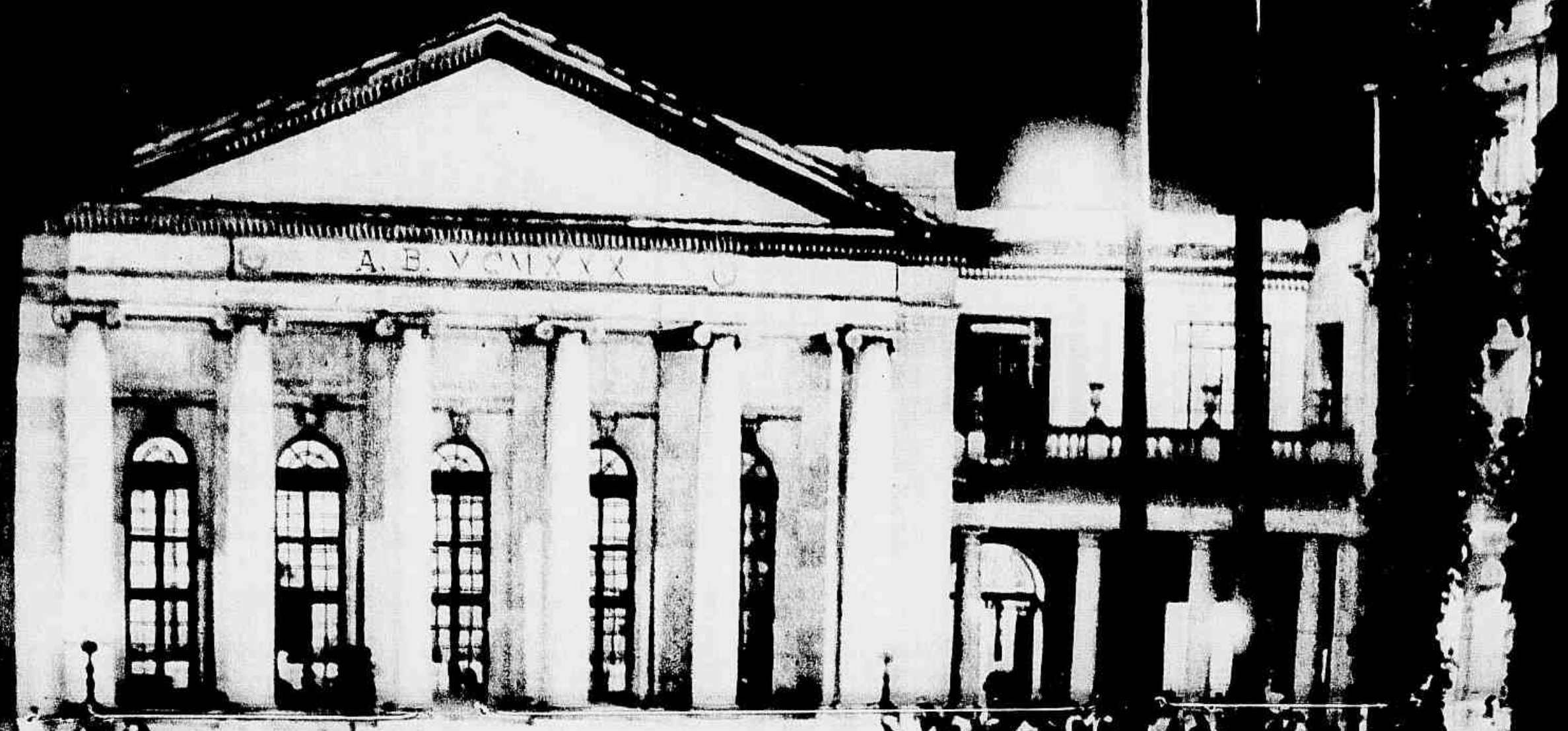
	CR\$
AMBASSADOR (Garrafa)	800.00
BALLANTINES	1.000.00
CAVALO BRANCO	1.000.00
CAVALO BRANCO (Garrafa)	800.00
CAMPBEL	700.00
DONALD (?)	700.00
JOHN HAIG (Garrafa)	800.00
KING OF KING	1.000.00
KING RANSON	1.500.00
OLD PARR	1.000.00
PRESIDENTE	1.500.00
WHITE LABEL	1.000.00
HAIG'S	1.200.00

Há quem diga que em São Paulo está se fabricando um uísque muito bonzinho com grande aceitação no estrangeiro. Devemos valorizar o que é nosso, bolas!



JUSCELINO E A PRIMEIRA DAMA

NÃO PASSARAM DESAPERCEBIDOS aos olhos de todos a elegância e o apuro no trajar que tanto o novo Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, quanto sua excelentíssima esposa, dona Sara Kubitschek, agora a Primeira Dama do País, mantêm naturalmente, sem afetação e o ar estudado que caracterizam a maior parte de nossos «soi-disant» elegantes. Juscelino, homem de Estado, homem de ação, é igualmente um cavalheiro: e dona Sara, pela sua graça sem mácula pelo seu «charme» natural, é realmente a 1ª Dama do Brasil.



NOITE INESQUECÍVEL

ESSA NOTÁVEL VISÃO do que foi a suntuosa recepção oferecida no Itamaraty, pelo Presidente Juscelino Kubitschek aos membros das Missões Especiais que até ao Brasil vieram a fim de assistir sua posse na Presidência da República, aos representantes diplomáticos comumente acreditados junto ao nosso Governo, e à sociedade brasileira, mostra muito bem o que foi essa festa encantada, às margens do pequenino lago da Casa de Rio Branco, onde seis cisnes nadavam ininterruptamente, sem perceber, decerto, a imponência e o significado das cerimônias que a seu lado se desenrolavam. A noite límpida e não muito quente; o Corpo de Baile do Municipal; as mulheres em seus trajes cintilantes de gala; o austero edifício ao fundo, em sua serena beleza helênica; as árvores e a vegetação casando-se com as construções harmoniosamente, tudo contribuiu para fazer, dessa data, uma noite inesquecível, que tão auspiciosamente inaugurava novo período governamental e que ficará na lembrança dos presentes. (Foto de Victor Tapajós).



MEU

MARIUS

D

IANTE da penteadeira, Liette escovava os cabelos distraidamente, enquanto pensamentos amargos lhe desfilavam pelo cérebro. Inconscientemente seus lábios sibilavam comentários: — Nunca mais hei de amar a ninguém... mesmo que fique solteirona triste e solitária. Os homens são todos uns cretinos, uns imbecis e não merecem sequer um pensamento honesto. — E assim falando, recordava seus últimos e mais sérios romances.

Conhecera Oliveira após um «trote» que lhe passara a pedido de uma amiga comum. Fôra, com efeito, um lindo romance. Oliveira jamais a chamava pelo nome, era sempre: «querida». «Alô, querida, como vai?» Era realmente um rapaz inteligente. Palestravam longamente sobre vários assuntos, sem sentirem as horas passar.

— «Você hoje está muito elegante, querida».

Esta era uma frase que Liette ouvia diariamente, isto é, nos dias em que se encontravam. Meses depois, quando o namôro parecia tomar um caráter sério e o rapaz começara mesmo a fazer planos para o futuro, eis que Liette nota qualquer coisa de diferente. Já não era com o mesmo arroubo que êle a beijava e murmurava-lhe ao ouvido — «Eu não poderia viver sem você, amor». As palavras eram as mesmas, mas a sensibilidade da garôta registrava certa diferença.

Dizem que o amor é cego, mas em certos casos, podemos dizer que êle possui dezenas de olhos bem abertos. Foi com um pressentimento

Mas o tempo, êsse médico infalível dos males sentimentais encarregou-se de curá-la. O raciocínio foi um precioso conselheiro: «Porque me deixar morrer por um indivíduo que me ludibriou de modo tão vulgar? Afinal não há motivos para me desesperar». E fazia pela sua imaginação todos os defeitos do rapaz, tôdas as coisas de que não gostava nêle e acabou por se convencer de que nada perdera com aquela frustração. Dali por diante passaria a ser mais prudente com os homens que jurassem amá-la.

Já se sentia bem restabelecida quando conheceu Rodrigues. Quanta afinidade entre suas almas! Muitas vezes, ouvindo-o falar, sentia a impressão de que eram seus próprios pensamentos que haviam adquirido voz. Preferiam os mesmos autores, as mesmas obras literárias, os mesmos poetas. Com o passar do tempo, Rodrigues foi demonstrando o seu pior defeito: o ciúme. Liette não devia olhar para ninguém, homem ou mulher. E as cenas foram se repetindo.

— Você olha para todo o mundo, menos para mim.

— Não seja louco. Eu nem sequer reparo nos que passam por mim.

— Aquêlê sujeito fardado de capitão só faltou devorá-la com os olhos.

— Por que você não me quebra ao meio e esconde no bôlso?

— Porque não posso. Se o pudesse já o teria feito.

Basta. Rodrigues é um caso de psicanálise. Quando estavam no hall de um cinema, esperando terminar a seção, êle logo a advertia:

— Eu estou vigiando seus olhos.

— Vou pregá-los no chão.

— Não! Pregue-os em mim.

Liette não queria brigar. Eram tão boas as horas que passavam juntos, palestrando amigavelmente.

Outro particular era que também Rodrigues nunca a chamava pelo nome. Era sempre «minha querida», «meu amor» ou «minha filha». E Liette voltara a sonhar com o amor. Achava que desta vez encontrara o homem dos seus sonhos. Rodrigues sabia dizer as coisas mais belas do mundo, na voz mais doce que poderia existir. Desta vez ela estava apaixonada. Oliveira desaparecia nas brumas da vulgaridade diante do que sentia pelo maravilhoso Rodrigues. Mas... aquêlê ciúme doentio a perseguia. Como livrar-se dêle? E os meses foram passando. Rodrigues idealizava coisas fantásticas para o futuro de

ambos. E êsses planos eram sempre interrompidos pelas cenas de ciúme. Finalmente a alegria da jovem, sempre que ia ao encontro de Rodrigues, ficava velada pelo secreto desespero de novas discussões. As vezes levava a decisão de acabar com aquêlê tormento e aconteceu várias vezes que, irritada, deixava-o na rua e seguia para seu apartamento disposta a nunca mais procurá-lo. Mal chegava em casa, atirava-se sobre a cama e mergulhava na sua dor. Não o verei nunca mais... nunca mais... e dez minutos depois estava com o telefone ao ouvido: — «Alô... Rodrigues...» — E ouvia: — «Alô, minha querida... onde você está? E' em casa mesmo? Você foi diretamente?»

Tôda a disposição de rompimento se fundia numa onda de amor. Como terminar um romance tão emocionante? E quando apresentava sua idéia drástica, êle respondia: — «Não acredite que você tenha coragem de acabar com o nosso amor. Não seria possível, por que êle é eterno. Nós nascemos um para o outro, temos o mesmo espírito a mesma afinidade».

E não adiantava ela protestar, dizer que sofria com seu ciúme doentio. Mas, como tudo quanto o destino determina, chegou finalmente ao término dêsse movimentado romance. Antes que tal acontecesse, Liette pôde tirar a sua desforrazinha do malandro do Oliveira. Certa vez, quando ela esperava Rodrigues numa confeitaria, entrou o antigo namorado e vendo-a, tôda elegante com seu corpo queimado de sol cujos ombros saíam do vestido «tomara que caísse, vermelhos e bonitos de se ver, dela se aproximou, falando com voz comovida:

— Liette... como eu gostaria de falar com você...

Embora com um mêdo pavoroso de que Rodrigues chegasse de repente e fizesse uma bonita cena, Liette que folheava uma revista, nem mesmo se deu ao trabalho de erguer os olhos para êle:

— Falar comigo? Ora, por que? Nada temos a nos dizer.

Sua indiferença e frieza feriram profundamente o conquistador Oliveira que desculpando-se deixou-a, indo sentar-se a uma mesa próxima. Um minuto depois entrava Rodrigues que beijando as mãos de Liette, sentou-se ao seu lado com o seu todo carinhoso. Oliveira sumiu em dois tempos.

Como dizíamos linhas acima, também terminou o romance com o ciúme de Rodrigues. Liette sofreu profundamente, como não poderia deixar de ser, mas de um modo diferente, pois não havia ódio no seu coração, nem decepções como no caso do Oliveira. O que havia era tristeza profunda, motivada pelo reconhecimento de sua impotência para vencer ou anular os sentimentos egoístas de Rodrigues.

Agora, diante de sua penteadeira, escovando distraidamente os longos cabelos dourados, Liette esbraveja surdamente contra os homens. Ela ficará solteirona, mas ninguém mais ouvirá de seus lábios uma palavra de carinho. Agora, sempre que alguém a chama de «querida», ou «minha querida», ela recorda a falsidade de Oliveira e o egoísmo de Rodrigues. Seus lábios sorriem irônicamente, mas o seu coração gargalha com desprezo. Ela não acreditará mais na importância dessas palavras que deviam ser respeitadas. Já agora não lhe trazem um sentimento de conforto, de saber-se amada, e sim um assomo de repulsa, de tédio. «Minha querida!» «Meu amor!» Bah! Nunca mais ela prestaria atenção o quem a tratasse dêsse modo. Mas...

(Cont. na página 48)

ANJO

que Liette resolveu surpreendê-lo em seu escritório, justamente na segunda-feira, dia em que não se encontrariam. Deixando a repartição onde trabalhava, a jovem se encaminhou naquele sentido, levando o coração terrivelmente oprimido. Ele estava só, trabalhando em cálculos quando Liette entrou.

— Como vai, querida? Que surpresa...

A moça acomodou-se numa cadeira e ficou a observá-lo disfarçadamente. Notou os olhares angustiosos que Oliveira lançava ao telefone e quando o tilintar da campainha inundou a sala com seu ruído estridente, o rapaz fez um esforço tremendo para controlar os movimentos e conseguiu falar com voz calma: — «Alô... sim... dentro de meia hora... está bem... até já...» Voltando para Liette, explicou:

— Foi um amigo meu. Convidou-me para ajudá-lo a resolver alguns problemas esta noite. Prometi encontrá-lo dentro de meia hora.

— Desceremos juntos, quando você fôr.

Trocando uma palavra ou outra, os dois ficaram assim por muito tempo. Liette não tinha nenhuma vontade de deixar o escritório precipitadamente. Seu espírito estava como que em expectativa. Finalmente o telefone voltou a tocar e foi relutantemente que Oliveira atendeu.

— Alô! Sim... vou... pode sim... até já.

— O seu amigo está aflito, não?

— Êle quer que eu vá jantar com êle.

E dez minutos depois o telefone voltou a tocar. Desta vez o rapaz prometeu que desceria dentro de dez minutos e ouvindo uma reclamação do outro lado, consentiu em descer dentro de cinco minutos, mesmo. Mas o tempo foi-se esgotando e êle voltava ao trabalho, ao diálogo lacônico e não se preparava para descer.

— Você não prometeu descer em cinco minutos?

— Não faz mal. Êle espera.

Quinze minutos. O acensorista assomou à porta e informou:

— Há uma senhora lá em baixo a sua espera, dr. Oliveira.

Liette não disse nada. Silenciosamente Oliveira vestiu o paletó e ela o acompanhou. A porta estava o «amigo» de seu namorado, em saia e blusa. Êle, diante do inevitável, fez as apresentações.

— A senhorita Liette Campos, a srta. Creusa Dias.

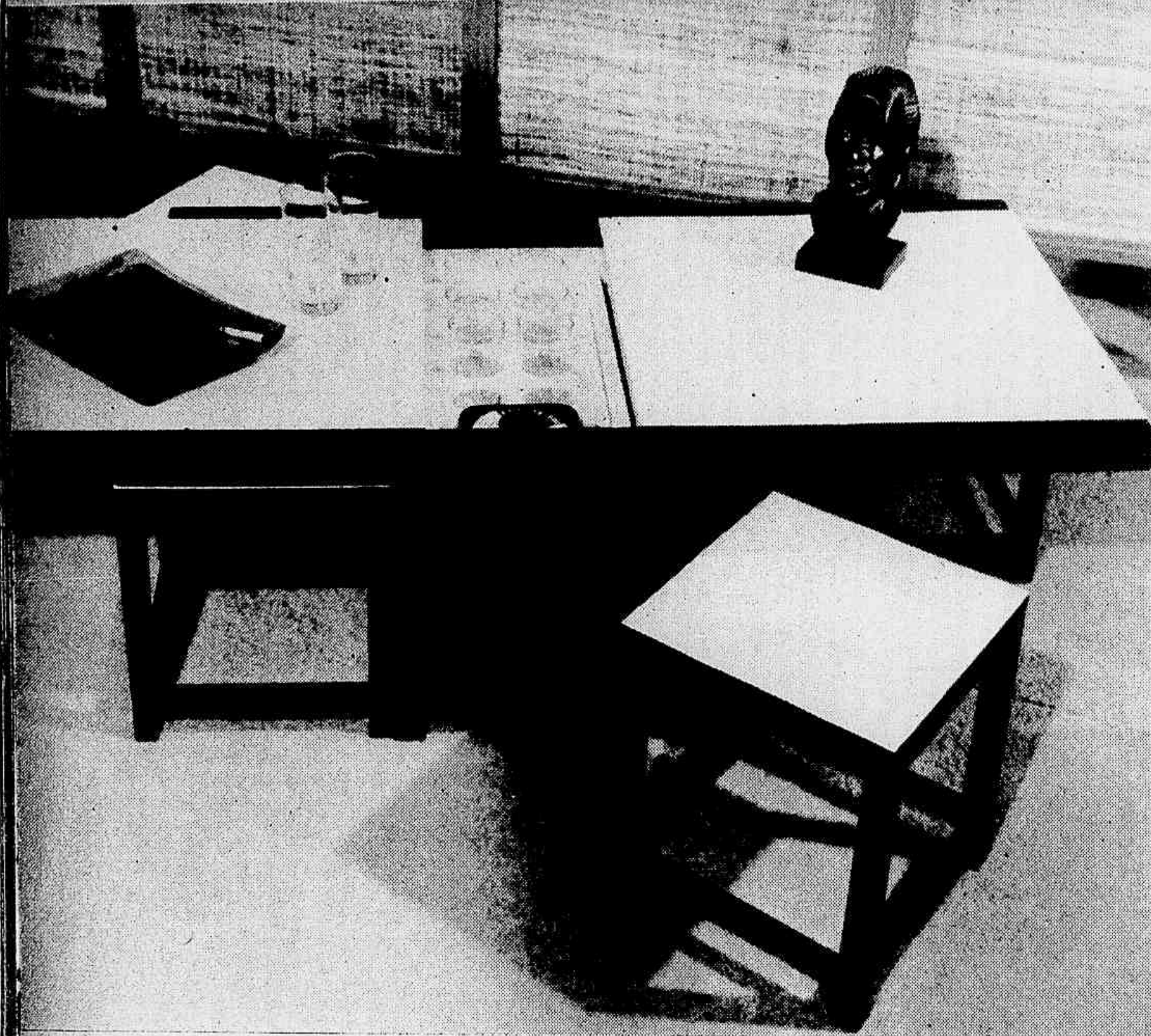
E saíram os três, caminhando como velhos amigos. Na esquina, Liette se despediu. Levava a morte na alma, o desespero no coração e o cérebro cheio de ódio. Então era assim. Dizia-lhe que a amava, que não mais poderia viver sem ela e a enganava miseravelmente. Aquela fôra uma noite de insônia. No dia seguinte, quase não conseguia trabalhar. Quando o telefone tocou e ela ouviu aquela voz grave que tanto amou:

— Alô! querida...

— Não me chame de querida — cortou violentamente — e nunca mais me procure. Eu o odeio e não quero vê-lo novamente em minha frente.

Cortou a ligação e se deixou cair na cadeira. Sofria atrocemente, como jamais imaginara sofrer. Então, o amor que tanta felicidade concedia, era igualmente capaz de esfaquear um coração!

Durante uma semana Liette não sentiu, não viu, não viveu. Era uma autômata. Não conseguia concentrar um só dos pensamentos. À tarde voltava para seu pequeno apartamento onde vivia sôzinha, sem família. Até o jantarzinho que gostava de fazer tôdas as noites ficara esquecido. Liette só encontrava a sua dor dentro e fora de si.



CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

pato a quantidade precisa ser um pouquinho maior.

★

PARA CLAREAR as cadeiras de vime, faça isso: esfregue-as muito bem com limões cortados ao meio. Enxágüe-as depois com água salgada. Deixe secar à sombra em local ventilado.

★

PARA QUE as salsas conservem sua cor verde, quando servidas como guarnição de um prato, o melhor é frigi-las por alguns segundos apenas em azeite muito quente.

★

UMA LATA de cera líquida incolor prestar-lhe-á inúmeros serviços: para polir assoalho, dar lustro em sapatos, polir móveis e geladeira, limpar e dar brilho em bolsas e cintos de couro.

★

SE VAI guardar gema de ovo de um dia para o outro, ponha num copo e cubra com água fria. Dessa forma não ficará ressecada.

Sugestão para o lar

OS ARQUITETOS modernos procuram com engenhosidade e imaginação, criar novos modelos de móveis que sirvam para muitas finalidades. É o caso da mesinha baixa da ilustração:

★ Um corpo central, coberto pelo tampo de correr, tem espaço suficiente para acomodar oito copos de bebida, um balde de gelo, e diversas garrafas.

★ De ambos os lados, de sob o tampo, saem quatro banquetinhas (duas de cada lado).

O móvel, que poderíamos denominar «mesa-bar», é laqueado de negro e tem a parte superior, tanto da mesa quanto das banquetas, em material plástico laminado (panelyte) rosa claro.

Constitui, com sua extrema versatilidade, uma unidade ideal para apartamento pequeno.

NOTINHAS ÚTEIS

ROUPA QUE brilha — Principalmente as roupas em tecido escuro são muito feias quando adquirem brilho ao serem passadas. Para que isso não aconteça preste atenção ao seguinte:

— não use um ferro muito quente;

— não passe a roupa sem acolchoado, e ainda menos sobre táboa muito dura;

— passe golas, bainhas e outras partes com mais tecido, com o auxílio de um pano protetor, colocado entre o ferro e a peça de roupa;

— enxágüe muito bem a roupa lavada, de maneira a retirar todo vestígio de sabão. A roupa mal enxaguada brilha sempre, mesmo se passada com ferro não muito quente.

★

SE VOCÊ NÃO sabe nunca quanto deve comprar de galinha para a refeição baseie-se nisso: uma ave de um quilo (já limpa e depenada) dá bem para 3 pessoas. Para ganso ou

Matrimônio feliz



1) *Você se interessa sinceramente pelo trabalho de seu marido? (Se o considera apenas como um ganhador você não pode ser considerada uma boa companheira).*

2) *Ainda admira e elogia o seu marido como antes do casamento?*

3) *Procura aparecer atraente diante de seu marido como no tempo de noivado e nos primeiros meses de lua de mel?*

4) *Quando escolhe alguma coisa importante para seu uso pessoal (um vestido ou um chapéu especiais, por exemplo) pede que ele dê opinião?*

5) *Tem um divertimento ou passatempo em comum com seu marido para encher as horas de descanso? (Esporte, "hobby"...)*

6) *Você é ainda a pessoa mais amiga de seu marido, sua confidente e conselheira?*

Se não puder responder ao menos 4 "sim", você foi reprovada na prova do matrimônio feliz. Precisa tomar alguma providência, enquanto é tempo de salvar a sua felicidade.

● Os testes estão sempre em moda e constituem uma forma simples de comparar a nossa vida com a da média normal, para podermos tirar nossas conclusões. Hoje apresentamos para as leitoras um teste muito simples do "matrimônio feliz". Aquelas que são casadas podem logo tirar as suas conclusões. As outras aconselho a recortar e guardar o teste para relê-lo em ocasião oportuna: 10 anos, 5 anos, 1 ano depois de terem dado o grande passo.

SEU MARIDO NÃO GOSTARÁ...

★ A PRIMEIRA vez que interrompê-lo quando lhe contar sua anedota predileta ele deixará passar... A segunda, ficará irritado, e a terceira pensará que você é uma pessoa impossível de se conviver.

★ É PRECISO ser extremamente egoísta ou excessivamente distraída para fazer o que fazem certas jovens. Encontram na rua amigos pessoais e com eles ficam minutos intermináveis a conversar sem apresentar o rapaz que a acompanha. Esse espera aborrecido na beira da calçada... Não é preciso agir assim muitas vezes para acabar definitivamente com a paciência de qualquer mortal!

★ NAO O DECEPCIONE mostrando que não tem gosto. São raríssimas as mulheres que podem escolher gravatas para seus namorados, noivos e, até, maridos! Procuram o que agrada a elas sem se preocupar que é "ele" quem vai receber o presente. Isso acontece também em relação a livros, cinzeiros, etc. Você será uma namorada ou noiva ideal se conseguir agradar-lhe cem por cento nos presentes que lhe dá.

WEEK-END NA COZINHA



Para servir com café, refresco, chá ou sorvete, estes deliciosos biscoitos que você prepara rapidamente.

1. Meça: 4 xícaras de farinha de trigo, 1 colher das de sobremesa de fermento em pó; uma pitadinha de sal. Misture tudo e passe pela peneira duas vezes.

2. Numa tigela bata 1 xícara de manteiga (ou margarina) com 2 xícaras de açúcar, até ficar a massa esbranquiçada. Junte 3 ovos, um de cada vez, e batendo bem depois de adicionar cada um. Ponha uma colherinha de essência de baunilha e misture.

3. Pouco a pouco, ponha na massa a farinha peneirada, sempre misturando bem. Cubra a tigela e ponha na geladeira até ficar com consistência de enrolar.

4. Enrole a massa formando um cilindro e transforme esse, achatando dos lados, até ficar com as bases quadradas. Corte-o em quadrados com 1/2 centímetro de espessura.

Arrume em tabuleiros untados. Ponha no centro de cada biscoito uma pastilha redonda de chocolate. Asse em forno moderado, perto de 10 minutos. (A receita dá, mais ou menos, 4 dúzias de biscoitos) — Foto Pan-American Coffee.

UM POUCO DE BELEZA



BELEZA ADOLESCENTE

3 A preocupação em aparecer bela começa muito cedo entre as meninas da geração atual. Basta olhar para as adolescentes de 14, 15 e 16 anos que freqüentam os ginásios, para se comprovar essa afirmação. Está certo. O que não está certo é a não orientação dessa tendência pelas mães que deveriam ser as primeiras a se preocuparem com a beleza de suas filhas: pele, porte, e alimentação, principalmente. Na adolescência é que se formam os bons hábitos de saúde, higiene e beleza que se prolongarão por toda a mocidade e idade adulta. A senhora elegante e ainda bela aos 40 começou a cuidar de si muito cedo, podem estar certas.

5 Essa fase da vida, é uma fase ingrata, porém. Com o primeiro despertar da vaidade, despontam também, muitas vezes, as primeiras espinhas e imperfeições da pele. Há adolescente que têm tendência a engordar. Isto tudo não precisa absolutamente se transformar numa calamidade, fonte de terríveis complexos. A pele das jovens não precisa ser cheia de espinhas, nem sua silhueta cêfalo-fax. Há médicos especialistas que encontrarão uma solução para esses casos, com vantagem para a beleza e a saúde da menina-moça. Ambos — espinhas e gordura excessiva — não curados com regime apropriado, científico que somente o médico pode aconselhar. Nessa idade há tendência a se comer demais e isso, em vez de trazer benefícios prejudica a saúde.

6 Há outros pontos sobre os quais as mães devem insistir para que mais tarde suas filhas sejam moças e senhoras elegantes e admiradas: o seu modo de caminhar, de tratar os outros, de falar. Tudo deve ser femininamente gracioso, ainda que a jovem seja esportiva e desenvolta. Uma coisa não está em contradição com a outra. É a hora de começar a usar sapatos com saltinhos (4cm.) para se habituarem mais tarde com os saltos altos.

Quanto à maquiagem e permanentes, o procedimento varia conforme o caso. Há meninas com cabelos excessivamente lisos que precisam logo de permanente, para poder ajeitá-los; outras com sobranceiras tão cerradas que não deixar raspá-las é uma crueldade; outras ainda, pálidas, que precisam começar cedo a usar rouge e batão. Uma jovem, porém, sadia, bonita, de cabelos feitos e pele corada não precisará de artifícios de beleza tão cedo. Cabe às mães orientarem suas filhas no melhor caminho.

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

HUMORISMO
★
RÁDIO
★
TEATRO
★
CARTAZES
★
RÁDIO
★
TEATRO
★
CARTAZES
★
CONCURSOS
★
NOTICIÁRIO
★
TEATRO

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

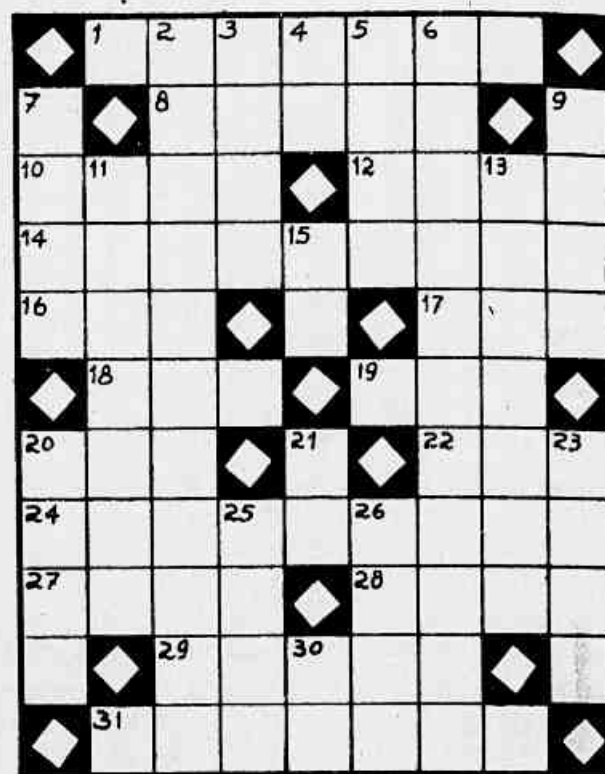
RÁDIO
★
TEATRO
★
MÚSICA
★
HUMORISMO
★
ESPORTES
★
NOTICIÁRIO
★
TEATRO

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 108

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Enfiadas — 8. Ali-viar — 10. Nome científico de uma planta de que se faz um chá muito usado no Sul — 12. Que está no lugar mais baixo (pl.) — 14. Que tem a forma de trança — 16. Planta da família das Leguminosas-Papilionáceas — 17. Brinquedo composto de uma taboinha presa a um cordel e que se faz girar, produzindo grande ruído — 18. Bom acolhimento — 19. Árvore da Índia Portuguesa — 20. Tenha suspeitas — 22. Tecido antigo, francês, que se fabricava no Languedoc — 24. Sujeito desprezível — 27. Pegas — 28. Suplicas — 29. Marcai com estas — 31. Espécie de veado (pl.).

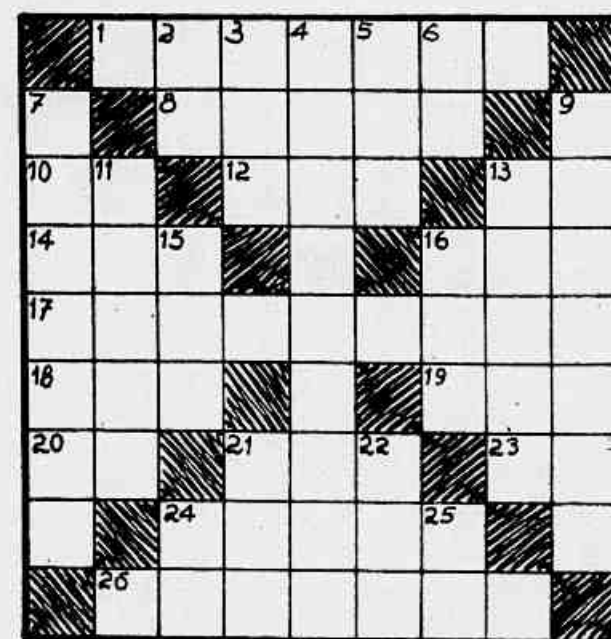


Clare - Rio

VERTICAIS: — 2. Diz-se do peixe que não tem escamas na cabeça — 3. Desimpedida — 4. Nono — 5. Gênero de arbustos da África Central, da família das Timeliáceas — 6. Negociante de açúcar ou algodão — 7. Desumano — 9. Gênero de insetos coleópteros teredilios — 11. Conversas sem interesse — 13. Base salificável, extraída do óleo animal de Dippel — 15. Apenas — 20. Tzar — 21. Árvore do Senegal — 23. Língua do grupo nígero-tchadiano falada nas margens do Logrossio de Musgum — 25. Saltério de dez cordas — 26. Conceder — 30. Planta têxtil da China.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Aliciar eleitores, votos — 8. Pouco profundos — 10. Perversa — 12. Faz uso — 13. Antes de Cristo — 14. Cólera — 16. Quer bem — 17. Federalistas, adeptos de Silveira Martins, no Rio Grande do Sul — 18. Mau cheiro — 19. Fileira — 20. Símbolo químico do rádio — 21. Nome de homem — 23. Outra coisa — 24. O mesmo que abatimento — 26. Estendera no lar ou na lareira.



Clare - Rio

VERTICAIS: — 2. Brisa — 3. Espécie de mala de tampa convexa — 4. Afirmar com segurança — 5. Apologia — 6. Artigo plural — 7. Fazer mimos — 9. Ajunta; o mesmo que casala — 11. Aguardente extraída do arroz fermentado — 13. Afia — 15. Pedra do altar — 16. Liga — 21. Rebordo de chapéu — 22. Pedra, em tupi-guarani — 24. Símbolo do alumínio — 25. Desinência verbal.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 107

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: área — saca — rir — cus — uças — luis — mada-mismo — opimo — ati — trono — farisaico — amua — raz — Nit — nai — orar — tara.

VERTICAIS: arumã — riça — erado — acuso — cuim — assoa — sa-paria — liminar — mitos — ufano — truta — oiana — cozia — amir — ciar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — rata — rama — afortunar — Er — iam — ri — rim — ata — cem — ami — ras — are — in — sal — ir — moderador — asir — raso.

VERTICAIS: raer — africanos — to — Ari — rum — an — martírios — ária — tal — mês — ama — rima — mar — êrro — ser — lar — Di — dá.

PRESENÇA DE VESPÚCIO

EDUARDO TOURINHO

Foi a 22 de fevereiro de 1512 que, em Sevilha, morreu Américo Vespúcio. Em 1505 concedera-lhe Fernando — o Católico — cidadania espanhola e, três anos depois, o posto de piloto-mor de Castela. Desposara Maria Cerezo que, pela sua morte, teve a pensão anual de dez mil maravedis.

Dos descobrimentos de Vespúcio no novo mundo, veio o nome de AMÉRICA à parte sul do continente. Depois, ao continente inteiro. Muitos julgam isso uma injustiça a Colombo mas, em verdade, as descobertas do notável florentino nesta parte da terra são mais vastas do que as do célebre genovês. Foi Colombo quem, em primeiro lugar, chegou nas Antilhas. Mas foi Américo Vespúcio quem em 1497 — nos barcos de Hojeda — singrou do litoral do Rio Grande do Norte ao Cabo Hatteras ou à baía de Cheseapeack. Depois — 1501 — desce, com André Gonçalves, do Cabo de S. Roque até a Patagônia. De São Vicente — a 22 de janeiro de 1502 — passaram os expedicionários a Cananéa onde deixaram o degradado bacharel Duarte Peres.

Na frota de Gonçalo Coelho volta Vespúcio novamente ao Brasil, em 1503. A nau capitânea naufraga em Fernando de Noronha. Com dois navios, aporta o florentino na Bahia de Todos os Santos. Alcança, depois, o Rio de Janeiro e em Cabo Frio ou já em litoral sanvicentino funda uma Feitoria, onde deixou vinte e quatro homens e doze canhões. A esse reduto ou ao que, depois, foi construído por Gonçalo Coelho e que os Tamoios — nas suas guerras — destruíram, teria chegado em 1511 a nau «Bretoa» quando pela primeira vez aqui veio e daqui levou para Portugal silvícolas, bugios, papagaios, pau-de-tinta e algodão.

A Lourenço de Medicis narra Vespúcio essa visita ao Brasil, quando a primeira **Entrada** nas selvas foi feita por civilizados.

★

Nos barcos de Gonçalo Coelho deixara Lisboa no dia 10 de maio de 1503. A 18 de junho do ano seguinte a Lisboa voltou, dando Gonçalo Coelho como perdido. E escreveu «que tôdas as outras naves da frota se perderam pela soberba e loucura do nosso capitão, que assim paga a Deus a soberba». Nisso, enganava-se como os que acreditavam ter-se ele — Vespúcio — perdido também...

● Na LETTERA, de 1504, a Piero Soderini — Gonfalonero de Florença — recapitula êle as viagens ao novo mundo, desde a de 1497, sob a bandeira de Castela. Essa correspondência revela seus altos méritos de navegador, sua viva curiosidade de cosmógrafo, seu poder de observação. Na segunda viagem ao Brasil, não viu Vespúcio «nesta costa coisa de proveito, exceto inumeráveis árvores de pau-brasil, de cássia e das que produzem mirra, além de muitas maravilhas da natureza que não se podem descrever». Dêsse desalentador informe resultou o arrendamento feito pela Coroa a Fernão de Loronha e aos **cristãos novos** que a êle se associaram para a exploração da terra **novamente descoberta**. No relato da terceira viagem narra o naufrágio da nau de Gonçalo Coelho — na noite de 10 de agosto de 1503 — em frente da ilha então chamada de São Lourenço e que hoje é a Fernando de Noronha. Num escaler chegou Vespúcio à ilha. Tomou água e lenha. Recolheu pássaros. Viu cobras e lagartos em abundância... Dezesesseis dias depois estava na Bahia onde, por dois meses e quatro dias, esperou Gonçalo Coelho. Na crença de que o capitão perecera pela sua «soberba e loucura», velejou para o sul.

● Na LETTERA, diz: «Navegamos além de duzentas léguas, quando chegamos a um porto (Cabo Frio?) onde resolvemos fazer uma fortaleza, e a fizemos, deixando nela vinte e quatro cristãos que tinha em minha conserva, recolhidos da nau capitânea que se havia perdido». Para construir o reduto e carregar os

navios com o **pau de tinturaria**, demorou-se Vespúcio cinco meses.

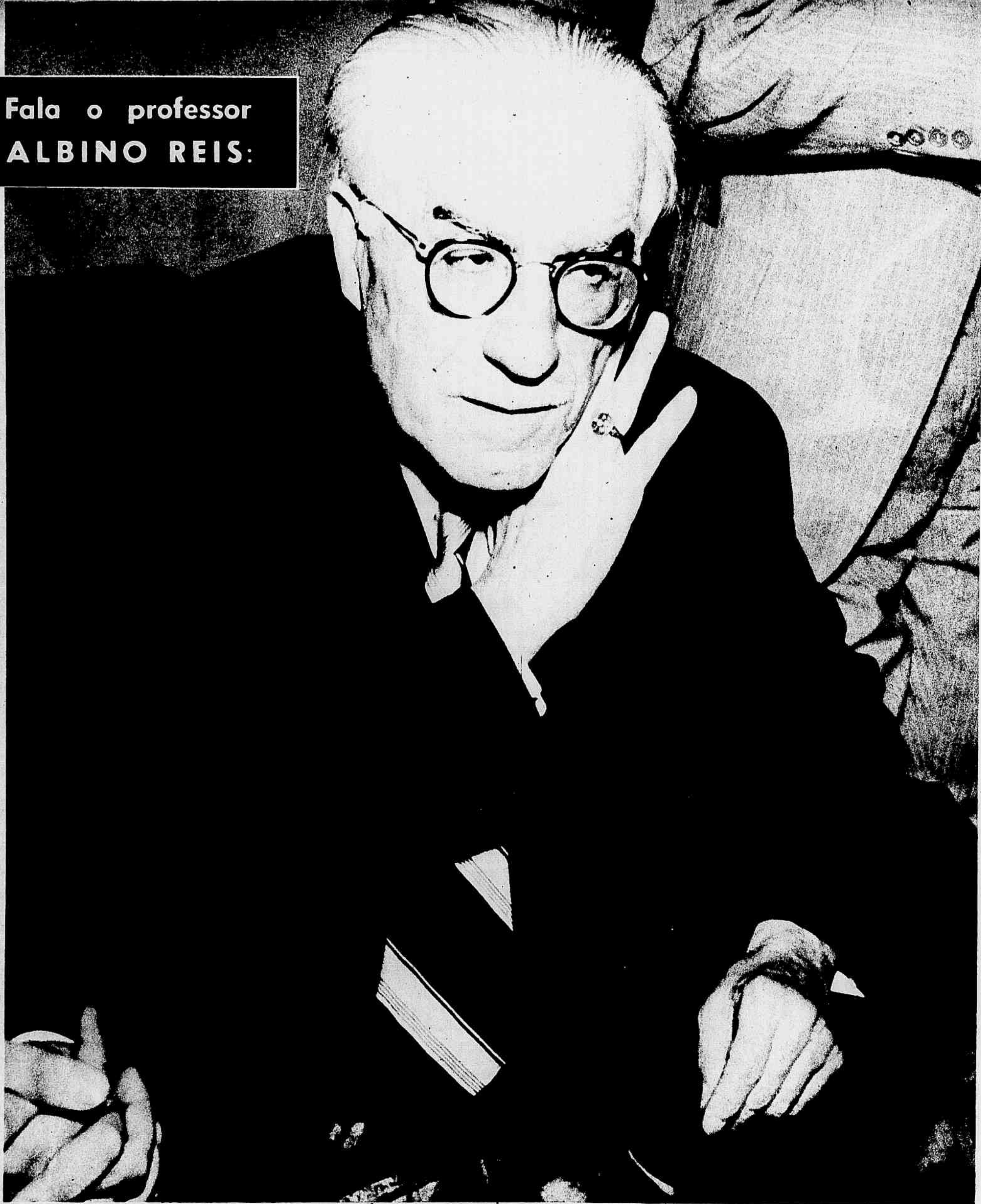
● Em MUNDUS NOVUS — escrita, provavelmente, em 1503 a Lourenço de Medicis — discorre sobre o Cruzeiro do Sul. Como fizera Caminha e, depois, Hans Staden, Thevet, Lery, Nóbrega e seus santos companheiros, descreve Vespúcio os primitivos habitantes do Brasil. E salienta a **fertilidade da terra e a qualidade do céu**. Coube-lhe — na viagem com André Gonçalves, em 1501 — assistir e pintar uma cena de antropofagia simbólica dos **brasis**. Foi a 24 de agosto, último dia de permanência no Cabo de S. Roque. Como não regressem às naus dois marujos cinco dias antes idos à terra em busca de informes, um grumete foi mandado falar com as muitas índias que se achavam na praia. Mal o rapaz saltou do escaler, fecharam-no num círculo e **começaram a apalpá-lo**. Nisso, apareceu uma silvícola que brandia grosso pau. Acheou-se à roda, levantou o cacete e — diz Vespúcio — **descarregou tão grande golpe no cristão que o estendeu morto por terra**. Homens acorreram à praia e começaram a assestar os portugueses do escaler. Em vão, dos navios

foram disparados **quatro tiros de bombard**... E narra o notável florentino: — «As mulheres então despedaçaram o cristão e, numa fogueira que haviam feito, assaram-no à nossa vista, mostrando-nos muitos pedaços de carne — que comiam em seguida. Os homens — gesticulando — diziam-nos como haviam matado e comido os outros dois cristãos», os dois marinheiros que se haviam internado pela região como observadores.

As índias, porém, achou **formosas**, de «rosto cheio, querendo parecer-se aos tártaros». Sem poder classificar os selvagens, escreveu: «Não se lhes pode chamar mouros ou judeus. Não lhes vimos praticar nenhum sacrifício e tampouco possuem casas de oração».

● Por quanto fez para glória da Espanha, não alcançou Vespúcio maiores recompensas do que a cidadania e as funções de piloto-mor de Castela. Mas Ghirlandaio celebrou seus feitos num magnífico **fresco** executado na igreja de Borgognissanti, bairro de Florença, que a família de Vespúcio habitava. E dos florentinos teve o título de **PAI DA PATRIA**.

Fala o professor
ALBINO REIS:



«É UM GESTO DE TAL GRANDEZA MORAL E DE UMA BELEZA TÃO PURA»... REFERENTE AO BRASIL, NO CASO DE GOA.

CONFIANÇA NO FUTURO DO BRASIL

ESSE É O LEMA DAS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E O NOSSO PAÍS — DECLARA O EMBAIXADOR ESPECIAL À POSSE DE JUSCELI-
REVISTA DA SEMANA — 40

NO ★ O PROBLEMA DA IMIGRAÇÃO E ALGUNS
CONCEITOS JUDICIOSOS ★ APRECIACÕES
EM GERAL SÔBRE O BRASIL E SEU POVO

NUM dos salões do anexo do Copacabana, por intermédio do Adido de Imprensa da Embaixada de Portugal, sr. Herculano Rebordão, recebeu-nos o embaixador especial de Portugal à posse do sr. Juscelino Kubitschek na Presidência da República, sr. Albino dos Reis, Presidente da Assembléia Nacional e Presidente do Conselho Administrativo. Sua Excelência, que se fazia acompanhar do sr. Herculano Rebordão, do deputado Paulo Rodrigues, adido à Missão e do jornalista português Marques Gastão, que faz a sua cobertura jornalística, entrou no salão exatamente às dez horas como estava programado.

Bem humorado, olhou lá fora o sol que esplendia magnificamente sobre a piscina, com uma atração quase irresistível para um belo mergulho e um convite à preguiça amável de um bom uísque e estendeu-nos a mão para o início da entrevista.

Sentado no sofá, o cabelo branco, traços firmes e bem vincados, com aquelas características bem pronunciadas de figura saída de um dos quadros de Nuno Gonçalves, Sua Excelência pôs-nos imediatamente à vontade para quaisquer perguntas. E inicialmente, indagamos:

— Qual a repercussão, em Portugal, da posição política tomada pelo Brasil, no caso de Goa?

— A melhor possível! A atitude assumida pelo Brasil, de solidariedade à posição de Portugal no caso das nossas justas reivindicações em Goa, teve a melhor e a mais profunda repercussão em todo o país. Principalmente, no sentido de irmanar ainda mais, se tal fôsse possível, as duas Nações.

Houve um pequeno hiato e Sua Excelência continuou, logo após:

— Esse gesto traduz uma tal grandeza e é de uma beleza moral tão pura, que as coisas realmente grandes e belas não precisam de adjetivos para serem acentuadas em suas verdadeiras linhas. São daquelas que se gravam na retina e se gravam no coração, aí permanecendo eternamente como um dos testemunhos altos dos laços afetivos e da comunhão de interesses que ligam as duas Pátrias.

As suas palavras soaram com aquele cunho de verdade e sinceridade que todos os portugueses, sejam quais forem as suas condições sociais, sabem dar quando falam com verdadeiro sentimento.

A seguir, referindo-nos à viagem do sr. Juscelino Kubitschek que teve como escopo principal a fixação de capitais estrangeiros no Brasil, nesta etapa que se inicia de nosso desenvolvimento econômico, pedimos a Sua Excelência que nos informasse sobre a vinda de capitais portugueses para o Brasil.

— Individualizando, não posso apontar este ou aquele grupo, nem mesmo fazer maiores declarações a respeito, mas, pessoalmente, acho possível a vinda desses capitais para ajudarem a fazer a grandeza desta bela terra, participando do grande destino histórico que lhe antevejo.

— E sobre o problema imigratório?

— Não é fácil abordar no simples esquema de uma entrevista rápida assunto de tal magnitude mas, em linhas gerais, o português continua a preferir o Brasil para imigrar e o Governo Português oferece as maiores facilidades, exercendo um controle que só beneficia o Brasil, pois que exige do imigrante condições básicas para ser útil, quer de saúde, moral, técnicas e mesmo intelectual, em muitos casos.

— E essa imigração tem se acentuado e V. Excelência espera que se intensifique?

— Convenha que a nossa imigração não é de caráter dirigido e sim espontânea. Nesse caso, o imigrante é dono de sua própria vontade. Friso isto, porque no ano passado, em 1955, houve um decréscimo de cerca de dez mil imigrantes.

— A que atribui o fato?

— A disparidade cambial. Valendo, atualmente, mais o escudo que o cruzeiro, o imigrante procura, com um certo imediatismo precipitado, maior valia para o seu trabalho. Tão só. Mas suponho que essa situação se regularizará em breve.

Sem dúvida que essa situação será ultrapassada pela nova política econômica do atual Governo e vimos na palavra de Sua Excelência um bom augúrio. E voltando:



Ouvindo atentamente o relato de um caso ao qual deu mais chiste com uma observação pessoal. De pé o sr. Herculano Rebordão.

— Qual o fato que mais impressionou V. Excelência nesta sua viagem ao Brasil?

— Destacar um é impossível! Tudo me traz encantado! A natureza maravilhosa, a vida trepidante desta bela cidade, seu povo, seu ar, sua paisagem e as mil e uma gentilezas com que nos cumulam. E finalmente a posse do sr. Juscelino Kubitschek, o ponto culminante de minha missão. Mas destacar, até agora, um fato que se sobreponha aos demais, na maravilhosa seqüência de como acontecem, não posso. Estou absolutamente encantado com tudo!

— Pessoalmente qual é a idéia, suponhamos, que V. Excelência pensa levar do Brasil?

— Que é preciso conhecer pessoalmente esta terra fabulosa, sentir a complexidade de sua vida, compreender que está aqui, em gestação, uma das maiores pátrias do futuro, Pátria em que Portugal se reconhecerá com orgulho!

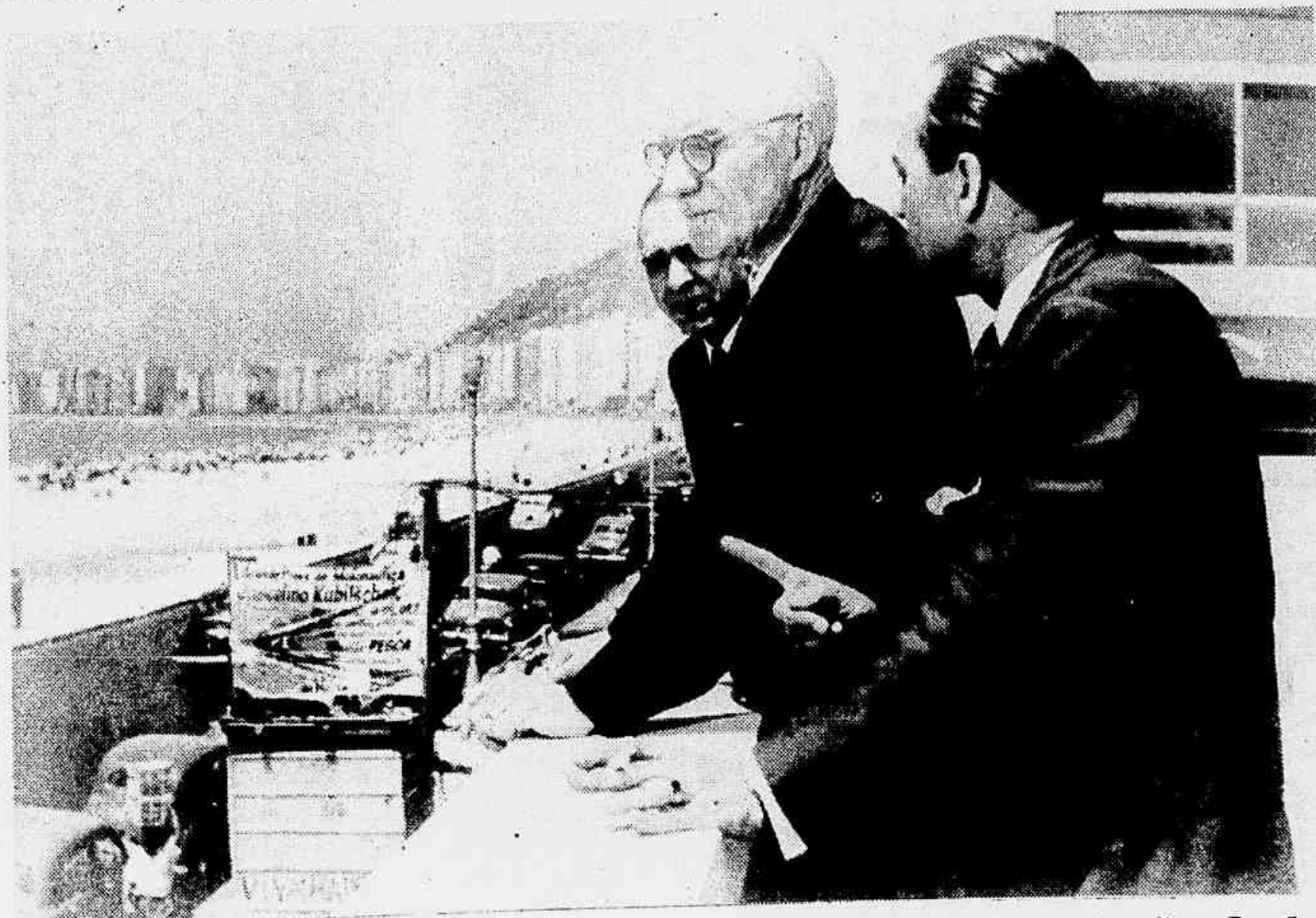
— V. Excelência pensa que será mutuamente vantajosa a formação de Bolsas de Estudo e de um maior intercâmbio cultural com o Brasil?

— Sem dúvida! E digo mais: acho que esse intercâmbio deveria abranger as figuras mais destacadas da intelectualidade luso-brasileira. Professores universitários, escritores, cientistas etc. Nós somos uma comunidade que se estende da Europa à Ásia, passando pela América e pela África. Temos uma responsabilidade histórica! Existe a Comunidade Luso-Brasileira e é preciso dar-lhe maior força e expressão.

— Que acha V. Excelência do Tratado de Consulta?

— Exatamente! Um meio de fortalecer e dar expressão real a essa Comunidade. Brasil e Portugal são, no mundo atual, uma Cultura, uma forma da Civilização, uma das múltiplas facetas da Civilização! Precisa e deve subsistir no tempo e no espaço una e indivisível.

Adiantava-se a hora. O dr. Albino Reis ainda tinha um compromisso na ABL. As três horas a cerimônia da posse no Palácio Tiradentes. Serviam um Pôrto. Trocamos os brindes. Depois, num passeio rápido pela piscina Sua Excelência ainda teve expressões de grande carinho e de plena confiança nos destinos do Brasil, com palavras que traduziam uma grande admiração e mesmo amor por esta terra que seus maiores descobriram e dignificaram, legando-nos a Nação que hoje somos, a maior cultura, a única que o homem branco construiu sob o céu dos trópicos.



Contemplando a praia de Copacabana, vendo-se o dr. Herculano Rebordão e o jornalista Gastão.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



Correio da Revista

Prezado senhor
Redator da
REVISTA DA SEMANA
Nesta.

Saudações.

Lendo a entrevista que concedi
e saiu no último número de sua
Revista, surpreendeu-me o informe
ali consignado de que eu sou «do-
no da Companhia Antarctica Pau-
lista». Tal equívoco peço-lhe seja
retificado no próximo número, por
muitos motivos óbvios e os que se-
guem:

A Antarctica é uma Sociedade
Anônima, de que a maior acionis-
ta, detentora de quase 2/3 do ca-
pital, é uma instituição brasileira
de beneficência, a Fundação Antô-
nio e Helena Zerrener que, com os
rendimentos auferidos pelas suas
ações mantém hospitais, ambulató-
rios, creches, educandários de me-
nores, colônia de férias e outras
instituições que realizam um largo
programa de assistência e educa-
ção inteiramente gratuito.

Dentre essas outras instituições,
sobressaem a Escola Industrial An-

tartica, que acolhe, em regime de
semi-internato, mais de 600 crian-
ças, tôdas elas filhas de operários
e não só os da Antarctica, mas de
qualquer empresa estranha. Essa
escola, que dá assistência aliment-
tar, médica, hospitalar, farmacêuti-
ca, higiênica, tudo gratuito, inclusi-
ve condução, aos seus alunos, é
terminada por um Curso Industrial
Superior (também semi-internato e
onde os alunos já ganham remu-
neração), do qual os jovens podem
ingressar em Faculdades de Enge-
nharia. Também um Ginásio (que
funciona em regime de internato)

só para filhos dos trabalhadores de
qualquer empresa estranha, é ou-
tra das inestimáveis realizações da
Fundação Antônio e Helena Zerre-
ner, dirigida pelos srs. dr. Walter
Belian e desembargador Modesto
de Perestrello Carvalhosa, insti-
tuições essas que prestam imensa con-
tribuição ao Brasil, quando anual-
mente recupera centenas de crian-
ças das classes menos favorecidas
pela fortuna, robustecendo-lhes os
corpos em geral subnutridos e dan-
do-lhes instrução e orientação mo-
ral e cívica e, destarte, proporcio-
nando ao Brasil cidadãos que po-
derão construir sua maior grandeza!

Nesse brilhante cenário não pas-
so de um advogado da Antarctica,
que a administração da Fundação
um dia premiou conduzindo à di-
retoria da empresa.

Peço, senhor redator, corrigir
com esses dados o erro cometido,
que, além de outros inconvenien-
tes, tem o de instilar a desconfian-
ça de que a minha opinião teria
sido inspirada por outros interê-
ses que teria uma grande empresa
industrial.

Se eu defendo a indústria, senhor
redator, é porque na sua prosperi-
dade vejo a do Brasil e o bem estar
do povo brasileiro.

Cordialmente e grato pela divul-
gação que der a esta, subscrevo-
me seu

adm.^o r. att.
Hamilton Prado

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BÉL-HORMON
nº 2. BÉL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado moderníssi-
mo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-
HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Via
Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº

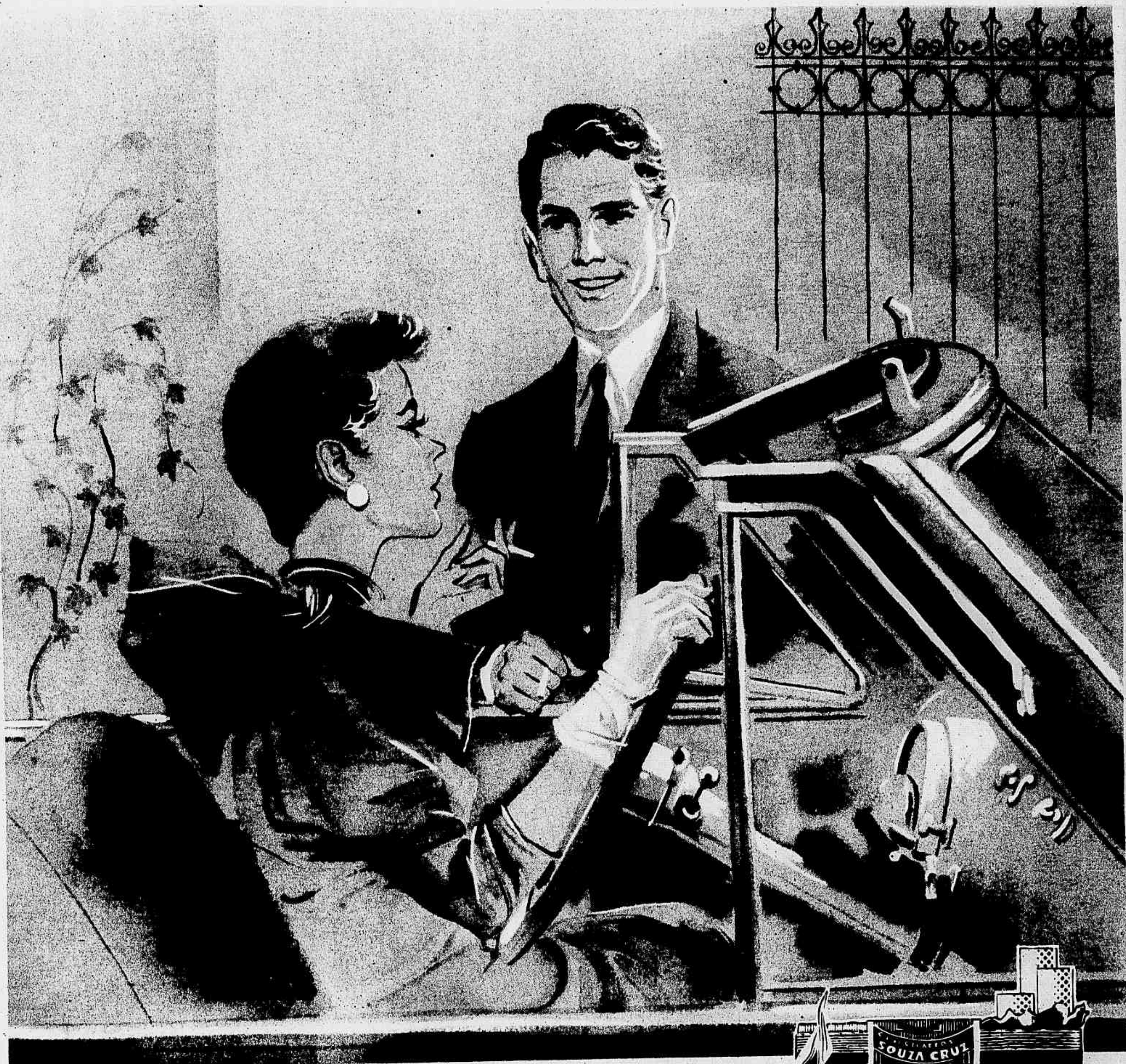
NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00



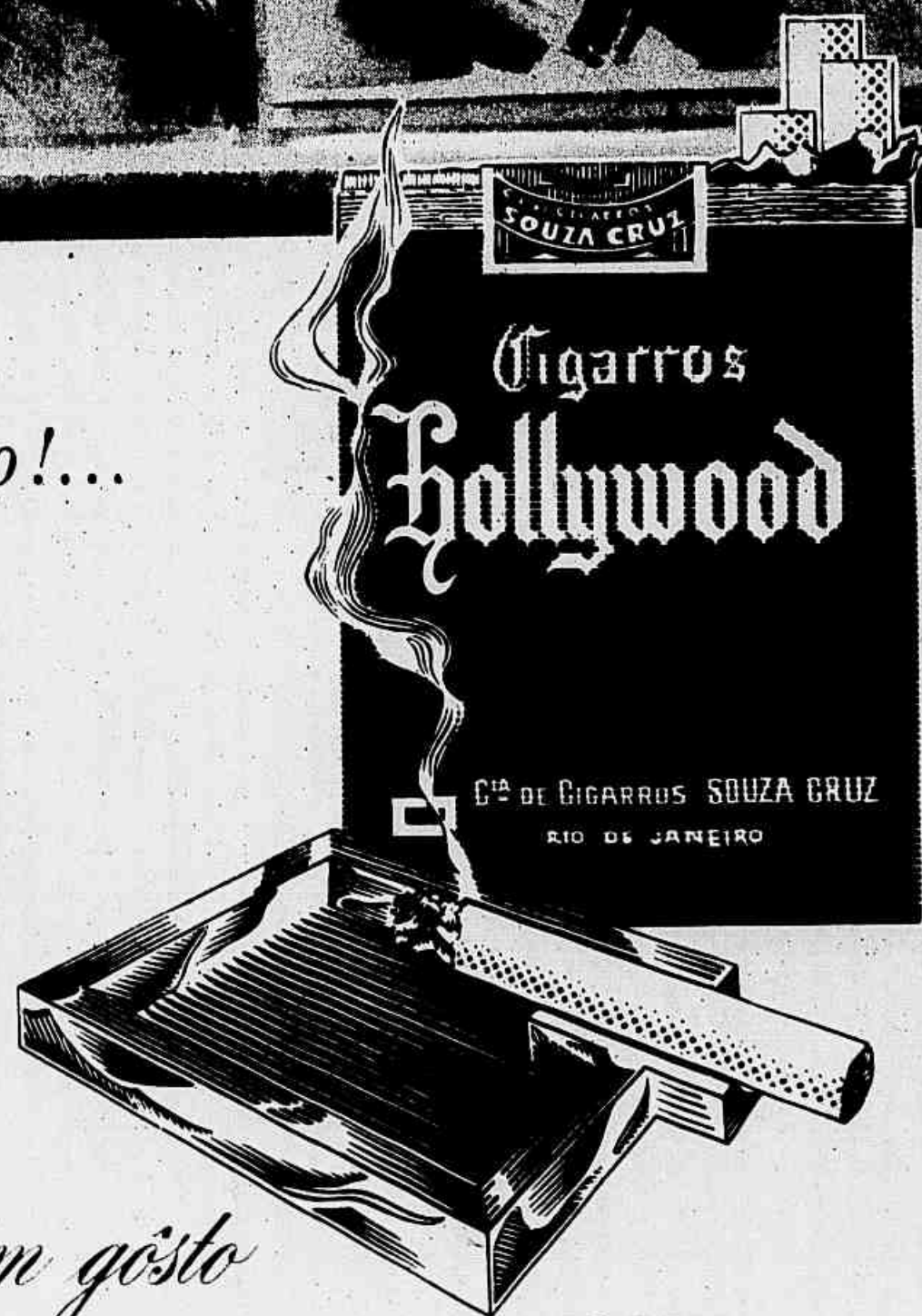
*Agora Sim!
você fuma um bom cigarro!...*

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ





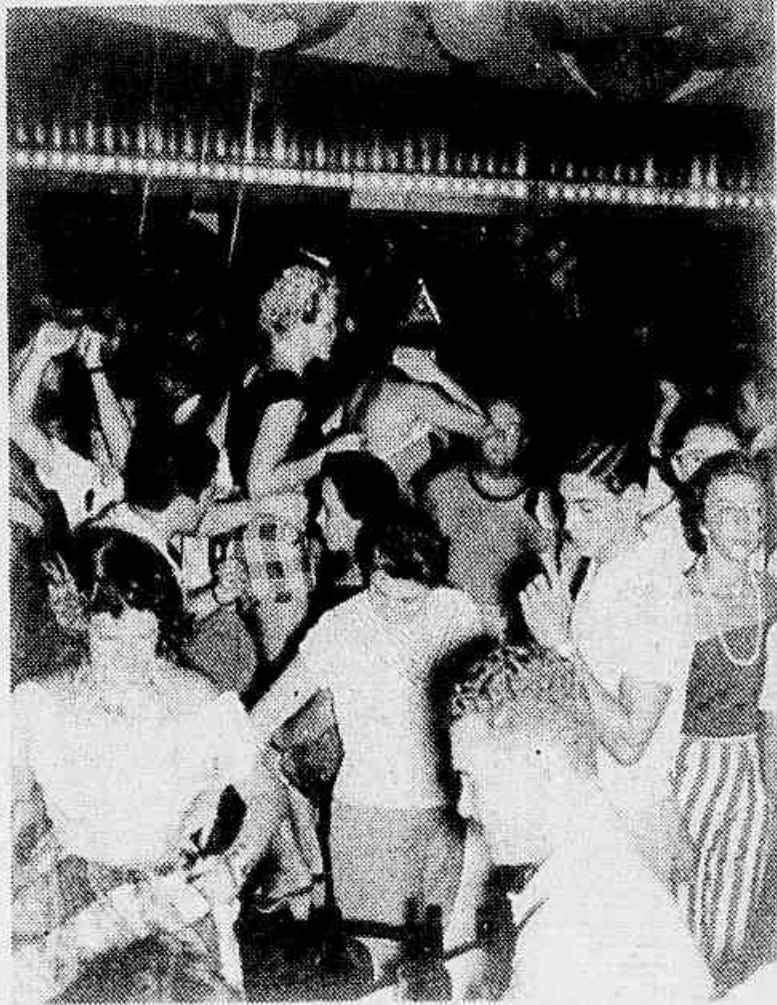
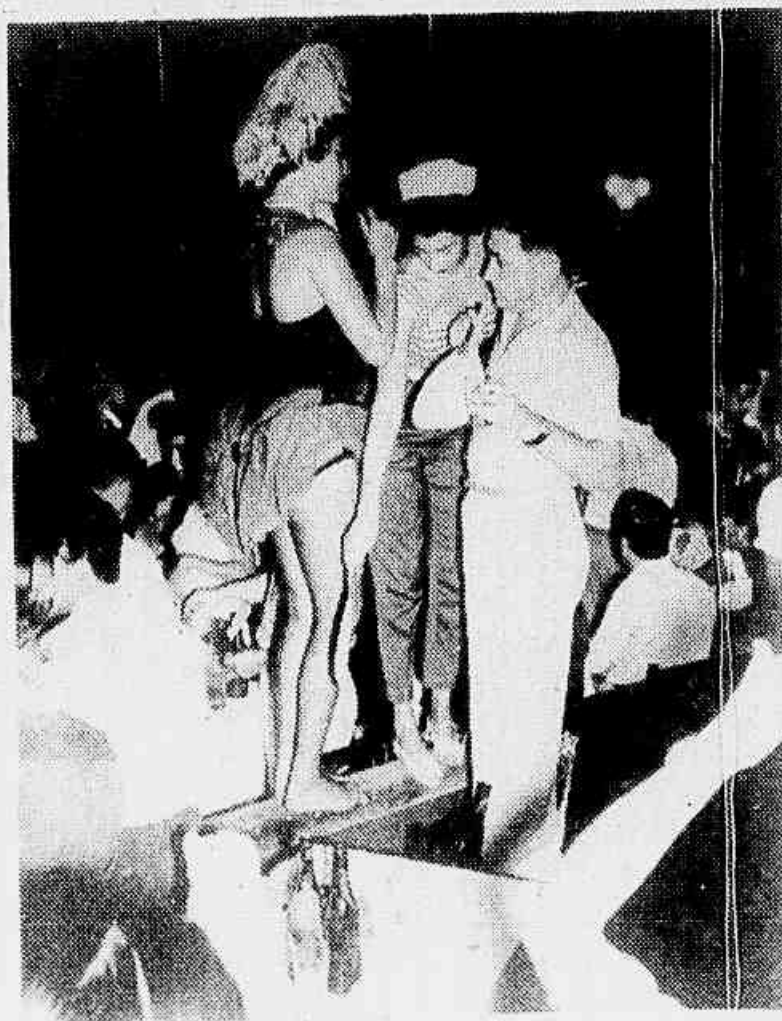


NA PÁGINA ao lado, Dóris Monteiro, em seu trono, carregada em triunfo, posa para uma legião de fotógrafos; acima, a bela Rainha do Rádio ao lado de suas não menos belas Princesas.

DÓRIS MONTEIRO COROADA RAINHA NO

BAILE DO RÁDIO

O BAILE DO RÁDIO, anualmente levado a efeito no João Caetano, êsse ano mais uma vez se realizou, num ambiente de grande alegria e animação. Dóris Monteiro, a jovem e simpática intérprete da música popular brasileira, que conquistara, havia poucos dias, em concorrido pleito, o título de Rainha do Rádio de 1956, foi coroada com grande pompa, pouco depois de os ponteiros anunciarem uma hora da madrugada. Artistas de rádio e de televisão, do cinema e do teatro compareceram, emprestando, destaque, à festa de Coroação da Rainha do Rádio, o realce e o relêvo que realmente merece.



COMO SE NÃO fôsse suficiente o chão da grande pista de dança em que foi transformado o João Caetano, a turma andou trepando às mesas, a ver se, lá por aquelas alturas, a animação era maior.

BAILE DO RÁDIO



● **TODOS OS ANOS**, a Associação Brasileira de Rádio promove o Baile do Rádio. No decorrer desse baile, que é um dos mais cotados do carnaval carioca, tem lugar a coroação da Rainha do Rádio, eleita, semanas antes, mediante votos dos fãs. O João Caetano é o cenário tradicional dessa festa, que, nos bons tempos, chegou a atrair turistas estrangeiros e até artistas do cinema norte-americano. Foi o que se deu, por exemplo, há pouco mais de dois anos, quando aqui estiveram, com Walter Pidgeon à frente, os membros de uma embaixada de Hollywood que se propunha esmiuçar os meandros do carnaval brasileiro. Esse ano, a despeito das poucas fantasias e do grande número de pessoas presentes — o que, é claro, determinou um calor interno e embarçou os movimentos de todos — não se pode dizer que a animação tenha sido menor do que nos anteriores. Houve quem brincasse a valer. Outros, como sempre acontece, ficaram pelos cantos do salão. O policiamento foi bom, as orquestras estavam excelentes, e Dóris Monteiro, mais bela do que nunca em seu traje real. (Fotos A. FERREIRA).

DUAS DINASTIAS se abraçam: Dóris Monteiro, Rainha do Rádio de 1956, e Vera Lúcia, Rainha do Rádio de 1955, num grande abraço de confraternização.



ANGELITA (CAPA DA «REVISTA») MARTINEZ, RAINHA DAS ATRIZES, ABRILHANTOU O BAILE COM SUA PRESENÇA, ENTRE OUTRAS PEQUENAS.

lo
e
a
e
i
ir
e
n
d
r
o
o
a
e
s
e



PRIMADO RADIO

COM UM sorriso de triunfo Doris Monteiro saúda seus milhões de fãs espalhados por todo o Brasil. Uma Rainha ultra-democrata.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

25 de fevereiro de 1906

CHRONICA Na mesma hora em que escrevo esta chronica, sob o abbatimento de uma doença intermitente, que me obriga a ficar em casa, agasalhado do frio e da chuva, celebram-se, na Igreja da Candelaria, as exequias officiaes pelas vitimas da catastrophe do «Aquidaban». Ouço, agora, rijas, percutientes, as salvas dos canhões. Creio tambem ouvir dobres de sinos. Penso que está terminando o officio santo. Segundo li nos jornaes, cessa o luto official depois d'esse acto solemne, realizado no rico templo, em presença do governo, do corpo diplomatico e dos proceres da situação. Li tambem a descripção dos ornamentos que se puzeram no interior da basilica: um catafalco de 17 metros de altura sobre um extenso estrado, guarnições de velludo negro, galões dourados, eça e urna, docel rematado em cruz alcançando o zimbório, tropheo, pyras, palmas, coroas... Parece-me inexpressivo tudo isso, não sendo a eclosão do sentimento geral dos que foram feridos directamente no coração, com o triste fim dos seus entes queridos. Esse exclusivismo não pode ser consciente: antes dá a essas exequias um tom de refinada arrogancia, que não condiz com a intenção christã. Não é com artificios e exhibições que se pagam o denodo e a correcção dos que depararam com a Morte no cumprimento do dever. Entre elles, foram-se muitos heróes anonymos, aos quaes a Patria não deve menos que áquelles outros, de alta representação, cujos nomes nos occorrem facilmente á memoria. As preces e as lagrimas que ascendem ás almas viajoras, nos infinitos espaços, são as preces que os labios das mães, dos filhos, dos irmãos e das viuvias sentidamente articulam, são as lagrimas feitas pelas torturas, canalizadas para os olhos, das vertentes do coração... Os actos do governo não foram para as externalizações verdadeiras, para os excruciantes apellos da viuvez e da orphandade. A entrada, na Candelaria, foi vedada ás mulheres e a quantos não tiveram convite. O que o estado quiz fazer foi uma solemnidade, quieta, tranquilla, diplomatica. Nada de choros desagradaveis, e, talvez, ataques, crises nervosas, inesperados encomodos que tirariam o apurmo aos circumstantes encasacados e graves. Seria uma decepção. Do barulho, chega o troar dos canhões... Senhoras e crianças, pobres familias dos simples marinheiros e soldados, que não tendes casacas, nem nobreza, ai de vós! A pragmatica está pondo regras em tudo. É preciso convite até para os actos de suífragios fúnebres, para as expansões de dor, para o estilar das lagrimas na casa santa de Deus.

MEU ANJO...

(Continuação da página 35)

Novamente o destino a brincar com os corações humanos, a blefar com os sentimentos, as promessas, as juras. Liette conheceu Evandro, um rapaz igualmente muito bem educado, grande defensor da poesia moderna que esperava se tornar um dia um famoso crítico literário.

Conheceram-se incidentalmente, numa reunião em que discutia-se a literatura moderna, particularmente a poesia. Evandro enaltecia os poetas modernos, enquanto Liette defendia encarniçadamente o estilo académico. Uma hora depois, o rapaz olhou-a interessado:

— Gosto de vê-la defender suas opiniões. Você é encantadoramente teimosa. Ali estava algo que jamais ouvira, algo de novo, portanto, para seus ouvidos. "Encantadoramente teimosa". Pretextando discutir o assunto marcaram novos encontros e quando Evandro confessou o que sentia por ela, seu coração não gargalhou com desprezo. Nenhuma vez ele a chamou de "minha querida", e quando a beijou pela primeira vez, ela ouviu ao seu ouvido, como um canto de cisne, um delicioso: "meu anjo".

Quem pode discutir sobre a mentalidade feminina? Quem é o louco que vai provar o equilíbrio perfeito de um coração de mulher? Com apenas aquêle "Liette, meu anjo", Evandro conquistava a recalcitrante criatura. Com aquelas duas palavras que não possuíam mais de três sílabas: "Meu anjo". Enfim, era uma experiência nova. Nada dos chavões: "você está muito elegante, querida". Evandro fazia comentários assim, por exemplo, quando a via de azul claro: "Você está repousante, meu anjo. Está analgésica, assim de azul". — "Recomende-me numa publicidade radiofônica", respondia ela rindo enlevada.

Não ficavam aí as comparações amalucadas de Evandro. Certa vez, ao voltarem de uma sessão de cinema, o rapaz quis beijá-la, o que a levou, por brincadeira, a esconder-se atrás de uma árvore da praça. Enquanto tentava levar a efeito o seu propósito, ele comentava rindo:

— Vejam só... estou beijando uma formiguinha. Vem cá, formiguinha, não sobe pela árvore, eu quero te beijar.

"Louco varrido", pensava Liette. Outras vezes, quando se erguia da cadeira espreguiçando-se, ele a olhava e dizia com ternura:

— Panterinha dominadora. Você é uma perfeita pantera, Liette. Liette, minha Liette... meu anjo adorado.

Liette resolveu: Desta vez não ficarei solteirona. Se esse Evandro aparecer com qualquer defeito que ande escondido, vai me pagar muito caro, mas se for em realidade esse meninão dos diabos, vai casar comigo nem que eu tenha de usar um revólver. Pra titia é que eu resolvi não ficar...

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

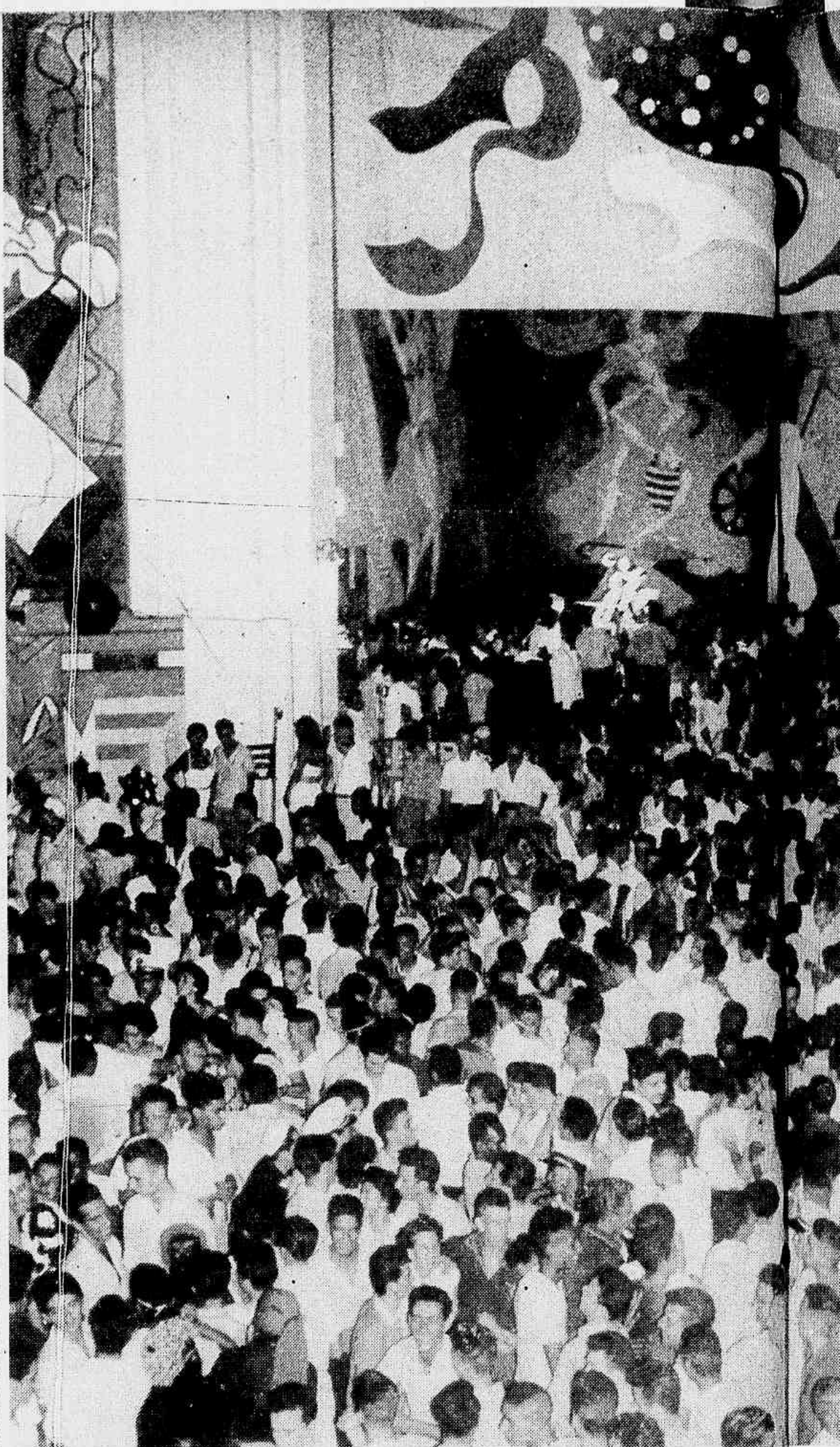
O MUNDO
PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO



FOI PEQUENO o João Caetano para conter a multidão que a ele acorreu a fim de presenciar a coroação de Doris Monteiro. Essas fotografias dizem





bem o que foi o tremendo apêto. Acima, vista geral do salão; em baixo, à esquerda, os foliões contidos por uma corda; à direita, os fotógrafos.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

O MUSEU DE ARTE MODERNA DE NOVA YORK

● FUNDADO há pouco mais de vinte e seis anos, o Museu de Arte Moderna de Nova York, nesse relativamente exíguo espaço de tempo, tornou-se o maior Museu do mundo, em sua especialidade, graças ao imenso número de seus doadores, e à qualidade das doações. Durante esses vinte e seis anos, nada menos de oitocentas e vinte e seis exposições foram realizadas, no próprio recinto do Museu nova-iorquino, e centenas de livros e catálogos publicados.

Já falamos, há pouco, dos doadores, que são pouco mais de oitocentos, até agora, entre eles computadas cerca de duzentas instituições. Dentre os doadores mais importantes, ou mais conhecidos de nós, brasileiros, estão o pianista Wladimir Horowitz, o coronel Charles Lindbergh, John Rockefeller Junior, Nelson Rockefeller, Leopold Stokowsky, Lillian P. Bliss, Maria Martins, Cândido Portinari e Lasar Segall figuram entre os brasileiros que doaram obras ao Museu. Compõe-se a grande instituição de cinco seções: a de Pintura, Escultura e Desenho, a de Gravura, a de Fotografia, a de Filmografia, e a de Arquitetura.

A seção de Pintura, Escultura e Desenho começou a ser organizada em 1929, com apenas seis pinturas, oito esculturas e dois desenhos, todos doação de particulares. Foi, em 1931, acrescida da importante Coleção Lillian P. Bliss, e, em 1935, da importantíssima coleção John Rockefeller Junior. Um primeiro catálogo, organizado em 1942 por um grupo de conservadores, apontava, no patrimônio da seção, 693 obras. Seis anos após, esse número já se elevava a 797 peças. Recentes doações, bem como aquisições de obras de galerias particulares (o Museu possui uma verba avultadíssima para adquirir obras de arte) aumentaram para 1.145 peças e acervo da seção.

● A seção de Gravura, também iniciada em 1929, com pouquíssimas peças, doadas por Paul J. Sachs, ainda em 1934 possuía somente 50 gravuras. Só John Rockefeller Junior, porém, em 1940, presenteou o Museu com 1.600 peças! Hoje, o número total de gravuras conservadas no imenso Museu é superior a 4.000.

Outra importante seção é a de Fotografia. Essa é menos recente que as duas anteriores, pois data de 1932 a sua fundação. No ano de 1943, contavam-se, arquivados, na seção, mais de 2.000 fotos. Hoje, sobe essa cifra a 2.500, de 650 artistas diferentes. De 1935 data a seção de Filmografia. Possui, atualmente, 10 milhões de pés de filmes, alguns datando dos primeiros tempos do cinema, outras cópias únicas de obras-primas. Nessa seção — curiosidade para nós, brasileiros, gratíssima — se conserva ainda hoje a única, ou uma das poucas cópias do filme brasileiro «Límites», realizado em 1929 por Mário Pei-

xoto e Edgar Brazil, e até hoje insuperado, como obra de arte, pelos nossos produtores e cineastas.

Finalmente, há a seção de Arquitetura, com maquetes de edifícios e monumentos, com os respectivos projetos. A seção, fundada em 1933, organizou em 1943 uma importantíssima Exposição sobre a arquitetura brasileira, «Brasil Builds», mostrando, detalhadamente, o que é a obra de nossos mais conhecidos arquitetos. Havia ainda uma Seção de Dança, dispersada em 1939 pelas demais seções. O Museu dispõe igualmente dos melhores laboratórios fotográficos do mundo, e de um corpo de funcionários aptos a realizarem, com presteza e conhecimento, suas funções.

Porém, é a seção de Pintura, Escultura e Desenho a mais importante de todas. Nela podem ser apreciadas algumas das obras mais representativas da Arte Moderna, desde os seus grandes precursores, Van Gogh, Cézanne, Gauguin, até aos seus últimos corifeus.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A-LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



NAIR GONÇALVES COROADA

RAINHA DO CARNAVAL

● NO BAILE de Coroação da Rainha do Carnaval houve cenas como essas que estampamos à esquerda. E não é só: efetuamos flagrantes ainda mais arrojados, que, por não poderem sequer ser publicados, passam a ser propriedade de nossos arquivos. De qualquer modo, Nair Gonçalves foi coroada por sua antecessora, Ivana Rodrigues, em meio a um ambiente de grande alegria, em pleno salão do João Caetano, pequeno para tanta gente reunida. A Polícia não empanou as festividades com as costumeiras cacetadas, o lança-perfume comeu sóto no meio do salão, fantasia foi coisa muito rara entre os foliões, e as músicas de sucesso foram «Vai, que depois eu vou», e «Quem sabe sabe». Em tempo: quem desejar ver as tais fotografias censuradas, pode passar aqui pela Redação, que é só pedir... (Fotos de ALBERTO FERREIRA).

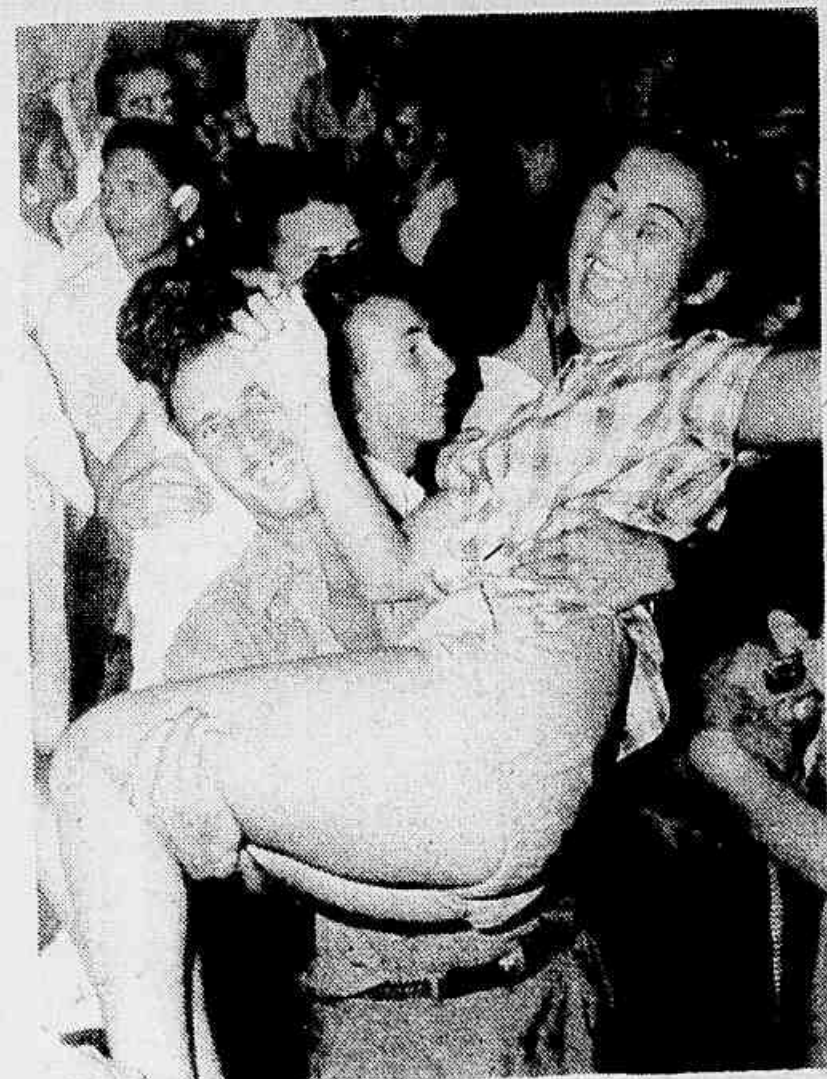


DEPOIS DA COROAÇÃO Nair Gonçalves, Rainha do Carnaval, posa para a primeira fotografia ao lado da Ivana Rodrigues, antecessora. Foi a primeira vez que as duas se reuniram.





NO BAILE da Rainha do Carnaval, foi grande a animação, mas também cenas de licenciosidade se desenvolveram. Esse marujo, à última hora, arranhou um peixeiro. E a chinesinha enrabichou-se por esse folião de maneira irresistível.



AS COISAS ANDARAM BOAS NO COPACABANA



ESSA LINDA garôta dançou a noite tóda em
verando um custoso vestido de baile e jóias
legítimas pela mão de seu feliz parceiro.



O baile do Copacabana é o ponto inicial do carnaval carioca. Quem quiser começar bem um carnaval, deve comparecer sábado à noite ao Copa, e saracotear, à vontade, nos seus salões imensos, ou no «Golden Room». E foi justamente o que fizeram, ainda esse ano, centenas e centenas de foliões, não só do Rio de Janeiro, mas também dos Estados, e até alguns rubicundos turistas norte-americanos, de nariz alagueado não só pela praia, de manhã, como também por meia dúzia de bem dosados uísques... Nada menos de quatro orquestras, sob a chefia do maestro Cópia, tocaram os maiores sucessos carnavalescos, para as legiões de alegres súditos de Momo. Por sinal que Sua Majestade esteve presente, concorrendo, com sua presença verdadeiramente notável, para maior brilho. — (Fotos de A. FERREIRA).



ESSA GAROTA, positivamente, corre grande perigo entre os dois canibais; à esquerda, 2 folionas em plena fuzarca; à direita Ruth Amaral com o seu já célebre «Cisne Real».



NO COPACABANA



❶ FLAGRANTES do grande baile de sábado de carnaval, realizado no Copacabana. As fantasias de luxo foram em grande número. E — coisa interessante — esse ano, pelo menos no Copa, não se presenciou aos excessos lamentáveis a que se entregam certos foliões. Lança perfume houve, porém em número diminuto; e as fantasias sumárias também. Olhem só, à esquerda, essa «Nêga Maluca» como está animada. E a Egipciazinha daí de cima não está verdadeiramente espetacular? Baianas, Nêgas Malucas e Ciganas imperaram no baile do Copa. Isso, sem contar os vestidos de baile e os «smokings» e «summers», em grande número. Toda a sociedade carioca — ao menos, o que dela restou, após a partida para as serras — esteve presente, divertindo-se a valer. O policiamento, discreto, mal foi chamado a intervir. A decoração, belíssima, despertou lisonjeiros comentários de turistas e foliões. Tudo, enfim, transcorreu cem por cento no baile do Copa. Para felicidade e alegria de todos os presentes.





ESSE CASAL de trogloditas se esbaldou de verdade no baile do Copa. Esse ano abundaram as fantasias de primitivos. Sinal dos tempos?...

NO COPACABANA

HOLANDESA. VIKING estilizada ou marcianna? Concluam os leitores como desejarem. O fato é que a menina estava no Baile do Copacabana, e apesar de sua complicada fantasia, despertou o entusiasmo de alguns marmanjos. Em baixo, uma dança de apaches «sui-generis», no meio do salão repleto. Como aconteceu com os trogloditas, os canibais estiveram na ordem do dia durante todo transcurso do carnaval carioca de 1956.



DOIS PALHAÇOS que se divertem a si mesmos, e aos outros. Dançaram a noite inteirinha, com seus trajes berrantes e suas caras pintadas de graxa. Nem ligaram ao calor. Em baixo, à esquerda, uma das belas fantasias que compare-





PREDOMINARAM no Copacabana os grupos de fantasias, todos com trajes iguais. As meninas de cima, por exemplo, com um pouquinho de imaginação (e muita «gaita») arranjaram essa fantasia, verdadeiramente interessante; e o que dizer dos dois marmanjos da direita, em seus trajes multicoloridos? A pequena lá de baixo pulou tanto, que em dado instante desabou no chão. Como sempre acontece nestes momentos, em seu socorro correram 2 beduínos e 1 dama egípcia



ceram ao baile do Copacabana Palace. Na mão da pequena segue um lança-perfume, que não sabemos se chegou a ser usado no lenço de algum mandarim... À direita, a fotografia de um «Rabo de Peixe» que fêz parar o trânsito.





ÚLTIMO FLASH

● O último flash do morrinheiro Carnaval de 56, foi também o que ajudou a salvá-lo: o desfile pela Avenida, debaixo de chuva, dos esheriffes do Contra Costa Country Club da Califórnia, atração máxima dos festejos de rua. Quando um dos componentes da banda marcial dos alegres forasteiros norte-americanos surgiu, abrindo o desfile, com os dois pavilhões amigos, do Brasil e dos EE.UU., os aplausos que andavam racionados para as outras expansões momescas, foram calorosos e prolongados. Joviais, de sorriso aberto e trajando suas vestimentas coloridas, de mão espalmada em um gesto clássico de esheriff (de cinema), os divertidos visitantes da cidade mereceram essas aclamações. Quarenta e oito horas mais tarde, voltavam à Califórnia, via Caracas, onde foram também levar a sua mensagem de alegria e cordialidade. (Foto N. VIANA).

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Brícola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 8 — Rio de Janeiro — 25-2-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes.
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDERECO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

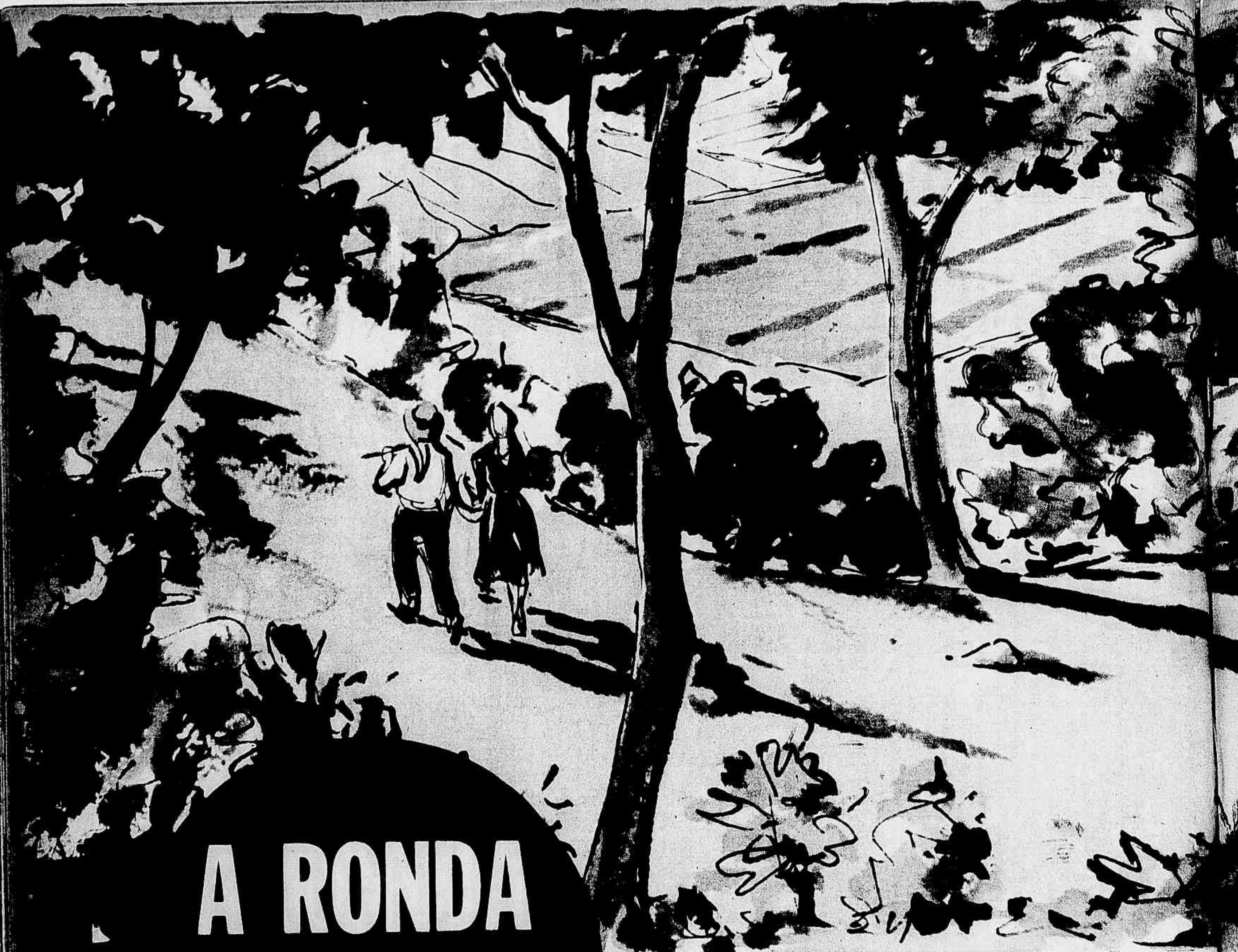
A FIGURA
EM FOCO



D. M.

Tem classe, bastante linha
Essa bonita cantora.
Do rádio agora é rainha
Que Deus a guarde, senhora!

MEN
DES



A RONDA DA MORTE

CAPÍTULO II

Novela de STIJN STRAUVELS

Ilustração de RAMÓN

NOS primeiros dias, tudo, à passagem deles, parecia novo e de um esplendor sem igual, aos olhos de Pierke. Achava maravilhoso o canto dos pássaros, e pelos campos, ia colhendo as mais belas espécies de flores. Pouco a pouco, contou a Piernelle todas as histórias que Vovó lhe havia ensinado, e foi assim todo o dia; eles se haviam detido uns instantes sobre a grama, à beira do caminho, em plena sombra, e ali Pierke acariciou, com seus dedos longos, os cabelos muito louros de sua amiguinha.

Em casa do camponês, ele penetrou na fazenda, e dormiu em um recanto onde, se guardavam alguns objetos sem uso, e sentiu uma grande vontade de recomeçar, no dia seguinte, uma nova caminhada com seus rebanhos.

Caminhando, Piernelle experimentava um vivo prazer em ouvir as histórias que lhe contava o menino, mas ao mesmo tempo não deixava de chamar-lhe a atenção para os fiapos de lã que iam tombando ao chão.

— Se teu cesto não estiver cheio até à beira hoje à noite, o pastor não te dará comida.

Essa vida continuou, até que ambos se tornaram adultos, sem que dessem sequer por isso. Pierke não estava cansado dela, e não desejava outro rumo, porém Piernelle observava os gestos e as palavras de muitas pessoas, e pouco a pouco a razão lhe chegara à mente. Por vezes, examinava Pierke com os olhos desconfiados, e notava que o menino de outrora se conservara, inteiro, por detrás do homem de hoje — era o

mesmo garoto simples e desajeitado, que acreditava em contos ingênuos e queria ainda brincar.

— Escuta, Pierke — disse-lhe ela, eis que nos tornamos adultos, e devemos agir seriamente, como pessoas adultas fazem. Iremos viver juntos, e auxiliar-nos-emos mutuamente.

E a essa proposta acrescentou tantas promessas de felicidade, de alegria, de paz, de tranquilidade, que Pierke aquiesceu. Antes de mais nada, porém, eles deveriam ter uma casa, pequena que fosse, e por mais que procurassem, todas estavam já ocupadas, e não possuíam eles meios necessários para levantar uma, por humilde que fosse. Muito depois é que tiveram uma idéia, e se lembraram de ir morar com a velha avó, que tinha uma cabana.

— Iremos morar com ela! exclamaram. Foi uma coisa resolvida, e começaram ambos a discutir como se instalariam, e como se arranjariam para ficarem livres, a fim de se divertirem o máximo possível, longe das espinhosas lides atrás dos carneiros.

— Quem sabe tua avó já não morreu, depois de tanto tempo? Isso, aliás, seria o melhor — opinou Piernelle.

E assim ambos abandonaram as caminhadas com o rebanho, bem como os cestos, e puseram-se a caminho do antigo lar da avó de Pierke.

— Cultivaremos o campo, educaremos os filhos e teremos uma cabra e um carneiro. A vida ser-nos-á boa.

E Pierke pensou que as brincadeiras estavam para recomeçar.

Viveremos como todo mundo, tranquilos, em nossa casa, solitários, somente nós dois.

Era a voz de Pierke que arquitetava planos de felicidade. E a conversarem, Pierke e Piernelle, chegaram à casinha onde o menino que hoje era um homem passara a infância. Vovó vivia ainda, sempre com o mesmo sorriso, sentada a um canto da sala, cosendo. Ficou contente de rever Pierke, agora um rapagão alto e cheio de saúde. Esse lhe narrou seu trabalho pelos campos, e disse, enfim:

— Veja, Vovó. Essa é Piernelle, que trouxe comigo. Podemos acaso morar contigo, nessa cabana? Cultivaremos os campos, e alegraremos seus últimos dias!

Vovó começou a rir, como se Pierke tivesse dito uma mentira incrível:

— Ora, meu menino! Tu és ainda muito jovem, teus primeiros dentes ainda nem caíram! Espere um pouco, não sejas avoado!

Piernelle, porém, havia bem ensinado a Pierke o seu papel, e ele não se entregou logo ao primeiro assalto, mas, pelo contrário, continuou prometendo fazer mais uma série de coisas.

Então, Vovó cessou de rir, e ajuntou muito gravemente:

— Muito bem! Diz-me então como começarás. Tens acaso dinheiro? É preciso ter dinheiro para se poder casar, para manter uma dispensa.



porque, do contrário, a fome te rondará, durante o inverno. De maneiras que, primeiro, é preciso saber trabalhar. Vejamos: tu sabes trabalhar? Aprendeste algum dia a trabalhar?

Pierke e Piernelle não disseram uma palavra. Vovó prosseguiu: — Vai, pois, trabalha, primeiro, ganha dinheiro e trá-lo para mim. Só então poderás morar comigo, tu e tua Piernelle.

Os jovens partiram, confusos e perplexos, mas, afinal Piernelle achou que Vovó bem poderia estar com a razão.

— Temos muito tempo, ainda, para divertir-nos. É preciso, antes, aprender a trabalhar. Quando tivermos juntado uma soma considerável de dinheiro, voltaremos.

Pierke desejou voltar ao seu rebanho e ao seu cêsto, mas... — Não. Nada conseguiremos economizar, ali. Devemos encaminhar-nos para o campo.

E foi assim que Pierke empregou-se na fazenda de um rico dono de carneiros, enquanto Piernelle ia trabalhar um pouco mais distante, num estábulo. Trabalhavam ali ao lado de outros empregados, e faziam como todo o mundo, porém em pensamento, estavam sempre juntos, sem abandonar o projeto de ir viver, um dia, em uma pequenina casa.

Pierke reservava todos os seus prazeres e alegrias para o futuro, e trabalhando, ganhava inúmeras moedas, que guardava cuidadosamente. Durante esse largo período de tempo, Pierke vinha, por vezes, observar se Vovó ainda vivia, detendo-se a observar a casa e o pequenino jardim, onde esperava poder habitar, um dia.

Após muitos anos, afinal, eles se apresentaram novamente diante de Vovó, e lhe mostraram o dinheiro que haviam conseguido juntar, mas era ainda muito pouco, e ela não quis dar-lhes ainda consentimento para virem habitar com ela.

Sentou-se Pierke, desencorajado, à beira da estrada, e desejou ficar por ali mesmo, sem tentar mais coisa alguma; porém, sua amiga desenhava-lhe um panorama tão cheio de coisas belas, para o futuro, e lhe mostrou a vida cheia de alegria e de felicidade que teriam, que ele retomou a coragem antiga. Porém, o trabalho era tão difícil, e os patrões tão impiedosos!

— As crianças que possuem pai e mãe já recebem do berço uma casa onde morar, sem terem de fazer nada para possuí-la — disse para si mesmo, desencorajado, Pierke, e mal podem apreciar o quanto são felizes.

Passava-se o tempo tão lentamente, e as economias de ambos custavam tanto a crescer! Eles dispensavam tudo aquilo que pudessem desprezar, e assim buscavam, vintém por vintém, constituir um bom pecúlio.

— Dessa vez, será o suficiente, Piernelle. Tu verás! Vem pois comigo! Levantou o saco cheio de moedas até a uma regular altura, acima da cabeça, e fê-las tilintar argentinamente.

— Vovó, agora poderemos morar em tua casa! Olha só quanto dinheiro te trazemos dessa vez!

A velha tomou da bolsa repleta, e foi esconder-se a um canto escuro, meneando a cabeça, em ar de quem duvida.

— Há tão pouco lugar aqui, minha casa é tão pequenina!... Não tenho senão uma cama e um pequeno espaço, no vestibulo.

— Teu leito continuará sendo teu, bem assim o pequenino espaço, no vestibulo, disseram, a uma só voz, Pierke e Piernelle, e tudo aquilo que desejares continuará sendo teu. Não necessitamos de mais que um pequenino lugar. Quando os dias forem belos, viveremos ao ar livre. E haremos de preparar, com carinho, tua comida.

E foi assim que se casaram, e fizeram sua entrada triunfal na cabana, que logo começaram a remodelar, espanando as teias de aranha e caiando as paredes. E depois iam para os campos, trabalhar.

Pierke esperava por Piernelle, e muitas vezes a olhava inquisidoramente, a ver se todas as coisas deliciosas de que ela lhe havia outrora falado iriam começar a acontecer; mas havia sempre tanta coisa que fazer, que, na sua pressa, eles quase não encontravam um segundo para se distraírem.

— Possuímos, agora, uma casinha que é nossa, bem como fruto e terras, tuão, enfim, que podemos desejar — pensava o rapaz.

— Sim, mas pode isso acaso durar eternamente? respondeu a moça. A velha dorme na cama que bem podia ser nossa, e toma todo o lugar, que é já tão pouco, na casa, além de espiar todos os nossos gestos. Isso, francamente, não pode continuar.

Afinal, tomaram coragem, e acharam que a cabana, de há muito tempo que, por direito, lhes pertencia.

— Porque necessitamos de aturar tantos desaforos? Vovó certamente não viverá mais muitos anos; ponhamo-la, pois, no sótão, propôs Piernelle. Assim ficaremos livres, poderemos rir e nos divertir sem risco de sermos espiados. Não serei feliz, durante a minha vida inteira, enquanto isso não acontecer. Enquanto não me ver livre dessa feiticeira.

Eles ainda adiaram um pouco a execução de seu plano, porém a situação não melhorou em nada. Assim, não vendo outra solução, resolveram-se lá uma bela tarde: tomaram todo o dinheiro da anciã, e após fecharem-na em um cantinho do sótão, cerraram à chave a porta. De ora em diante, teriam muito espaço para eles, e dormiriam na cama de Vovó. Faziam ouvidos moucos aos gritos de socorro da velha, e apenas de manhã e pela noitinha, levavam-lhe uma sopa rala de leite. Quando eles se esqueciam disso (o que aliás era muito comum), a anciã devia passar tome a noite toda, e em silêncio e em solidão curtir as suas penas.

(Continua no próximo número)

FORTUNA () APRESENTA FALTA de ASSUNTO

FALTA DE ASSUNTO É ESSA COISA MORTIFICANTE QUE EM CERTOS MOMENTOS ACONTECE NA VIDA...

...DOS NAMORADOS



...DO MARIDO



...DAS VELHAS COMADRES



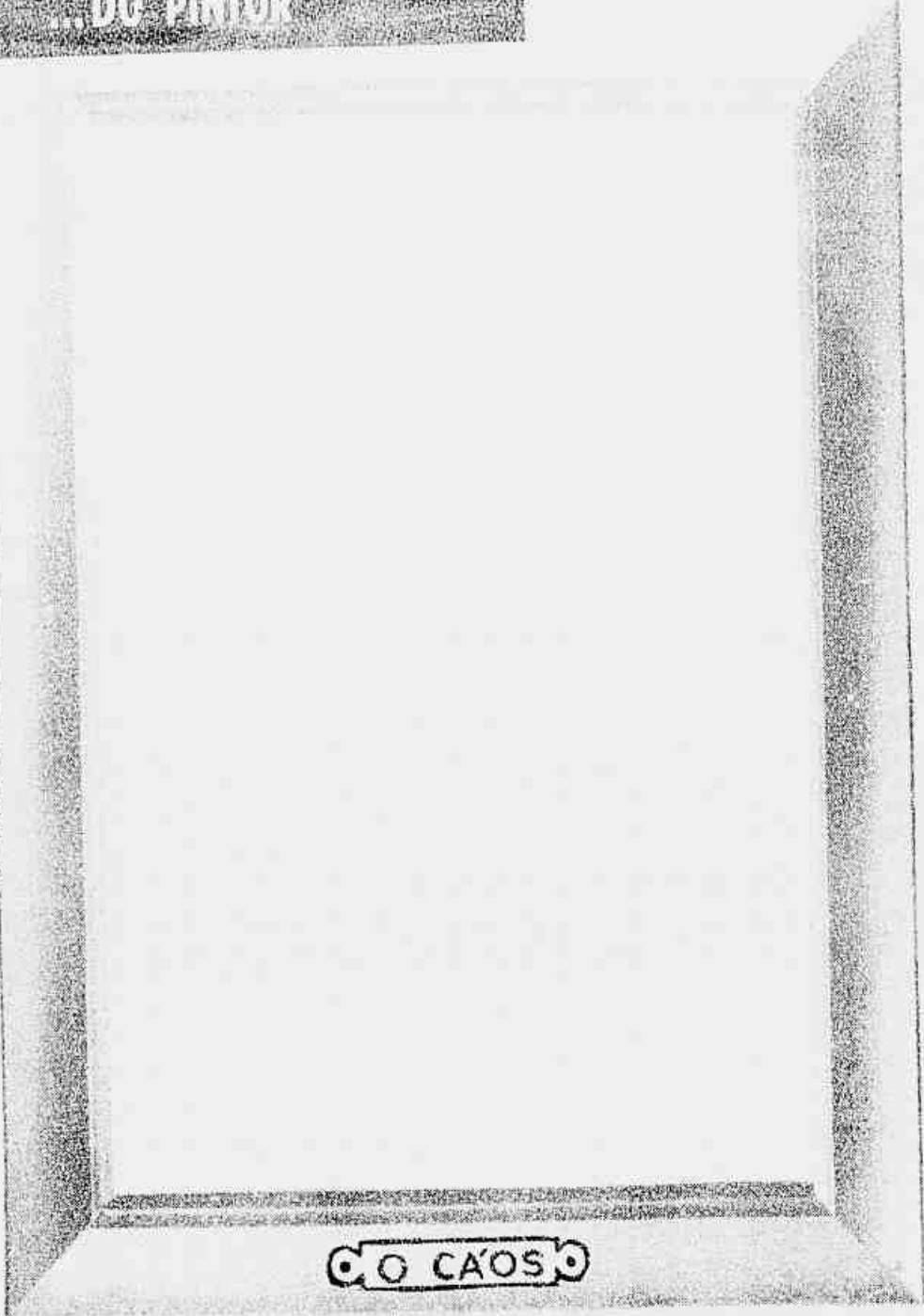
...DO PRODUTOR DE TV



...DO SECRETÁRIO DE REDAÇÃO

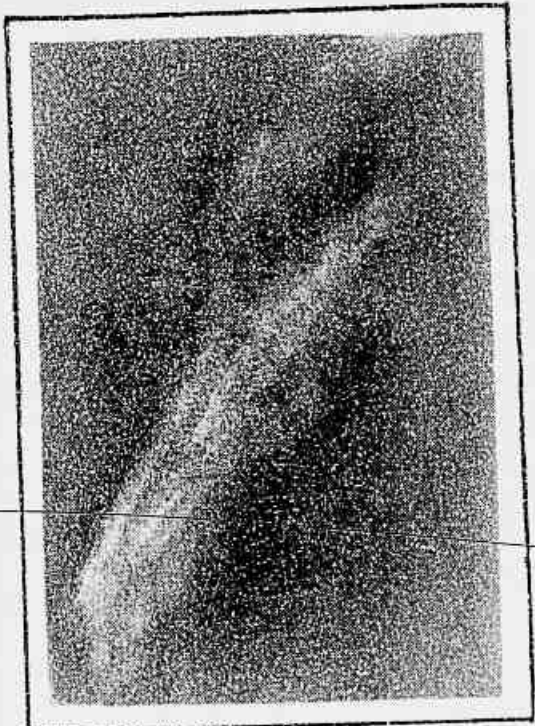


...DO PINTOR



O CAOS

...DO FOTÓGRAFO



RETRATO EM BRANCO
(SO' O NEGATIVO)

...DO POETA

Poema em Branco

Envolto no seu lençol
Um fantasma
Passou em brancas nuvens
Pela Via Láctea.
Foi quando veio Branca de Neve
Chupando picolé de côco:
"Ih! Você está pálido!"
E ele, num sorriso alvar:
"É claro!"

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Domingo, 13 de Novembro de 1955

Rafael Corrêa de Oliveira

En
do

Hor
de
o
mos
nida
ria
com
nas
leçõ
esta
nan
no
com
Res
Fal
ma
nãu
von
A
rá
Gov
tun
pel
tar
me

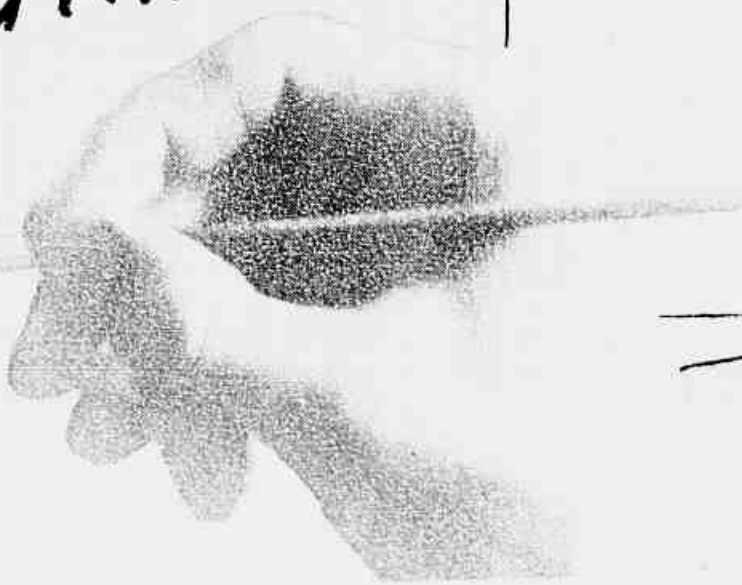
O
vista
alies
da m
cerra
ficad
de a
reto
1955.

O
quiva
Terc
encar
F. E.
encar
Const

Fol
e 5º
APR
APR

...E DESTE AUTOR

ESTAS PÁGINAS,
ORA!



MAS, ÀS VÉZES, NÃO SE TRATA
DE FALTA DE ASSUNTO

PARA BOM ENTENDEDOR,
MEIA LEGENDA BASTA.

Dormir

BEM ★ ★ ★



É MUITA COISA

COLCHÃO DE MOLAS

Selo **DE**
OURO



182-1400 43-1787
96-B (Meier)